



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

THAMIRES AUGUSTO DE BARROS CHAVES

**EMOÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA: o papel dos espaços públicos
verdes na restauração do bem-estar**

Recife

2022

THAMIRES AUGUSTO DE BARROS CHAVES

**EMOÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA: o papel dos espaços públicos
verdes na restauração do bem-estar**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Urbano da
Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em
Desenvolvimento Urbano. Área de
concentração: Conservação
Integrada.

Orientador (a): Profa. Dra. Circe Maria Gama Monteiro

Recife

2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Lillian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

C512e Chaves, Tamires Augusto de Barros
Emoções em tempos de pandemia: o papel dos espaços públicos
verdes na restauração do bem estar / Tamires Augusto de Barros
Chaves. – Recife, 2022.
171f.: il., tab.

Sob orientação de Circe Maria Gama Monteiro.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Urbano, 2022.

Inclui referências e anexo.

1. Desenvolvimento Urbano. 2. Parques urbanos. 3. Áreas verdes. 4.
Emoções - população - COVID 19. I. Monteiro, Circe Maria Gama
(Orientação).
II. Título.

400 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2022-186)



.....
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Thamires Augusto de Barros Chaves

**“Emoções em tempos de pandemia: o papel dos espaços públicos
verdes na restauração do bem estar”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do título de mestra em
Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 29/08/2022.

Banca Examinadora

Participação via Videoconferência

Profa. Circe Maria Gama Monteiro (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof. Antônio Roazzi (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Profa. Cristiane Rose de Siqueira Duarte (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Participação via Videoconferência

Profa. Edvânia Torres Aguiar Gomes (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família, Rui, Suely e Jonas, por me oferecerem todo o suporte necessário para essa conquista. Embora a distância geográfica seja uma constante nas nossas vidas, o apoio e carinho nunca deixaram de existir.

A todos os meus amigos que estiveram junto de mim nos momentos mais difíceis e aguentaram muitas das minhas reclamações, obrigada por todo incentivo, paciência, conforto e amizade.

À minha orientadora e exemplo, Prof^a. Dr^a. Circe Maria Gama Monteiro, por sua confiança, incentivo e conhecimento, que sempre me trouxeram admiração e conforto até nos momentos mais difíceis em um momento atípico de pandemia que, por diversas vezes, achei que não iria conseguir.

Ao Grupo INCITI – Pesquisa e Inovação para as Cidades, por ter me acolhido no início do meu período do mestrado, proporcionando um ambiente dinâmico, cheio de profissionais capacitados e entusiasmados em fazer ciência em prol da cidade do Recife.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE, por compartilharem seus saberes, fazendo parte da minha formação não só acadêmica, mas também pessoal.

E por fim, o meu muito obrigada à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco – FACEPE, pelo financiamento do meu projeto. Sem isto eu não teria a oportunidade de colocar a pesquisa para frente. Obrigada por apoiarem a ciência brasileira e que o futuro seja ainda mais representativo no que diz respeito ao financiamento da pesquisa científica.

A todos: muito obrigada!

Thamires Augusto de Barros Chaves

RESUMO

A vida mudou drasticamente no decorrer de dois anos da pandemia do COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, demandando mudanças nos hábitos no cotidiano da população em escala mundial. Visando minimizar o contágio, a recomendação foi de evitar saídas de casa e de que as pessoas procurassem formas de realizar o máximo de suas tarefas no ambiente domiciliar. Somado a isso, diversos estabelecimentos (públicos e privados) precisaram ser fechados como forma de contenção da disseminação do vírus, dentre eles, em um primeiro momento, os parques urbanos. Foram testemunhados relatos de declínio do bem-estar emocional da população e aumento do estresse psicológico, o que levou a uma posterior abertura dos espaços públicos pautada nas medidas de segurança, a exemplo do uso obrigatório de máscaras. Acredita-se que os espaços públicos abertos com contato direto com a natureza, como os parques, têm a função de mitigar os efeitos negativos advindos do confinamento. Dessa forma, a presente pesquisa procura analisar a experiência emocional da população no ambiente domiciliar e nos parques urbanos, buscando um entendimento da função dos parques na regeneração emocional da população durante tempos de isolamento, como o vivenciado na pandemia do COVID-19. A pesquisa fez uso de questionário online durante o período de abril a maio do ano de 2021, abrangendo um total de 177 respondentes residentes da cidade de Recife, relatando, para além da experiência emocional positiva (Alegria e Calma) e negativa (Tristeza e Tensão) no ambiente domiciliar e público de lazer, a frequência de atividades realizadas nestes dois ambientes. O questionário foi desenvolvido segundo a teoria das facetas, que possibilitou a identificação de conceitos a serem analisados e correlação entre os eles. Os resultados confirmam a correlação entre variáveis indicando a maior intensidade de experiências emocionais positivas, tanto no ambiente público quanto no residencial, das pessoas que relataram maior frequência de visitação e atividades realizadas nos parques urbanos.

Palavras-chave: emoções; parques urbanos; áreas verdes.

ABSTRACT

Life has changed dramatically over two years, with the world pandemic of the COVID-19 virus, demanding changes in the daily habits of the population. In order to prevent spreading, it was asked for people to perform as many tasks in the home environment as possible and minimize contact with others. Along with this, several establishments (public and private) were isolated as forms of containment of the spread of the virus, among them, the urban parks. It witnessed the mandatory decline of the emotional well-being of the population, and increased psychological stress, which led to the opening of public spaces with security measures, such as the use of masks. Open public spaces with direct contact with nature, such as parks, are believed to mitigate the adverse effects of confinement. In this way, the present research seeks to analyze the emotional experience of the population in the home environment and urban parks, seeking an understanding of the role of parks in the emotional regeneration of the population during times of isolation such as that experienced in the COVID-19 pandemic. The research made use of an online questionnaire during the period from April to May of the year 2021, covering a total of 177 respondents living in the city of Recife, reporting the positive emotional experience (Happiness and Calm) and negative (Sadness and Tension) in the household environment and public leisure areas, as well as the frequency of activities carried out in both environments. The questionnaire was developed according to the theory of facets, which enabled the identification of concepts and the correlation between them to be analyzed. The results confirm the correlation between variables indicating the greater intensity of positive emotional experiences, in public and residential environments of people who reported a greater frequency of visitation and activities carried out in urban parks.

Keywords: emotions; urban parks; green areas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Discrepância entre moradias na cidade do Recife.....	18
Figura 2:	Localização do Município de Recife/PE.....	22
Figura 3:	Distribuição dos Parques Urbanos de Recife/PE.....	24
Figura 4:	Aderência da distribuição de parques urbanos ao bairro de Boa Viagem.....	26
Figura 5:	Diagrama sobre fatores e situações que estariam afetando a saúde mental e o desenvolvimento de ansiedade.....	50
Figura 6:	A arquitetura dinâmica do CPM.....	63
Figura 7:	Modelos de representação da experiência emocional segundo autores de abordagem dimensional.....	65
Figura 8:	Formatação dos dados no IBM SPSS.....	95
Figura 9:	Mapa da amostra da pesquisa por bairro.....	100
Figura 10:	Mapas apresentando a percentagem de respondentes indicando ausência e presença de espaços públicos de lazer por bairro.....	102
Figura 11:	Mapa de densidade.....	103
Figura 12:	Densidade da população por Idade.....	105
Figura 13:	Distribuição de renda da população residente de Recife.....	106
Figura 14:	Densidade de cobertura arbórea dos parques urbanos de Recife – PE.....	107
Gráfico 1:	Distribuição da amostra por variável.....	98
Gráfico 2:	Intensidade das emoções durante o Isolamento Social (Lockdown)	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da população Recifense de acordo com o rendimento nominal mensal.....	19
Tabela 2: Definição do conceito de emoções.....	61
Tabela 3: Modelo de tabela gerada no SPSS em análise de correlação entre variáveis.....	96
Tabela 4: Correlação de Pearson entre Frequência de visitação aos parques urbanos e variáveis independentes dos entrevistados.....	108
Tabela 5: Correlações de Pearson das emoções positivas e negativas no espaço público segundo variáveis independentes.....	109
Tabela 6: Teste estatístico Mann-Whitney Emoções segundo frequência de visitação a parques.....	111
Tabela 7: Análise de correlação de emoções positivas e negativas vivenciadas em casa durante a pandemia.....	114
Tabela 8: Teste estatístico Mann-Whitney Test entre emoções e frequência ao parque.....	115
Tabela 9: Correlação de Pearson entre as variáveis Idade e Tempo Online.....	117

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	A CIDADE E A NATUREZA NOS TRÓPICOS	21
2	TEMPOS DE PANDEMIA: SAÚDE MENTAL E O DECLÍNIO NO BEM-ESTAR EMOCIONAL	30
3	A RUPTURA COM O LUGAR: COVID-19 E A MUDANÇA NA RELAÇÃO DAS PESSOAS COM OS PARQUES URBANOS	40
3.1	A RUPTURA COM O LUGAR A PARTIR DA PERSPECTIVA DO GÊNERO	44
3.2	A RUPTURA DO LUGAR A PARTIR DA PERSPECTIVA ETÁRIA	46
3.3	A RUPTURA DO LUGAR A PARTIR DA PERSPECTIVA SOCIOECONÔMICA	51
4	COMPREENDENDO A RELAÇÃO PESSOA -AMBIENTE	55
4.1	EMOÇÕES	61
5	PARQUES URBANOS – USOS E FUNÇÕES	67
5.1	ÁREAS VERDES E MOBILIDADE	70
5.1.1	A Cidade de 15 minutos	73
5.2	O POTENCIAL DOS PARQUES NA REGENERAÇÃO EMOCIONAL	76
6	MÉTODO	83
6.1	TEORIA DAS FACETAS	83
6.2	INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	88
6.2.1	Pesquisa exploratórias	89
6.2.2	Questionário estruturado	89
7	ANÁLISE DE DADOS	94
7.1	TABULAÇÃO E AMOSTRA ESPACIALIZADA	94
8	RESULTADOS	98
8.1	COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA	98
8.2	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA AMOSTRA	100
8.3	EXPERIÊNCIA DA POPULAÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE RECIFE	101
8.4	EMOÇÕES NO AMBIENTE PÚBLICO (PARQUES)	108

8.5	EMOÇÕES NO AMBIENTE RESIDENCIAL (CASA)	112
9	DISCUSSÃO	119
9.1	ACESSO AOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PANDEMIA E GÊNERO	120
9.2	ACESSO AOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PANDEMIA E AS GERAÇÕES	122
9.3	ACESSO AOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PANDEMIA E RENDA	125
10	CONCLUSÃO	128
	REFERÊNCIAS	133
	ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO	150

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 se iniciou com rumores de um vírus no oriente que estaria começando a se espalhar por todo o mundo. Com a rotina ainda igual a de sempre, os brasileiros continuavam pelas ruas, usando transporte público, praticando esportes em espaços abertos e públicos e até mesmo, em fevereiro, aproveitando o carnaval de rua com blocos, festas e aglomerações. Dias após a este feriado nacional de festas e comemoração, o Brasil registrou o seu primeiro caso de infecção por SARS-CoV-2¹ e, a partir disso, tudo se tornou diferente. Com efeito, os decretos estaduais tornaram as ruas vazias, tendo como objetivo evitar a disseminação do vírus através do contato entre pessoas. O uso de máscara de proteção facial, prática não existente na experiência do país, passou a ser uma medida protetiva obrigatória, e ainda optativa nos anos que se seguem.

A vida mudou drasticamente nesses dois anos de pandemia. O uso da máscara era exigido quando os indivíduos necessitavam sair de casa, porém era pedido que essas saídas fossem evitadas e que estes procurassem formas de realizar o máximo de suas tarefas no ambiente domiciliar. Dessa forma, diversos trabalhos foram transferidos ao modelo remoto, assim como aulas nos colégios e universidades, requerendo uma adaptação das pessoas e famílias ao uso de computadores para ter reuniões, assistir aulas, dar palestras, etc.; plataformas online também ganharam força nesse período, no qual foi possível a compra de aulas online, sejam elas teóricas ou de exercício físico adaptado ao ambiente domiciliar, e aplicativos de delivery, já bastante utilizados, receberam ainda uma maior demanda, agora para a compra e entrega de feiras domésticas.

O período trouxe diversas reflexões, com até o uso constante de um novo termo, sendo este o 'novo normal', no qual as pessoas deveriam estar mais conscientes dos seus atos, desenvolvendo mais empatia ao próximo, ao planeta e à natureza, uma vez que está cada vez mais nítido que as medidas de proteção devem ser

¹ Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus. Em português: Doença coronavírus 2019 ou COVID-19.

coletivas e colaborativas e que, se não cuidarmos do nosso planeta, perderemos rapidamente os nossos recursos.

Sendo assim, vale contextualizar mundialmente o desenvolvimento desta narrativa do seu início. O final do ano de 2019 foi marcado pelo anúncio de descoberta de uma pneumonia na província de Wuhan na China, sendo essa doença, de acordo com Liu *et al.* (2020), identificada como um “coronavírus SARS-CoV-2 zoonótico, semelhante ao coronavírus SARS (Síndrome respiratória aguda grave) e MERS (Síndrome respiratória do Oriente Médio)”, o qual foi denominado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) de COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*). A rápida disseminação da doença, acometendo diversos países e com um registro de infecções em 206 países até o início do mês de abril de 2020, fez com que a OMS a considerasse uma pandemia, sucedida de uma necessidade de isolamento social, distanciamento social ou quarentena como forma de contenção de sua disseminação (BROOKS *et al.*, 2020; ORNELL, 2020; SCHMIDT *et al.*, 2020). Esse contexto passou a afetar a relação pessoa-ambiente em diversas dimensões, ocasionando mudanças significativas na rotina dos indivíduos e demandando uma alta resiliência para superação e adaptação ao novo estilo de vida (BARZILAY *et al.* 2020).

No contexto brasileiro, a comunidade acadêmica já está mobilizada para estudar os efeitos desse período pandêmico (ainda em ocorrência) na saúde mental da população (LIMA, 2020; BARROS *et al.*, 2020; PEREIRA *et al.*, 2020), evidenciando o aumento de relatos dos sentimentos de depressão, tristeza e ansiedade durante este período.

A pandemia de COVID-19 introduziu diversos estressores, incluindo solidão decorrente do isolamento social, medo de contrair a doença, tensão econômica e incerteza sobre o futuro (BARROS *et al.* 2020).

De acordo com Brooks *et al.* (2020), em períodos de epidemias e isolamento social, há uma maior incidência ou agravamento de casos relacionados à saúde mental e, segundo o Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (CEPEDES, 2020), em situações de epidemia, o número de pessoas psicologicamente afetadas pode alcançar um terço ou até mesmo metade da população, podendo apresentar consequências psicológicas e psiquiátricas caso não recebam cuidados adequados.

Em análise sobre a frequência de tristeza, nervosismo e alterações do sono durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, Barros *et al.* (2020) constataram elevados números de pessoas com aumento de sintomas de depressão e ansiedade, sendo os relatos mais frequentes por parte de jovens adultos, mulheres e pessoas com antecedente de depressão, evidenciando uma necessidade de aprofundamento na discussão da saúde mental da população brasileira no momento atual, assim como a munição para possíveis eventos de estresse que a sociedade possa vir a enfrentar.

As alterações no modo de vida decorrentes da pandemia abarcam diversos contextos, tanto individual quanto coletivo, gerando uma necessidade de se pensar soluções condizentes com as novas demandas da sociedade. Ao analisarmos esse evento no Brasil, faz-se também necessário mencionar o contexto socioeconômico de sua população, pois, em um momento com alta demanda de isolamento em suas residências, exigir de todos o cumprimento das regras, quando muitos encontram-se em situações precárias de moradia ou até mesmo em situação de rua, é uma tarefa extremamente desafiadora, fator este também ressaltado por Ribeiro (2021) e Feitosa & Oliveira (2021).

Um debate o qual necessita ganhar mais força nesse novo contexto é o direito à terra e moradia à população brasileira, assim como a necessidade do saneamento de qualidade à população (BONDUKI, 2021; VOGEL, 2021, SOMEKH & ALVIM, 2021; BORDE, 2021; FEITOSA & OLIVEIRA, 2021), em razão de a maioria das atividades serem, agora, realizadas no ambiente domiciliar. No entanto, o foco deste trabalho está direcionado a um outro debate que também precisa se adaptar às novas demandas decorrentes da pandemia: o direito ao espaço público e verde com qualidade e segurança.

“O modo de morar e de viver preconizado por esse cenário, embora possa ter alguns aspectos positivos, tende a reforçar o individualismo, o isolamento entre as pessoas e a segregação, além de desestimular a convivência no espaço público. Ele pode gerar uma cidade ainda mais desigual, onde uma grande parte da população é excluída das oportunidades urbanas. Essa perspectiva precisa ser enfrentada com políticas públicas que se contraponham a essas tendências”. (BONDUKI, 2021)

A realidade de desigualdade social brasileira impossibilita um ambiente domiciliar seguro para várias famílias neste período de pandemia, sendo

possível observar espaços públicos sendo ainda bastante utilizados. Bonduki (2021, p. 142) pontua a necessidade de vigilância dos espaços e equipamentos públicos a fim de controlar aglomerações, uma vez que “a procura por locais abertos para recreação, como parques, praças e áreas livres, continuará grande, ampliando a reivindicação por mais espaços públicos de qualidade”.

Dessa forma, um novo desafio no modo de pensar a cidade e seus espaços públicos de lazer torna-se evidente, visibilizando a necessidade de espaços que atendam às demandas da sociedade com segurança. Por meio de observações ocorridas no contexto urbano e discussões durante o período pandêmico, está cada vez mais evidente que o espaço físico mantém influência sobre o ‘sentir’ do ser humano; desta forma, optou-se pela contextualização teórica da relação pessoa-ambiente, advinda dos estudos da psicologia ambiental. O entendimento desta relação e, principalmente, a centralização desta pesquisa no espaço físico e sua influência no bem-estar mental da sociedade em um momento atual de crise coletiva foram baseados no conceito chamado ‘teoria do lugar’ (Canter & Groat, 1977; Canter, 2008; Relph, 1976), levando em consideração não apenas o potencial que as pessoas carregam na modificação do espaço, mas como o espaço físico interfere nos processos humanos. Tendo esta perspectiva de influência do espaço no modo como as pessoas se sentem, uma hipótese surgiu e tornou-se norteadora ao desenvolvimento desta pesquisa, sendo ela a contribuição positiva do espaço público aberto, mais especificamente dos parques urbanos ricos em verde na saúde mental dos indivíduos no contexto atual.

Um “impulso” improvável para alcançar a sustentabilidade nas cidades veio com o surgimento da pandemia do COVID-19, que – devido a inúmeros desafios – levou à necessidade de mecanismos novos e inovadores para as cidades exercerem suas atividades econômicas enquanto aplicavam protocolos de saúde rigorosos [...] O surgimento desta pandemia expôs a vulnerabilidade das cidades em seu atual estabelecimento e a necessidade de um repensar radical, onde medidas inovadoras precisam ser adaptadas para garantir que a população urbana seja capaz de lidar e continuar com suas atividades básicas, incluindo as atividades culturais, para garantir que as cidades permaneçam resilientes e habitáveis a curto e longo prazo (MORENO *et al.*, 2021, p. 94, **tradução nossa**).

Em 2016, a Organização das Nações Unidas (ONU) promulgou a Agenda 2030, na busca por compromisso e cooperação internacional para enfrentamento da

ameaça representada pela mudança climática e degradação ambiental. Neste sentido, foram estabelecidos também os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que visam divulgar amplamente a necessidade de transformar nossa relação com o planeta. Além destes objetivos gerais, são estabelecidos também indicadores para monitorar os resultados e fomentar políticas e programas a nível local.

Objetivos para a promoção de cidades sustentáveis estão em constante desenvolvimento e adaptação. Com a chegada da pandemia do novo coronavírus, devemos ir além das metas estabelecidas, pensando na resiliência urbana, tanto física como social, para que consigamos superar o momento de crise e estar preparados para futuras situações.

Dentre os objetivos listados pela ONU, um deles tem como princípio tornar cidades e aglomerações humanas inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis, estabelecendo o acesso universal e seguro a espaços públicos e verdes, em particular para mulheres, crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiências (Objetivo 11). Esta meta estará sendo monitorada pelo indicador 11.7.1, que determina a média de espaço aberto para o uso público compartilhado por todos (ONU, 2015, p. 30), revelando a importância não somente da presença de espaços públicos vegetados nas cidades, mas principalmente o modo como respondem às necessidades de seus habitantes, principalmente as populações mais vulneráveis.

Este indicador parte da premissa da grande importância do acesso a espaços públicos abertos com segurança para a qualidade de vida das pessoas, tornando-se ainda mais evidente no período atual de pandemia. A presença de parques, praças e espaços vegetados na área urbana, ou seja, o compartilhamento da natureza na cidade, segundo inúmeras pesquisas, contribui além do âmbito ambiental, sendo também um importante fator no campo social, respondendo por maior socialização e formação de tecidos sociais de comunidades, mitigação de stress, maior índice de saúde com diminuição de doenças como cardiopatias, pressão alta entre outras (WHYTE, 1980; CARDOSO, SOBRINHO E VASCONCELLOS, 2015; MENESES, 2018). Em sociedades com grande desigualdade social, significa também a possibilidade

de interação e convivência entre diferentes, com a geração de respeito, empatia e, conseqüentemente, a diminuição da violência e criminalidade.

O manifesto *A Cidade Que Precisamos Agora* (*The City We Need Now – TCWNN*, 2022), elaborado por parceiros do ‘*The World Urban Campaign - WUC*’, ressalta a importância, em escala global, de se pensar cidades que ajudem no enfrentamento das dificuldades vivenciadas em áreas urbanas na atualidade, tal como o impacto das mudanças climáticas nas cidades - em especial às pessoas em situação de vulnerabilidade -, a integração de imigrantes e refugiados às cidades e, mais recentemente, o impacto do vírus no ambiente urbano.

Os pensadores do manifesto, vindo de diversas partes do mundo e com diferentes experiências, acreditam que, para que as cidades se tornem realmente sustentáveis, devemos focar com mais intensidade no desenvolvimento de 10 conceitos no ambiente urbano, sendo eles: “saúde e bem-estar; paz e segurança; adaptação ao clima e resiliência; inclusão e igualdade de gênero; oportunidades econômicas para todos; cultura e identidade; governança local; planejamento e desenho urbano; habitação, serviços e mobilidade, e; aprendizado e inovação” (TCWNN, 2022, p. 03, **tradução nossa**). Essa pesquisa compartilha de tais pontos, o que leva ao estudo de como o vírus SARS-CoV-2 impactou a saúde emocional na vida da população e como espaços verdes integrados aos centros urbanos podem ajudar no enfrentamento de futuras situações de doenças contagiosas, levando em consideração a manutenção do bem-estar da população em momentos de estresse, mas também a adaptação das cidades frente às mudanças climáticas e mitigação dos desastres ambientais em decorrência do mesmo.

A demanda pelo isolamento social da população como medidas de saúde trouxe à tona questionamentos sobre alternativas seguras de restauração psicológica que a cidade poderia estar oferecendo para sua população em tempos de crise. Com uma sociedade marcada pela desigualdade social, ficando ainda mais nítida no período de pandemia e evidenciando uma situação de desvantagem para vários no cumprimento das medidas impostas, os espaços públicos abertos parecem ter se tornado um refúgio, possibilitando atividades que contribuem à

saúde física, como mencionado anteriormente, mas também lidando com a demanda de resiliência mental para superação de adversidades do período.

Sendo um período recente, marcado por emoções de tristeza e medo, foi construída a necessidade de entendimento de como o acesso aos espaços públicos de uma cidade poderia estar ajudando na regeneração mental/emocional da população e, ao visitarem parques urbanos, quais emoções são despertadas nos indivíduos. A partir da avaliação das emoções relatadas no ambiente público, é almejada a contribuição no debate do investimento destes espaços nas cidades como melhoria da qualidade de vida urbana.

Tendo em mente o discurso da sustentabilidade urbana e a importância das áreas verdes nas cidades, aliados à situação atual de pandemia e ao impacto dela na saúde mental da sociedade, o presente trabalho tem como objetivo o entendimento da função dos parques urbanos como um mitigador de emoções ruins ou até mesmo um regenerador emocional da população durante tempos de distanciamento social.

A problemática e pergunta inicial que causaram o interesse por uma análise científica do fenômeno no contexto atual foi: como as atividades realizadas nos parques urbanos impactam a saúde mental dos seus visitantes/usuários durante o período de pandemia do novo Coronavírus?

Escolhida a cidade do Recife para o exercício de aplicação metodológica, vale contextualizar já de início a realidade recifense, associando-a à amostra adquirida durante o desenvolvimento da presente pesquisa, tendo um maior desenvolvimento da contextualização geográfica (em suas diversas faces, tal como física, social e cultural) de Recife no capítulo seguinte.

Recife é marcada, assim como diversas cidades brasileiras, por um alto nível de desigualdade social. Uma realidade com cenários de intensa discrepância, como é possível de observar na figura abaixo.

Figura 1: Discrepância entre moradias na cidade do Recife



Fonte: CNN Brasil, 2021².

Isto também é comprovado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Censo realizado no ano de 2010, indicando ainda que, na distribuição da população a partir da perspectiva do rendimento mensal, a maior concentração da população recifense encontra-se sem rendimento ou ganhando entre meio e um salário mínimo, como é possível observar na **Tabela 1**.

Apesar disso, devido às medidas de segurança declaradas para contenção da disseminação do vírus durante a pandemia do COVID-19, a presente pesquisa teve em maior número da sua amostra uma população com rendimento entre um e dez salários mínimos, visto a necessidade de aplicação do questionário em modelo remoto (online), sendo este instrumento escolhido por medida de segurança, uma vez que as restrições para segurança de saúde pública previam o distanciamento social e isolamento, quando possível.

² Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/meio-milhao-de-mortes-por-covid-carrega-marca-da-desigualdade-do-brasil/> >

Tabela 1: Distribuição da população Recifense de acordo com o rendimento nominal mensal

Censo Demográfico 2010 - Rendimento - Resultados da Amostra									
Tabela 4.13.2.1 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de atividade na semana de referência e as classes de rendimento nominal mensal, segundo as mesorregiões, as microrregiões e os municípios - Pernambuco - 2010									
Município	Pessoas de 10 anos ou mais de idade								
	Total	Classes de rendimento nominal mensal (salário mínimo) (1)							
		Até 1/2	Mais de 1/2 a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 5	Mais de 5 a 10	Mais de 10 a 20	Mais de 20	Sem rendimento (2)
Recife	1 336 198	110 804	279 149	220 664	146 644	74 827	37 461	24 598	442 052
Censo Demográfico 2010 - Rendimento - Resultados da Amostra									
Tabela 4.13.2.1 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de atividade na semana de referência e as classes de rendimento nominal mensal, segundo as mesorregiões, as microrregiões e os municípios - Pernambuco - 2010									
Município	Pessoas de 10 anos ou mais de idade								
	Condição de atividade na semana de referência								
	Economicamente ativas								
	Total	Classes de rendimento nominal mensal (salário mínimo) (1)							
Até 1/2		Mais de 1/2 a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 5	Mais de 5 a 10	Mais de 10 a 20	Mais de 20	Sem rendimento (2)	
Recife	755 228	54 300	194 589	192 567	117 428	62 789	31 855	21 397	80 302
Censo Demográfico 2010 - Rendimento - Resultados da Amostra									
Tabela 4.13.2.1 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de atividade na semana de referência e as classes de rendimento nominal mensal, segundo as mesorregiões, as microrregiões e os municípios - Pernambuco - 2010									
Município	Pessoas de 10 anos ou mais de idade								
	Condição de atividade na semana de referência								
	Não economicamente ativas								
	Total	Classes de rendimento nominal mensal (salário mínimo) (1)							
Até 1/2		Mais de 1/2 a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 5	Mais de 5 a 10	Mais de 10 a 20	Mais de 20	Sem rendimento (2)	
Recife	580 969	56 503	84 560	28 096	29 215	12 038	5 606	3 201	361 749
(1) Salário mínimo utilizado: R\$ 510,00. (2) Inclusive as pessoas que recebiam somente em benefícios.									

Fonte: IBGE, 2010.

Sendo assim, com uma sociedade tão desigual e de maioria fazendo parte de um grupo de baixa renda, é de se imaginar que nem todos tenham acesso às tecnologias ou, até mesmo, que os questionários aplicados não tenham

alcançado estes grupos devido ao meio de disseminação. Apesar da limitação presente durante o desenvolvimento da pesquisa, serão discutidas as emoções relatadas pelos participantes que se disponibilizaram a responder o questionário, relacionando suas respostas nos dois ambientes de análise definidos, porém trazendo, também, a perspectiva de estudos científicos que abordam a questão da desigualdade e de grupos marginalizados no direito à cidade, contextualizando, neste caso, ao período de pandemia do COVID-19.

Dito isto, retomemos aos principais eixos que guiaram esta pesquisa, sendo as emoções sentidas pela população nos ambientes 'Casa' e 'Parque' durante o período de crise sanitária ocasionada pela pandemia do COVID-19, assim como a frequência em que a mesma população realizou atividades cotidianas (algumas delas novas e específicas do momento de pandemia) em ambos os ambientes.

Estes eixos guiaram a estratégia de análise, sendo ela a avaliação da intensidade de emoções positivas (Alegria e Calma) e negativas (Tristeza e Tensão) em diversas situações ocorridas no ambiente residencial e público, como também a frequência na qual os participantes estiveram submetidos a tais situações. Foi pedido que os próprios respondentes julgassem sua frequência como alta ou baixa, visto a subjetividade deste parâmetro, pois o que pode ser baixo em uma perspectiva poderia ser alto em outra. Desta forma, livre de julgamentos, o público contribuinte da pesquisa pôde estar avaliando de forma individual e singular o nível da frequência das atividades.

Tendo como hipótese a influência positiva dos espaços públicos de qualidade, que proporcionem contato com a natureza, para a regeneração da saúde mental da população, sendo ainda mais relevantes em tempos de intenso estresse, foi definida uma análise de emoções relatadas nos espaços públicos abertos durante o período de pandemia em ocorrência, Com o objetivo de avaliar o papel de tais ambientes na vida e saúde mental dos seus usuários durante o distanciamento social. Além das emoções vivenciadas no espaço público, foi ainda feita uma análise das emoções sentidas no ambiente domiciliar, havendo, assim, a possibilidade de relação entre as experiências relatadas.

Deste modo, a primeira parte do questionário foi direcionada ao entendimento da intensidade das emoções nas situações ocorridas no ambiente domiciliar, seguida pela avaliação da frequência das atividades ali vivenciadas; a segunda parte foi direcionada à intensidade das emoções no ambiente público, seguida pela avaliação da frequência destas atividades. A parte final do questionário foi dedicada ao entendimento do contexto social e econômico do entrevistado (tendo este permanecido no anonimato), assim como a sua situação geográfica na facilidade de acesso aos parques públicos.

Os dados dos participantes coletados em questionários foram analisados com utilização do software *IBM SPSS Statistics 21*, dividindo-os por espaço de análise e categorias de emoção em cada um destes espaços; cada emoção passou por um processo de correlação entre variáveis pré-definidas para o estudo, sendo elas: Gênero, Idade, Renda, Escolaridade, Quantidade de Moradores, Tempo Online e Frequência de Visitação aos Parques. Tal análise permitiu a verificação de como variáveis sociodemográficas influenciam as emoções sentidas nos espaços públicos.

1.1 A CIDADE E A NATUREZA NOS TRÓPICOS

Elementos climáticos fazem parte do processo de desenvolvimento cultural em regiões de todo o mundo, e em Recife não seria diferente. Recife (**Figura 2**) é uma cidade litorânea, de clima tropical, fortemente urbanizada, possuindo uma área de 218,843 km², com 1.537.704 habitantes e densidade demográfica de 7.039,64 hab/km² (IBGE, 2010). Com uma cultura marcada pela ocupação das ruas e aproveitamento do espaço público, idas às praças para um jogo de dominó ou praias, carnaval de rua, mesas de bares nas calçadas, partidas de futebol em campos improvisados e diversas outras atividades ao ar livre marcam a cidade e o aproveitamento do tempo ensolarado em áreas externas.

Essa proximidade social está na essência do ser humano, materializada em diversas formas de manifestações culturais: nas escolas, nos teatros, nos cinemas, nas arenas multishow, nas festas, nos templos, nas praças, nas ruas, nos estádios, nos bares e restaurantes. Essas seriam as “aglomerações do bem”, agora impedidas de existir em razão da adoção do *lockdown* em diversas cidades (MENEZES, 2021, p. 92/93)

Apesar deste forte traço na cultura recifense, um obstáculo enfrentado pelas pessoas que estão nas ruas é o desconforto térmico. Com temperaturas médias anuais que variam em torno dos 30 °C, aproveitar o espaço público ou até mesmo fazer uma pequena caminhada da casa ao trabalho se tornam atividades incômodas por várias vezes e muito dos pequenos prazeres de se aproveitar o ar livre acabam ficando de lado ou concentradas em poucos espaços espalhados pela cidade, como alguns parques providos de maior arborização ou a orla da praia. Um outro exemplo é a troca da caminhada ou bicicleta até o trabalho ou afins pela praticidade da utilização de automóveis para os que têm essa escolha, no qual há a possibilidade de climatização interna; como também o uso de áreas de lazer privadas e fechadas com a mesma possibilidade do usufruto do ar-condicionado, como os shoppings.

Figura 2: Localização do Município de Recife/PE.



Fonte: Produzido pela autora, 2020.

Marcada por um processo de urbanização fragmentada, os elementos naturais de Recife foram negligenciados, havendo uma remoção da cobertura vegetal original, aumento da impermeabilização, áreas de mangue aterradas e a ocupação das margens dos rios, influenciando diretamente o regime de cheias e ocasionando alagamentos frequentes na cidade, fator destacado por Meneses (2018, p. 119), quando fala que:

A despeito de ter sido a primeira cidade da América a possuir um plano diretor, desenvolvido ainda no século XVII, período de dominação holandesa em que também foi construído o primeiro parque do Brasil, a cidade do Recife cresceu sem ordenamento e sem considerar as áreas verdes responsáveis pela condição agradável da região e que tanto influenciaram a instalação de seus primeiros habitantes.

A autora faz um levantamento dos parques urbanos da cidade do Recife, contando com a presença de 12 parques, cobrindo uma área de 592.747,03 m², sendo este número o equivalente a 0,27% do território municipal, levando à conclusão de que o índice de verde na cidade é baixo para atender o número atual de habitantes, ainda mais quando se observam projeções do aumento numérico da população.

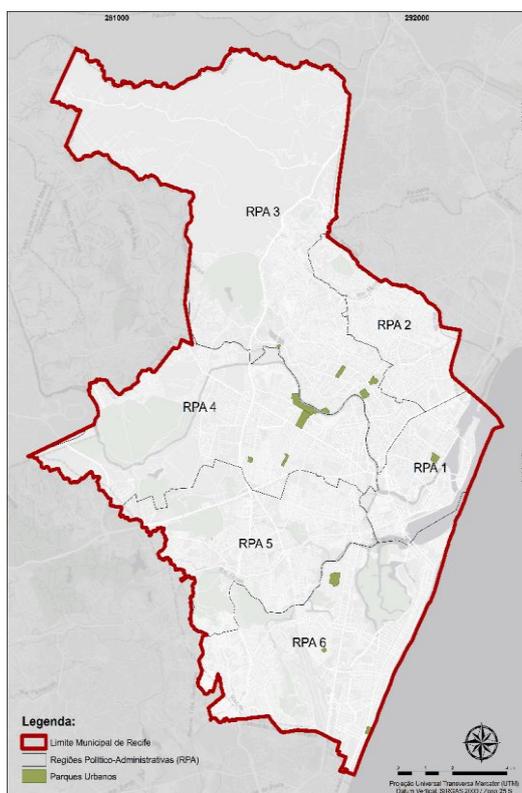
Em uma revisão histórica sobre o aparecimento dos parques na cidade do Recife, Sá Carneiro (2004) contextualiza a expansão do olhar ecológico no estudo 'As diretrizes de um plano regional para o Recife' no início da década de 1950, dando início ao momento de aumento de interesse no número de áreas vegetadas e parques na cidade. Apesar da preocupação com os espaços públicos, Sá Carneiro (2004) aponta que os projetos não eram direcionados de forma equitativa na cidade, contemplando bairros socioeconomicamente privilegiados, legado que pode ser observado até os dias atuais, havendo uma maior espacialização e financiamento de projetos para praças, parques e jardins em zonas privilegiadas da cidade, como é o caso da zona norte da cidade de Recife, onde estão localizados os bairros de Casa Forte, Parnamirim e Poço da Panela.

O Rio Capibaribe, que corta a cidade, separa duas realidades quando observamos os espaços constituintes de suas margens. Os bairros acima citados da zona norte compõem a margem esquerda do rio, sendo alvos de projetos de parques e jardins em sua margem; já o lado direito, composto por

bairros que abrigam um maior número de residentes de estratos sociais mais carentes, não possui a mesma visibilidade para tais projetos, fator este também pontuado por Sá Carneiro (2010, p. 105), destacando que “a maioria da população, cerca de 60%, reside em bairros pobres. Em muitos desses bairros, os espaços livres de recreação se resumem aos campos de pelada e às pequenas praças”.

Recife é dividido em seis regiões político-administrativas (RPA), como é possível observar a partir do mapa de distribuição dos parques urbanos da cidade do Recife (**Figura 3**); é possível, ainda, visualizar a baixa proporção de parques urbanos, registrando ainda a inexistência de parques em duas regiões político-administrativas (RPA 2 e RPA 5). No contexto atual de necessidade de isolamento e distanciamento social, esses baixos índices tornam-se ainda mais preocupantes, uma vez que há uma possibilidade de que estes parques se tornem ambientes aglomerados, tornando as visitas inviáveis.

Figura 3: Distribuição dos Parques Urbanos de Recife/PE.



Fonte: Produzido pela autora com dados do IBGE³ e ESIG⁴, 2020.

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁴ Informações Geográficas do Recife.

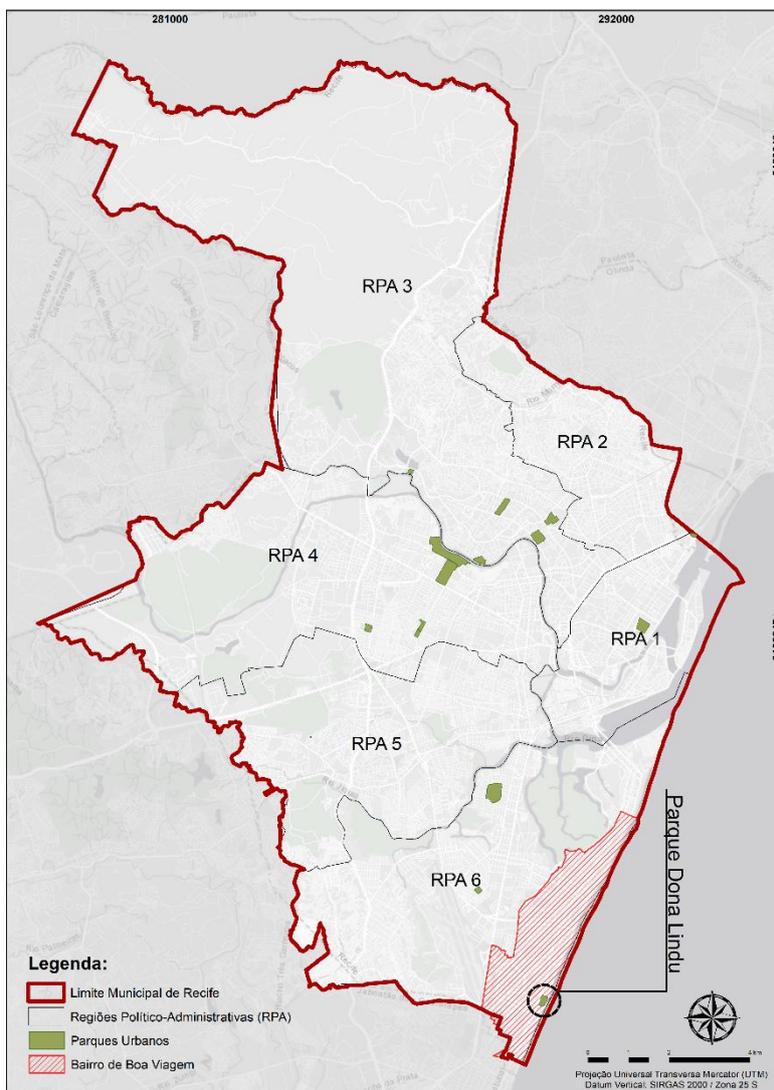
Porém, os parques urbanos, quando bem planejados e administrados, tornam-se potenciais espaços-alvo e podem possibilitar a visita sem que ocorram aglomerações, assim como indicado pelo Laboratório de Pesquisa em Saúde Mental e Terapia Ocupacional da UFSCAR *et al.* (LA FOLLIA, 2020) em sua proposta de cuidados com a saúde mental em tempos de coronavírus.

Ainda sobre os espaços livres da cidade do Recife, Sá Carneiro e Mesquita (2000) relatam uma presença marcante de espaços livres não utilizados que poderiam estar servindo de alguma forma para a população, sendo estes quase 50% dos espaços encontrados na malha urbana. Tal análise refletiu em um mau aproveitamento dos espaços livres na cidade, reafirmando “a necessidade de incorporá-los ao conjunto dos espaços públicos, devido à importância que tais categorias exercem no cotidiano da população e, em especial, nos bairros pobres” (SÁ CARNEIRO, 2004, p. 69).

Além dos espaços de lazer verde na cidade, há um outro bastante representativo na cultura de lazer democrático em Recife: o espaço da praia, que abrange os bairros do Pina e Boa Viagem, locais bastante utilizados pela população Recifense para o lazer, inclusive durante os tempos de pandemia.

Ao tratarmos de Boa Viagem, falamos de um bairro considerado privilegiado quando comparado a outros da metrópole pernambucana, pois ele possibilita o contato com a natureza aos seus moradores através da área de praia, como já mencionado; apesar disso, a abundância do azul que o mar provém é antagônica à presença do verde e de outras áreas de lazer no bairro (**Figura 4: Aderência da distribuição de parques urbanos ao bairro de Boa Viagem**), prejudicando, assim, diversos benefícios ambientais que estas áreas poderiam proporcionar, assim como, a dissipação da população em diversas áreas de lazer, concentrando-as em apenas um ambiente, com alto risco de aglomerações e, conseqüentemente, contaminação.

Figura 4: Aderência da distribuição de parques urbanos ao bairro de Boa Viagem



Fonte: Produzido pela autora com dados do IBGE e ESIG, 2020.

Diversos outros bairros da cidade encontram-se desprovidos de espaços azuis e verdes que proporcionem este contato com o subjetivo e a sensibilidade aos seus moradores, fazendo com que estes tenham que se deslocar quando sentem a necessidade de entrar em contato com a natureza.

A sensação de segurança das pessoas após a pandemia poderá ser maior em áreas próximas a suas casas, e em seus bairros, sem aglomerações de pessoas, levando à necessidade de criação de pontos de encontro, descentralizados e distribuídos. Também deverá se buscar maior equidade nas oportunidades de acesso de áreas verdes próximas, preferencialmente com acesso por transporte ativo ou a pé a diversas atividades que estes espaços propiciam – lazer, alimentação e compras. (Ximenes *et al.*, p.14/15, 2020)

Ressaltando ainda a importância de todos espaços públicos urbanos, tais quais como praças, ruas, vielas, jardins, praia, etc., optou-se por ter como foco da discussão os parques urbanos para o presente trabalho, não só por ser uma forma de delimitação e síntese da pesquisa, mas também em decorrência de reflexões pessoais, visto a versatilidade desses nos serviços prestados à sociedade. Ademais, sendo o fator de maior relevância para esta tomada de decisão, destaca-se a possibilidade de que os referidos parques podem proporcionar interação com a natureza no ambiente urbano, influenciando a qualidade de vida dos moradores por contato com o verde e mitigando os impactos causados pela mudança climática, como amenização das elevadas temperaturas pelo provimento de sombras, sequestro de carbono, aumento da permeabilidade do solo, podendo, neste último caso, melhorar constantes casos de enchentes na cidade.

O entendimento da cidade enquanto paisagem, para além da sua forte ligação com a água, pela estrutura hídrica ou oceânica, aponta para cenários com diferentes níveis de vulnerabilidade, que se manifestam em termos ambientais, socioeconômicos e culturais. Todas essas dimensões, porém, sofrem influência de fatores, também, de ordem institucional. Vista, então, como locus de conflitos e contradições, a cidade possui distintos contextos (ou áreas), alguns dos quais já se encontram em situações extremas pela incapacidade do atual modelo de planejamento e gestão de atender e mensurar as formas e os meios de investimento. Ou seja, uma condição que tem múltiplas dimensões e graus de manifestação, que, por essa complexidade, agrava os riscos derivados dos problemas climáticos (DINIZ et al., 2022, p. 237).

Neste sentido, serão observadas quais emoções são relatadas entre os visitantes dos parques urbanos no último ano, tendo como finalidade o papel exercido por estes espaços no bem-estar emocional da população durante os períodos de distanciamento, assim como a importância na priorização de projetos de planejamento urbano que levem em consideração uma distribuição equitativa dos espaços verdes de qualidade. Serão ainda exploradas as emoções vivenciadas pelos entrevistados em suas casas; em complementação, será feita posteriormente a relação entre as emoções experienciadas nos dois ambientes durante o atual momento de estresse desencadeado pela pandemia do novo coronavírus, buscando entender se há alguma relação de mitigação dos impactos emocionais e psicológicos decorrentes das diversas problemáticas que surgiram a partir do aparecimento e disseminação do vírus SARS-CoV-2 no ambiente domiciliar dos entrevistados.

A avaliação das emoções despertadas na população que visitou parques urbanos é o eixo central desta pesquisa. Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa explora a influência dos espaços públicos de lazer, especificamente parques verdes urbanos, na regeneração emocional da população residente da cidade do Recife, submetida a diversos períodos de isolamento e distanciamento social durante a crise sanitária advinda da pandemia COVID-19.

Tal objetivo foi dividido por partes. A primeira delas corresponde à análise emoções relatadas pelos usuários dos parques durante o período de isolamento social; seguida da relação de quais emoções foram despertadas nos respondentes no ambiente de lazer público e no ambiente residencial; posteriormente, objetivou-se avaliar a função do espaço público em um possível auxílio à saúde mental de uma população exposta a uma crise sanitária (pandemia), tendo como intenção a contribuição aos projetos de desenho e gestão urbana de espaços públicos adequados a uma realidade de desigualdade social, que exerçam a sua função social em diversos contextos e que atendam às necessidades da população, tanto na vida normal como em momentos de alto estresse, tornando o ambiente propício à criação de vínculos afetivos e aliviando possíveis estresses psicológicos provocados por situações diversas.

Apesar de o presente estudo ter um recorte espacial limitado à cidade do Recife, é almejado que os resultados obtidos sobre aspectos relacionados à função dos parques urbanos ricos em verdes para a população durante o atual momento de crise sejam possíveis de aplicar em diferentes cidades, estimulando o debate direcionado de acordo com as especificidades de cada realidade.

O investimento em parques urbanos na cidade do Recife como forma de integração de verde deve ser colocado em evidência no planejamento e gestão urbana, visto que, de 30% da cidade do Recife representada por reservas naturais e mangues, apenas 0.5% da sua área é correspondente a espaços públicos e parques (MACÊDO et al., 2015). A construção de ambientes resistentes a situações adversas de degradação, assim como a interligação de áreas verdes urbanas (por meio de corredores verdes), pode ser um grande aliado no despertar de sentimentos positivos na população, permitindo, assim, a resiliência da sociedade a eventuais mudanças e momentos de estresse.

Os seguintes capítulos têm como meta dissertar sobre o decorrer do período de convivência com o vírus e como ele afetou a dinâmica das pessoas, assim como vários aspectos do bem-estar individual e coletivo. Eles tratarão desde as novas dinâmicas em relação ao espaço público e ao espaço domiciliar até como diversos aspectos dessas novas dinâmicas culminaram em um declínio na saúde mental da população.

2 TEMPOS DE PANDEMIA: SAÚDE MENTAL E O DECLÍNIO NO BEM-ESTAR EMOCIONAL

A pandemia do novo Coronavírus ocasionou uma grande mudança nos hábitos cotidianos da população, uma vez que exigências de distanciamento e até mesmo isolamento foram frequentemente demandadas. Os aplicativos de entrega ganharam força para a compra de refeições e até mesmo de feiras domésticas; muitos trabalhos aderiram ao modelo de trabalho remoto (*home office*) a fim de que as pessoas não entrassem em contato umas com as outras e passassem a disseminar o vírus, uma vez que uma pessoa contaminada poderia passar duas semanas até vir a apresentar algum sintoma de infecção e as vacinas preventivas começaram a ser produzidas apenas após um ano de pandemia. Tais medidas causaram um impacto na forma como as pessoas se relacionam com o espaço público, e uma nova dinâmica foi instaurada no ambiente domiciliar.

O objetivo do isolamento social como forma de redução dos casos de contaminação do vírus, reduzindo, conseqüentemente, o uso do Sistema Público de Saúde e o número de óbitos, foi direcionado à prevenção da saúde física dos indivíduos, porém vale acrescentar a necessidade de busca por soluções de prevenção e redução de casos de declínio da saúde mental da população, uma vez que, quando submetidos ao isolamento social, casos como afastamento de pessoas próximas e dos familiares, inclusão de diversas tarefas em um mesmo ambiente e até mesmo o intenso convívio tornam-se estressores, havendo um agravamento nos casos de estresse e ansiedade.

Para além disto, há ainda outros fatores influenciando o declínio da saúde mental da população, como o tempo de duração desconhecido que se irá permanecer na situação, a falta de informação concreta sobre a gravidade do vírus e as formas de controle durante o período inicial da pandemia, a corrida pela busca de medicamentos preventivos e de tratamento (BROOKS ET AL., 2020; SINGHAL, 2020; ARAGONÉS e SEVILLANO, 2020; ZANDIFAR e BADRFAM, 2020).

Está cada vez mais evidente a necessidade de observarmos a condição da nossa saúde mental, assim como a da sociedade, sendo também uma questão de saúde pública, buscando efetivar o conhecimento de que, quando se trata de saúde, não se fala apenas das condições físicas do indivíduo; ela engloba também o estado emocional. A necessidade de afirmação e quebra de um tabu historicamente construído é ainda latente na sociedade, visto que muitas vezes a preocupação com a saúde mental ainda é vista por muitos como desnecessária e até mesmo chegando a ser associada com uma condição negativa de sanidade, levando muitos a evitarem tratamentos e acompanhamento profissional por terem medo de serem considerados fora de sua capacidade mental.

Em artigo sobre saúde mental, a Organização Mundial da Saúde – OMS (*World Health Organization – WHO*) define a mesma da seguinte maneira:

A saúde mental é um componente integral e essencial da saúde. A constituição da OMS afirma: “Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”. Uma implicação importante dessa definição é que a saúde mental é mais do que apenas a ausência de transtornos ou deficiências mentais.

A saúde mental é um estado de bem-estar no qual um indivíduo realiza suas próprias habilidades, pode lidar com o estresse normal da vida, pode trabalhar de forma produtiva e é capaz de contribuir para sua comunidade.

A saúde mental é fundamental para nossa capacidade coletiva e individual como seres humanos de pensar, emocionar, interagir uns com os outros, ganhar a vida e aproveitar a vida. Com base nisso, a promoção, proteção e restauração da saúde mental pode ser considerada uma preocupação vital de indivíduos, comunidades e sociedades em todo o mundo (WHO, 2018a).

Em uma análise da bibliografia nacional e internacional sobre os impactos da COVID-19 na saúde das pessoas, tendo como foco principal a saúde mental, Barros-Delben *et al.* (2020) também pontuam o impacto que é repercutido no bem-estar emocional da população devido às medidas de contenção impostas, assim como o medo do contágio e temor da morte que o momento ocasiona, sendo as medidas de prevenção e tratamento a esta repercussão colocadas em segundo plano, priorizando-se a saúde física; porém, Ornell, Schuch, Sordi, & Kessler (2020, p. 12) apontam a evidência de estudos que comprovam o impacto à saúde mental em momentos de tragédias vivenciados pelas pessoas, sendo esta afetada em maior número do que os números de infecção por si só. Outro

aspecto a ser considerado é a duração dos impactos causados à saúde mental, que podem se prolongar mais tempo que a própria pandemia, porém, por via de regra, o combate aos impactos à saúde física é foco primário, fazendo os impactos à saúde mental ficarem negligenciados ou subestimados.

Nessa condição, acentua-se a manifestação de tédio, frustração, a sensação de isolamento ampliada, o medo de contaminação e outros receios e angústias relacionados à duração dos suprimentos, aos prejuízos econômicos, e no caso das equipes de saúde expostas ao risco mais extremo, a insatisfação com as provisões e recursos técnicos (BARROS-DELBEN *et al.*, p.20, 2020).

Em períodos de isolamento, Brooks *et al.* (2020) relatam os principais sintomas aparecidos na população de acordo com estudos analisados pelos autores, dentre os quais se destacam o medo, nervosismo, tristeza, culpa, confusão, raiva, luto, insônia induzida por ansiedade e insensibilidade.

Sintomas de depressão, ansiedade e estresse diante da pandemia têm sido identificados na população em geral e, principalmente, tendo uma forte repercussão nos profissionais da saúde atuantes na linha de frente no combate ao COVID-19, sendo estes sintomas decorrentes de situações que geram medo de ser infectado por um vírus potencialmente fatal e de rápida disseminação, afetando então o bem-estar psicológico de muitas pessoas. (ASMUNDSON & TAYLOR, 2020; BARROS-DELBEN *ET AL.* 2020; CARVALHO *ET AL.*, 2020, WANG *ET AL.*, 2020, ZHANG *ET AL.*, 2020).

Em alguns casos isolados, como no Reino Unido, foram incentivadas estratégias de enfrentamento à disseminação do vírus que iam além do encorajamento ao distanciamento ou isolamento social, tendo em vista uma mudança comportamental e cultural (BARROS-DELBEN *et al.*, 2020). Já em contexto nacional, a intensificação da bipolaridade política brasileira ocasionou extremismos em relação à seriedade da doença. O desmonte da educação e ciência saltavam cada vez mais aos olhos da sociedade através de discursos negacionistas vindos de autoridades brasileiras que deveriam, neste momento e mais do que nunca, estar ao lado da informação científica e da população que vivencia este momento de vulnerabilidade. O advento das *fakenews* se tornou ainda mais intenso, no qual matérias sensacionalistas criavam teorias da conspiração em cima da chegada do vírus, o que fez muitas pessoas

desacreditarem na seriedade do momento vivenciado, enquanto outras se preocupavam ainda mais pela possibilidade de que terceiros colocassem a saúde coletiva em risco.

Goyal *et al.* (2020), em artigo que trata do primeiro suicídio relatado na Índia decorrente do medo do coronavírus, citam o fato de que vídeos não oficiais sobre o COVID-19 têm circulado na internet e são acessados por um grande contingente de pessoas através de seus smartphones ou computadores. Podemos perceber, então, como o pânico causado pela disseminação de informações não oficiais tiveram escala global, fazendo com que trabalhos sobre a avaliação emocional da população começassem a surgir (BROOKS *et al.*, 2020; QIU *et al.*, 2020). Brooks *et al.* (2020) ressaltam ainda reações da população e os impactos psicológicos decorrentes de quarentenas impostas como medida de contenção em pandemias no passado, sendo registrados suicídios, sintomas de estresse agudo e agressividade.

Schmidt *et al.* (2020, p. 8) fazem um apanhado de trabalhos de diversos autores que propõem intervenções de ajuda psicológica voltadas para a população geral e profissionais da saúde durante o tempo de crise pandêmica, sendo elas ações no tocante à oferta de canais de escuta psicológica, cartilhas e materiais informativos, atendimento psicológico por meio de cartas estruturadas, atendimentos online, as quais devem ser direcionadas aos “estressores relacionados à doença ou nas dificuldades de adaptação às restrições do período”.

Para além de estar de acordo com a necessidade de acompanhamento psicológico às pessoas com relato de emoções negativas e, até mesmo, antes do aparecimento desses sintomas que clinicamente indicam um quadro de estresse ou doença psicológica, vejo como necessária a discussão sobre possíveis formas de prevenção destes sintomas decorrentes de períodos de crise, como o atualmente vivenciado, através da disponibilização de um sistema urbano efetivo e seguro para todos, de forma que a vivência fora do ambiente domiciliar ainda seja possível, mesmo que precise ser controlada.

Vejo a vivência urbana como um fator importante atrelado à realidade brasileira, tanto por aspectos culturais mencionados no início da presente pesquisa, como também pelo contexto de grande desigualdade social, que não possibilita os mesmos privilégios domiciliares e até mesmo de acesso a serviços remotos a toda a população. Desta forma, o acompanhamento psicológico remoto disponibilizado por ações governamentais, mesmo que sem custo nenhum ao paciente, ainda assim não é acessível por todos. Para além disso, vale lembrar as condições de moradia da população, principalmente nos grandes centros urbanos, onde há um grande adensamento de imóveis e as residências estão cada vez menores, sem contar também a realidade encontrada na capital pernambucana (assim como em diversos centros urbanos) de comunidades levantadas em palafitas e áreas informais de espaço extremamente limitado.

Autores destacam situações corriqueiras deste momento que podem surgir como estressores e desenvolverem-se a ponto de que se tornem casos clínicos de ansiedade e depressão, sendo ainda possível observar sintomas como o de raiva, confusão e estresse pós-traumático devido às medidas impostas para contenção da disseminação do vírus (BROOKS ET AL., 2020; ZANDIFAR & BADRFAM, 2020; ZHANG, WU, ZHAO, & ZHANG, 2020).

Pensando nas consequências do Isolamento Social (IS), um dos principais gatilhos para o surgimento do estresse é o sentimento de perda do direito de ir e vir, que ocasiona um estado de negação da gravidade da doença, e automaticamente a desconsideração da relevância do IS por meio de suas atitudes e comportamentos frente ao problema (PEREIRA *et al.*, 2020, p. 16).

A quebra repentina em diversas atividades (fechamento das escolas, universidade e do comércio), ocasionando uma mudança drástica na vida das pessoas, e a falta de suporte financeiro por parte do governo aos trabalhadores independentes são alguns dos fatores que estão ligados à desestruturação emocional que a população enfrentou e enfrenta devido à crise de saúde pública e sanitária (CLUVER ET AL., 2020; ORNELL ET AL., 2020).

As evidências deste declínio da saúde mental destacam a necessidade de autocuidado durante estes períodos que podem ocasionar o estresse psicológico, porém atenta ao fato da necessidade de cumprimento das regras impostas para prevenção na disseminação do vírus. Barros-Delben *et al.* (2020)

pontuam, de uma maneira sintetizada, recomendações voltadas ao cuidado da saúde mental, sendo elas:

1. Atenção a sintomas e sinais ansiogênicos, depressivos e de distresse – campanhas que auxiliem a identificá-los e orientem quanto ao que fazer nesses casos, com destaque para o ataque de pânico, prevenção do comportamento suicida (ênfase em pessoas idosas ou indivíduos que moram sozinhos – estimular o contato social por meio de tecnologias ou com vizinhos, mesmo que à distância) e de respostas emocionais alteradas frente à percepção de risco (informações sobre como melhorar a respiração e a concentração);
2. Estímulo à prática de atividades físicas, lazer, práticas de meditação ou religiosas, elaboração de rotinas de estudo e trabalho e espaço para descanso;
3. Redução do tempo de exposição a notícias, nas TVs e outras mídias, a respeito do coronavírus;
4. Incentivo do consumo racional de alimentos e de água no período crítico, tranquilizando a população quanto ao abastecimento, com plano de alcance às residências – em especial para as pessoas de baixa renda e com dificuldades de locomoção. Para essa população, também é importante o fornecimento de álcool em gel, especialmente nos locais em que há maior deficiência na estrutura de saneamento básico;
5. Fornecimento de transporte gratuito para quem precisa se deslocar;
6. Serviços de educação e orientações recorrentes à população sobre o comportamento de lavar as mãos, de cobrir a boca ao tossir ou espirrar e, também, quanto à higiene do sono – evitando decaimentos cognitivos e alterações emocionais ou do humor;
7. Restrição da comercialização de bebida alcoólica nos supermercados – as alterações provocadas por substâncias psicoativas tendem a elevar o clima de tensão e são usualmente estratégias disfuncionais (*coping* disfuncional), ou seja, recorrer ao consumo de álcool em situações de confinamento e isolamento, além de influenciar na redução da imunidade biológica;
8. Criação de um sistema de atendimento e contingenciamento de protestos e veiculação de *fake news* ou teorias conspiratórias, evitando a propagação de ideias que aumentem o medo e a insegurança e que podem levar ao pânico generalizado;
9. Garantia e divulgação da presença do policiamento (inclusive com o reforço das forças armadas) nas ruas, evitando saques e outros tipos de violência;
10. Campanha de cuidado com pessoas próximas – identificar voluntários que possam realizar o monitoramento e apoio a pessoas que moram sozinhas ou demonstrem algum tipo de restrição de movimento, para que possam auxiliar na realização de compras e na verificação do estado de saúde. Incentivo à solidariedade com as pessoas no momento de crise, algo que ajuda também o ajudante. Monitoramentos podem ser feitos à distância, e a assistência faz crescer vínculos na comunidade;
11. Suporte ao luto e situações de impedimentos de acompanhar falecidos em decorrência da epidemia, que, inclusive, não se deve limitar apenas nos momentos iniciais da crise. (BARROS-DELBEN *et al.*, 2020, p.24).

Apesar de termos visto campanhas que levavam em consideração algumas das recomendações pontuadas acima, o combate ao declínio emocional não foi realmente efetivo, em conjunto a isto, o descumprimento das regras impostas

como medida de contenção à disseminação do vírus. Além de casos de pessoas que nunca tiveram a oportunidade de cumprir determinadas regras, como se manter em um sistema de trabalho remoto e tiveram que estar nas ruas todos os dias enfrentando terminais de ônibus e metrô, assim como a superlotação dos próprios veículos públicos, sendo esta condição uma obrigação para vários conseguirem manter sua sobrevivência a de suas famílias (ROSA FILHO & CAMPOS, 2020), foi possível ainda observar casos em que não havia a obrigação da saída ao espaço público, como as que precisavam sair a trabalho ou a qualquer outro compromisso, e, mesmo assim, optaram por fazê-lo.

Não se pretende, com isso, fazer um julgamento do que levou estas pessoas a estarem ocupando o espaço público enquanto entidades e organizações solicitaram que todos permanecessem em casa; esta não é a intenção desta pesquisa. Porém, gostaria de pontuá-lo, uma vez que esta foi uma realidade vivenciada. Parques, praças, calçadões, praias, etc., quando não se encontravam fechados por decreto municipal, continuaram a receber um fluxo contínuo de visitantes, por vezes causando aglomerações (GUARDA, 2021), podendo vir a causar a sensação de insegurança e medo de contração do vírus nestes espaços.

[...] segundo Honey-Rosés *et al.* (2020), em meio à crise, houve uma percepção da necessidade dos lugares com os quais nos identificamos e frequentamos ordinariamente, com seus espaços vibrantes, vivos e familiares (NECA & RECHIA, p. 474, 2020).

Em cidades altamente adensadas, no qual os espaços domiciliares como quitinetes, estúdios ou apartamentos de apenas um quarto são cada vez mais frequentes e apenas uma porção privilegiada da cidade tem acesso a áreas de lazer seguras e de qualidade (sendo estas privadas), torna-se cada vez mais necessária a discussão e o desenvolvimento de estratégias de prevenção a danos psicológicos em momentos de crise, as quais levem em consideração o desenho urbano e o aumento percentual destas áreas no espaço urbano, fazendo com que a apropriação dele não resulte em aglomerações, uma vez que o espaço destinado a áreas de lazer deverá ser proporcional ao número populacional das cidades (WANG *et al.*, 2020). São vários os fatores que devem ser levados em consideração para que a cidade seja considerada justa e segura para todos, por exemplo, o direito à moradia, ao saneamento e à limpeza efetiva,

ao abastecimento de água para todos, como também a provisão de espaços públicos de lazer que supram as demandas da sociedade e possibilitem o contato com a natureza, uma vez que diversas vezes estas são consideradas como ambientes de restauração mental.

Cavalcanti, Melo e Monteiro (2015), em estudo sobre o Projeto Parque Capibaribe, na cidade do Recife, destacam a importância do empreendimento de práticas sustentáveis quando se é pensado na cidade do século XXI, uma vez que o processo de urbanização acelerado degradou boa parte da natureza brasileira, com pouco planejamento e pouca conscientização da população sobre a conservação do ambiente. Desta forma, os autores destacam a importância da estruturação de ambientes urbanos equilibrados, socialmente inclusivos e economicamente viáveis. Os investimentos em projetos que busquem aumentar as áreas verdes e azuis das cidades são cada vez mais necessários, e isso já estava evidente há muito tempo, antes mesmo da pandemia vivenciada na atualidade. Evidências apresentadas de problemas sociais e ambientais em decorrência da crise climática já são discutidas há mais de cinco décadas; a pandemia do novo coronavírus apenas serviu para reafirmar a urgência de intervenções efetivas.

O impacto desta mudança na rotina, para além da população adulta, impactou também as crianças e adolescentes que, de forma geral, têm uma vida presencial ativa no ambiente escolar diariamente. A adaptação a um novo modelo de aprendizado gerou - e ainda gera - muitas dificuldades no ambiente domiciliar, uma vez que estas crianças deixaram de ter interações face a face, passando a um modelo de aprendizado remoto em seus computadores e demandando uma maior fiscalização dos seus responsáveis, que muitas vezes precisam dividir-se em tarefas domésticas, trabalho remoto e cuidados com o(s) filho(s).

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (2020), em matéria divulgada no mês de março de 2020, mais de 95% das crianças e adolescentes latino-americanos e caribenhos encontravam-se sem frequentar as escolas devido à crise no coronavírus. Imran *et al.* (2020) destacam a fase de puberdade vivenciada por jovens como um período o qual influencia diretamente a

necessidade de interação e busca de status social, potencializando sentimentos de solidão e estressores por falta de socialização, o que impacta diretamente a saúde mental desta população em desenvolvimento, cujas consequências podem perdurar até a vida adulta. Outro fator que precisa ser levado em consideração, principalmente quando falamos de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, é a situação socioeconômica dos jovens que deixam de frequentar a escola pública, provedora de refeições, espaços para higiene pessoal e áreas de lazer, e passam agora a estar em situações de maior vulnerabilidade.

O fechamento das escolas, universidades, creches e afins possibilita às crianças e aos um acréscimo de tempo ocioso durante o dia a dia, em razão de estarem sempre no mesmo ambiente limitado, podendo fazer com que esse grupo recorra com mais frequência aos computadores, smartphones e televisão para lazer. Duan L. *et al.* (2020), em um estudo sobre a saúde mental de crianças e adolescentes durante a pandemia do coronavírus, constataram que, dos 3.613 jovens e crianças entrevistados, 22.28% estavam sofrendo de sintomas depressivos, tendo como fatores associados ao aumento dos sintomas de depressão a dependência ao uso do smartphone e Internet.

Outro fator que também merece ser mencionado foi o aumento dos relatos de casos de abusos ocorridos no ambiente domiciliar, uma vez que o elevado tempo de convívio intenso poderia estar acarretando desavenças familiares, de forma a colocar crianças e adolescentes em uma posição de maior vulnerabilidade. Na pesquisa bibliográfica realizada por Da Mata *et al.* (2021), os autores apontam, na análise dos resultados dos artigos encontrados, só haver a conclusão de resultados negativos à saúde mental dos jovens, evidenciando que esta parcela da população sofreu e sofre também com a falta de políticas que incluam o cuidado ao bem-estar psicológico.

À luz das respostas encontradas por estas pesquisas mencionadas acima, podemos observar também um padrão de estresse e desconforto causado pela nova dinâmica instaurada no ambiente domiciliar e as restrições no uso dos espaços públicos, o que faz parecer que, enquanto tratamos de um problema, desenvolvemos diversos outros os quais não são analisados, dificultando a

manutenção de um contexto físico e emocional saudável, neste momento, por parte da população. O próximo capítulo versa sobre essa quebra de vivência do espaço público durante a pandemia do coronavírus e como isso afetou o dia a dia da população, voltando análise para o contexto socioeconômico brasileiro e buscando estudos que colocam em visibilidade minorias a fim de discutir práticas as quais priorizem, sobretudo, populações negligenciadas.

3 A RUPTURA COM O LUGAR: COVID-19 E A MUDANÇA NA RELAÇÃO DAS PESSOAS COM OS PARQUES URBANOS

Voltando um pouco na história para melhor entendimento da conjuntura dos espaços urbanos brasileiros e das relações desenvolvidas dentro dele, podemos dizer que o processo de urbanização brasileiro, atrelado à ideia de desenvolvimento econômico, foi concretizado de maneira que não se considerou um planejamento adequado, o que potencializou ainda mais as disparidades socioeconômicas, ambientais e de estrutura encontradas nas cidades (ALARCON, 2018; JOHANSEN & CARMO, 2016; MACHADO, MIAGOSTOVICH, LEITE, & VILANI, 2013; ORNELL, SCHUCH, SORDI, & KESSLER, 2020). Seu processo falhou quando pensamos no meio ambiente e nos impactos causados pela urbanização desordenada, sendo este um processo que afetou e afeta o equilíbrio do meio, igualmente a sensação de conforto da população urbana (NOLL e TENFEN, 2010), como bem observado por Freitas (2005), segundo o qual muitas vezes associamos como um só processo o adensamento construtivo e a degradação do meio ambiente.

Em um resgate histórico sobre este processo de urbanização, Marques (2021, p. 21) relembra o crescimento informal de habitações após a “abolição”⁵ da escravatura, no qual a população então considerada livre encontrava-se em situação de rua, sem moradias, políticas públicas de suporte ou emprego. Dessa forma, começaram a surgir habitações informais, construídas sem planejamento, de forma desordenada e sem saneamento que, dentre outros fatores, tornam a população residente destes espaços ainda mais suscetível à contaminação de doenças e à proliferação delas. A autora traz este histórico a fim de evidenciar que o momento vivenciado atualmente de crise sanitária não é o primeiro e não será o último, fato também pontuado por George e Nunes (2009), tornando essencial a revisão das políticas de enfrentamento destas crises, visto que as “soluções” encontradas pelos governos, tal como a ideia de projetos higienistas

⁵ As aspas usadas pela autora e reproduzidas por mim remetem às condições precárias socioeconômicas ainda vivenciadas pela população negra brasileira; muitas vezes com condições de moradia e trabalho precárias, e ainda casos de trabalho análogo à escravidão, que se mantêm até os dias atuais. O uso das aspas nos leva a importante tarefa de estarmos conscientes da base que faz o Brasil um país tão socialmente desigual e, através deste conhecimento, buscarmos maneiras de caminhar à tão sonhada equidade.

(ideia essa baseada em um conceito racista, elitista e segregacionista), nunca foram uma solução ao combate à proliferação de doenças, e sim um projeto de uma elite branca brasileira que busca aniquilar ou esconder a população negra e os espaços de moradia precários aos que foram historicamente submetidos. Também neste tópico, os autores, assim como Johansen & Carmo (2016), grifam a importância e necessidade de que políticas públicas tenham como foco principal a população marginalizada, grupos sociais minoritários, e que aspectos regionais, raciais e étnicos sejam levados em consideração, visto que há um processo histórico que não beneficia a população de forma igualitária, fazendo com que alguns determinados grupos sociais historicamente vulnerabilizados sintam com mais intensidade os efeitos dos tempos de crise, como o da pandemia do COVID-19.

Devemos lembrar ainda que, junto a um melhor planejamento e desenho da cidade, para que no futuro consigamos usar do espaço público verde, há de se ter uma educação social coletiva destinada a toda população, uma vez que, para a utilização das áreas públicas em situações incomuns como a atual, algumas diretrizes necessitam ser seguidas à risca, a exemplo do uso da máscara, higienização das mãos, distanciamento seguro etc, objetivando o sentimento de segurança por parte da população. Sem o cumprimento destas diretrizes, o que poderá ocorrer é, mais uma vez, a repetição da história em que estes espaços, muitas vezes vistos como um ambiente provedor de descanso, lazer e bem-estar, passam a promover a sensação de medo e possibilidade de infecção.

Esses espaços públicos que subjetivamente [...] outrora traziam para quem os frequenta a sensação de bem-estar, qualidade de vida e pertencimento, agora potencialmente passam sensação de medo e insegurança, por ter sido acrescentado um estressor em formato de agente patológico (SANTOS & SANTOS, p. 249, 2021)

Visto a carência de espaços públicos adequados e que supram a quantidade populacional, medidas de isolamento foram impostas no início da pandemia, o que restringiu a população de frequentar ambientes, como praças, parques e demais ambientes que possibilitam a interação com a paisagem e elementos naturais, podendo ter afetado grupos sociais de maneiras diferentes. Para alguns grupos, foi possível a locomoção para casas espaçosas no interior com acesso a ambientes naturais ou de lazer; para outros, a situação se restringiu

ao acesso às ruas ou às vielas próximas a suas casas. O fato é que a relação da população com os espaços públicos sofreu uma relevante mudança, trazendo muitas vezes a imagem de uma cidade vazia.

De acordo com Ximenes *et al.* (2020, p. 3), “com a disseminação do vírus causador da COVID-19, os espaços públicos foram transformados em um não lugar”, lembrando que a conceituação da palavra ‘lugar’, tratada por Yi-Fu Tuan, faz uma diferenciação do espaço comum, visto que o lugar torna-se tal pelo componente dos laços afetivos ao espaço, sendo estes formados a partir do uso e convívio com o ambiente em questão. Neste caso, acredita-se que a cidade já é constituída de vários lugares na percepção e relação da sua população com os ambientes, no caso atual, o que aconteceu foi a privação da interação das pessoas com seus lugares.

A quebra no convívio pessoa-ambiente restringiu as oportunidades de lazer; espontaneamente é possível de imaginar o oposto do lazer como um ambiente conturbado e estressante, o que nos leva a questionar a situação em que várias pessoas se encontraram quando não houve a possibilidade de ocupação dos lugares urbanos com esta finalidade. Para Rechia (2017), o lazer é um fenômeno que vai além das relações sociais, culturais e de trabalho, sendo este responsável pelo bem-estar integral do ser humano. O uso dos momentos de lazer irá refletir-se na saúde dos indivíduos, como também em suas relações sociais e até mesmo no trabalho.

Tendo em vista o impacto à saúde que pode ser ocasionado pela restrição a este direito e aos ambientes públicos proporcionadores da vivência do lazer, Lima (2020), em um estudo sobre os impactos à saúde mental na população brasileira durante a pandemia, elenca tópicos abordados por órgãos institucionais que têm a finalidade de mitigar tais efeitos ao psicológico das pessoas, estando entre elas a prática de atividades físicas, relaxamento e meditação em ambientes protegidos ou abertos sem aglomerações, evidenciando a importância que o lazer nestes espaços podem vir a exercer no bem-estar humano.

Apesar dos direcionamentos os quais atentam para a importância da vivência do espaço externo que proporcione segurança, o que aconteceu, na realidade, foi o fechamento desse e a instrução de que parques, praças, praias e demais espaços públicos de convivência fossem evitados, mostrando a ineficácia das políticas públicas de enfrentamento de crises, uma vez que tais instruções não foram cumpridas na prática e a população permaneceu sem assistência para ocupar a cidade e seus espaços de forma segura.

Para Neca & Rechia (2020), a utilização dos espaços públicos de lazer com o intuito mercadológico, sendo esta a iniciativa da saída do ambiente domiciliar em busca de ambientes provedores de bens e serviços, seria o adequado ao momento atual de pandemia, no qual se deve priorizar a disponibilidade de espaços de lazer abertos para atividades cotidianas; e o fechamento destes pode vir a direcionar a procura da população por outros espaços inadequados ao momento, podendo aumentar o risco de contaminação por se apresentarem em ambientes fechados, muitas vezes de espaço limitado (como shoppings, bares e restaurantes), o que favorece a aglomeração.

Se os Estados e Municípios estão organizando protocolos de medidas protetivas para a utilização de bares e restaurantes, por que não adotar medidas para o uso de áreas abertas dos diversos espaços públicos da cidade? (NECA & RECHIA, p. 483, 2020)

Sendo os espaços livres recursos urbanos que servem como potenciais áreas de alívio de sentimentos e emoções ruins, exemplifica-se o estresse, assim como as práticas sociais e vivência com a natureza proporcionadas por locais tais quais parques e praças, devemos nos questionar se a privação a eles é a melhor alternativa, uma vez que as incertezas geradas pelo momento, unidas à privação de momentos de lazer e de interação, podem levar os indivíduos a vivenciarem momentos e comportamentos negativos (FREEMAN; EYKELBOSH, 2020).

A ocupação de diferentes espaços da cidade poderia ter sido uma aliada na prevenção do declínio da saúde mental da população se houvesse instruções bem direcionadas e adequadas ao momento. Práticas individuais nos espaços públicos poderiam estar amenizando o “caos” interno da população, cujo estado emocional foi colocado em elevados níveis de estresse, como visto no capítulo anterior, possibilitando diversos benefícios que o espaço externo de lazer e

contato com a natureza podem proporcionar, por exemplo, a sensibilidade social e ambiental, consciência do corpo e mente, além dos laços criados com o meio (NECA & RECHIA, 2020).

Nos capítulos seguintes, serão levantados questionamentos a partir de variáveis sociais escolhidas para avaliação das emoções em tempos de pandemia. Dessa forma, visto a constante notificação na realidade brasileira da situação de ainda maior vulnerabilidade de pessoas do gênero feminino, crianças e idosos e socioeconomicamente desfavorecidas, serão apresentados estudos que levaram em consideração estas parcelas da população no tempo de confinamento decorrente do aparecimento do SARS-CoV-2, a fim de que os trabalhos venham a servir como inspiração e discernimento para a discussão dos resultados da presente pesquisa.

3.1 A RUPTURA COM O LUGAR A PARTIR DA PERSPECTIVA DO GÊNERO

O debate de gênero nunca esteve tão intenso na realidade brasileira: as mulheres aos poucos avançam para conseguir chegar na tão almejada igualdade de gênero, porém, apesar dos avanços, não se pode negar que ainda há um caminho longo a percorrer. Vivemos em uma realidade patriarcal e machista, que, à medida que faz homens assumirem o papel de único provedor da família, também cria mulheres para serem cuidadoras e permanecerem no ambiente domiciliar cuidando dos afazeres domésticos e familiares. Foram elas as que mais precisaram se desdobrar nesse momento de isolamento e distanciamento, no qual dinâmicas escolares, de trabalho, lazer e afazeres domésticos se concentravam todos em um único ambiente (BIANCONI, *et al.*, 2020).

No relatório desenvolvido em parceria entre as organizações 'Gênero e Número' e 'SOF - Sempre Viva Organização Feminista', intitulado 'Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia' no ano de 2020, ano este em que a Organização Mundial da Saúde declarou o vírus causador da COVID-19 em estágio de pandemia mundial, é possível observar como pouco tempo de necessidade de isolamento já foi o bastante para impactar a vida de várias mulheres brasileiras. Tendo um total de 2.641 respondentes, foi possível

diagnosticar que 50% das entrevistadas precisaram passar a cuidar de alguém desde o início da pandemia, sobrecarregando ainda mais uma população que se normaliza à sobrecarga de afazeres e cuidados. Se pararmos para pensar nos diferentes aspectos sociais dessas mulheres entrevistadas, é de se imaginar que ainda assim haverá considerações a se fazer a partir da perspectiva de privilégios concedidos historicamente a alguns grupos. O relatório pontua a situação de vulnerabilidade intensa à qual as mulheres negras brasileiras precisam se submeter, e agora com a pandemia tudo se torna mais latente. O medo de que os gastos essenciais não sejam supridos é relatado por uma maioria de mulheres negras, ressaltando ainda o resultado obtido a partir de pesquisa: dentre as mulheres que se declararam desempregadas, 58% destas são negras (BIANCONI, *et al.*, 2020).

Um outro caso alarmante que gerou várias reportagens durante o início dos confinamentos preventivos frente à disseminação do vírus foi o aumento de denúncias relacionadas à violência doméstica.

[...] a violência contra as mulheres passou a ter destaque nas mídias, cuja pauta girava em torno da correlação entre o aumento da violência doméstica e as medidas de isolamento/distanciamento social durante a pandemia. O destaque nas mídias da violência doméstica em tempos de COVID-19, aparentemente, decorre da recomendação pela Organização Mundial da Saúde (OMS) do distanciamento social. Embora a medida de distanciamento social seja necessária e tenha provado sua eficácia em países que a adotaram, ainda que tardiamente, a medida provocou não apenas pautas midiáticas, mas também inquietações e questionamentos no campo das ciências sociais e humanas e para os Estudos Feministas. Para alguns(mas) cientistas e profissionais da saúde que pesquisam a violência contra as mulheres, a medida poderá não fazer sentido e causar um efeito aterrorizador, à medida que aumenta o risco da exposição à violência doméstica e ao terrorismo íntimo, principalmente para aquelas mulheres que já têm histórico de violência dentro de seus domicílios. (ROSO, p. 4, 2020)

Podemos, a partir da perspectiva do gênero exposto, fazer um apanhado de que a possível permanência das mulheres no ambiente domiciliar por prevenção ao contato e disseminação com o vírus gerou resultados controversos na saúde dessas mulheres, estando envolvido o desgaste mental por sobrecarga de tarefas e preocupações, como também física, supostamente protegidas de um vírus, mas com a maior incidência de abuso físico e moral no ambiente da própria casa. Esta situação seria diferente se as políticas de ocupação dos espaços

públicos em tempos de crise fossem outras? Se houvesse o controle de visitantes em locais públicos de lazer ou a visão de ampliação destes espaços no ambiente urbano, para que a população tivesse acesso a estes com a segurança do distanciamento entre indivíduos?

Muito se insistiu na permanência das pessoas no ambiente domiciliar para que não houvesse o contato com o vírus. Uma parcela se embasou pela pauta coletiva (e com razão), enquanto outra, pelo medo do contágio, por desconhecimento de como se dava o contágio e pelas repercussões que o vírus traria para o corpo humano. Porém, após três ondas de aumento de casos de contágio, com observações de como muitos, a partir de um determinado momento, não deixaram de ocupar as ruas e, a partir de resultados de pesquisas da comunidade científica, há de se notar que há uma necessidade de pensamentos, ideias e debates sobre novos modelos de espacialização das centralidades urbanas, seus serviços, áreas de lazer, acesso aos ambientes de trabalho, entre outras dinâmicas que não deixaram e não deixarão de acontecer. O pensar estratégias de ocupação das cidades de forma segura durante tempo de crises é urgente, uma vez que casos semelhantes voltarão a acontecer e é imprescindível que o coletivo aprenda com as tentativas falhas, para que essas não voltem a ocorrer.

3.2 A RUPTURA DO LUGAR A PARTIR DA PERSPECTIVA ETÁRIA

No que diz respeito às diversas gerações vivenciando de diferentes formas o atual contexto pandêmico, pontuamos a necessidade de visibilidade dos perigos aos quais crianças e idosos podem estar expostos para além do fator contaminação. A amostra da presente pesquisa foi composta majoritariamente por jovens adultos e adultos, sendo mais detalhada no capítulo 8; apesar disso, o grande nível de vulnerabilidade destas populações com a condicionante da faixa etária é de grande importância no debate da prevenção a danos psicológicos em tempos de pandemia.

Foi relatado pela Sociedade Irlandesa para Prevenção da Crueldade contra Crianças '*The Irish Society for the Prevention of Cruelty to Children - ISPCC*' (HENNESSY, 2020) o aumento de 26% de contato entre os usuários da 'Linha da Criança' (*Childline*) apenas na primeira semana em que foi decretado o

fechamento das escolas devido à crise pandêmica, sendo os tópicos mais abordados pelas crianças eventos a ansiedade, preocupações, condições de saúde e relações familiares.

O aumento de casos de violência doméstica durante os períodos de *lockdown* também tem grande impacto na saúde emocional das crianças que vivenciam um ambiente familiar desestruturado e abusivo, impactando diretamente o seu desenvolvimento ao longo da vida, assim como pontuado pelo *Institute of Health Visiting* (ADAMS, 2020). Outros fatores como intensa preocupação de parentes e exposição da ansiedade, depressão ou stress dos responsáveis, podem servir como gatilhos ao aparecimento de ansiedade em seus filhos, podendo ser um fator de prejuízo à saúde mental destas crianças e jovens a longo prazo (HAIG-FERGUSON *et al.*, 2020).

Considerando que os sintomas de transtornos em saúde mental podem perdurar por meses e até anos após a quarentena, as necessidades de planos de mitigação dessas consequências devem ser discutidas de imediato. Entre as estratégias possíveis, é relevante demonstrar respeito pela pandemia e suas consequências na saúde física e mental, assim como promover o autocuidado, seja por meio de tecnologias ou de ações coordenadas nas regiões de difícil acesso e menor condição econômica (BARROS-DELBEN *et al.*, 2020, p. 25).

O fator socialização e desenvolvimento dos jovens sofreu grande impacto com o fechamento das escolas e locais de lazer no qual se tinha a possibilidade de encontrar amigos, visto que na juventude a interação com outros adolescentes é altamente importante no desenvolvimento da identidade pessoal, coletiva e até mesmo com os lugares que estes jovens visitam; além disso, o momento resulta também no desregulamento dos horários (podendo, assim, interferir no sono) e traz um estilo de vida mais sedentário pela impossibilidade das práticas de exercício comum entre os jovens, tal como os exercícios das aulas de educação física, ou saídas para jogar bola na rua ou brincar de pique-esconde no parque e maior tempo gasto com tecnologias, seja ela através do celular, computadores ou televisão (ROBSON, 2020).

Apesar do uso dos aparelhos eletrônicos possibilitarem esta vivência social, seu uso está relacionado ao aumento de casos de ansiedade na população jovem. Em pesquisa conduzida por Pinheiro & Pinheiro (2021), foi apresentada a questão de quais sentimentos os jovens entrevistados sentiam ao ficarem

afastados do aparelho celular, sendo a principal resposta o medo de receber uma chamada e não poder atender, seguido pelo sentimento de que estão isolados do mundo, o sentimento de medo de ficarem sem contato com os amigos e o sentimento de angústia.

O sentimento de uma população que estava acostumada a ter contato diário com amigos e conhecidos e a quebra repentina de rotina, fazendo com que só tenham acesso a esta interação por meio virtual, podendo ainda o tempo ser limitado, pode ser outro fator estressante. Em uma reflexão sobre o sentir o tempo durante o confinamento na pandemia, Gomes (2020, p. 69) nos mostra um paradoxo temporal comum vivenciado pelos confinados, alternados entre momentos de alta velocidade com outros que dão a sensação de se estar parado no tempo. Com uma frase bastante sucinta, o autor nos faz perceber uma realidade vivenciada por muitos, quando fala: ‘Por um lado, a velocidade do contacto virtual com os outros, sejam eles pessoas, objetos ou símbolos transmite intensidade; por outro, a paralisia do confinamento produz desalento’, ressaltando que a sensação de velocidade anteriormente vivenciada, e associada pelo autor ao deslocamento entre locais com nosso próprio corpo, passou a uma velocidade no qual o corpo se mantém estático na frente de telas.

Para além deste possível fator condicionante de emoções de tensão e tristeza, outros autores pontuam atrasos no desenvolvimento, aparecimento de medo, insegurança, frustração, tédio, ansiedade, depressão, mau humor, falta de motivação e até desespero pelo elevado tempo de isolamento, podendo vir a afetar a saúde mental, como anteriormente citado, como também o comportamento e conseqüentemente a qualidade de vida destes jovens. Pode-se, assim, concluir a importância que é dada à convivência e relações sociais para o bem-estar mental da população jovem (SHULTZ ET AL., 2016; CACIOPPO & CACIOPPO, 2014; HAWKLEY & CAPITANIO, 2015; MORONI, NICOLETTI E TOMINEY, 2020; BROOKS ET AL., 2020; SANDERS, 2020; GASTAUD ET AL., 2020).

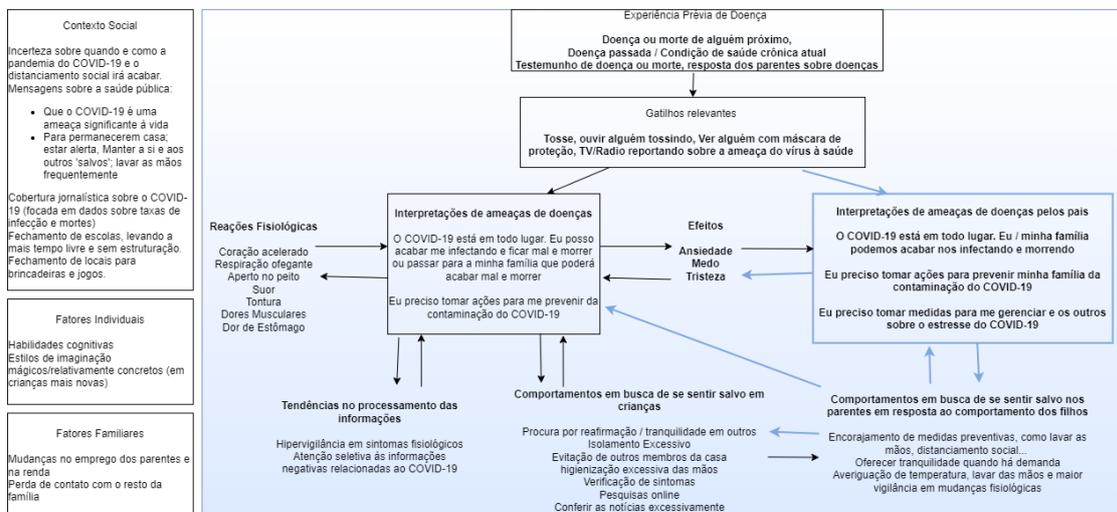
De acordo com Haig-Ferguson *et al.* (2020), o aparecimento de preocupações na população jovem durante o momento da pandemia do COVID-19 pode ser mais incidente em pessoas as quais: possuem um histórico de ansiedade ou

experiências que trouxeram circunstâncias parecidas com a vivenciada; perderam pessoas próximas para o vírus ou vivenciaram momentos de doença de parentes ou amigos; ou até mesmo os que vivem com pais que apresentam maiores comportamentos de preocupação perante a ameaça, passando esta ansiedade para seus filhos.

Vale também ressaltar os diferentes contextos familiares e como isto pode influenciar o impacto emocional ao jovem, para além da já mencionada situação de agressões e abuso. Cabe trazer à tona outros fatores, como o nível socioeconômico e educacional dos pais, que podem ser condicionantes das abordagens dos tutores destes jovens, como relatado no estudo de Hoff & Laursen (2019). Segundo esses autores, existe uma diferenciação em relação ao comportamento dos pais de acordo com a situação socioeconômica: parentes de nível socioeconômico mais baixo tendem a ser mais controladores, impondo mais regras, enquanto os de nível socioeconômico maior tendem a ser mais responsivos e sensíveis às necessidades emocionais dos filhos.

Haig-Ferguson *et al.* (2020) ainda adaptaram um modelo de diversos fatores e situações que estariam afetando a saúde mental e o desenvolvimento de ansiedade por questões de saúde '*Health Anxiety*' entre adultos, convertido para a população de crianças e jovens no contexto da pandemia do COVID-19.

Figura 5: Diagrama sobre fatores e situações que estariam afetando a saúde mental e o desenvolvimento de ansiedade



Fonte: Haig-Ferguson et al., 2020. Tradução nossa.

No caso dos idosos, houve a problemática desta mesma população ser a mais vulnerável aos sintomas do vírus, fazendo a taxa de letalidade ser maior entre este grupo. Dessa forma, muitos passaram a enfrentar rotinas diversas e desafiadoras, as quais envolvem a quebra da socialização, privação de necessidades por parte da família, desconsiderando os desejos dos idosos frente às suas necessidades emocionais cotidianas (MAZUCHELLI *et al.* 2021).

Estudos relatam também a violência vivenciada pela população idosa durante a pandemia do COVID-19 (MAZUCHELLI *et al.*, 2021; MORAES *et al.*, 2020). Com casos de abusos relatados, esta população já se encontra em uma posição vulnerável mesmo em situações no qual não houve a existência de um estressor externo como o vírus SARS-CoV-2, fazendo com que, assim como nos outros casos acima mencionados, situações de abuso doméstico e agressões tivessem seus números elevados com a pandemia.

A quebra na vivência do idoso no espaço público, assim como as relações sociais estabelecidas fora do ambiente domiciliar, unida ao fato de que existem casos no qual estas pessoas estão submetidas a situações de abuso dentro de sua própria casa por sua própria família, impactaram também a saúde mental deste grupo, mais uma vez levando ao questionamento do modelo de prevenção de disseminação do vírus, uma vez que diversos grupos encontraram-se seguros frente ao vírus, porém expostos a outros perigos.

3.3 A RUPTURA DO LUGAR A PARTIR DA PERSPECTIVA SOCIOECONÔMICA

O que faz com que o Brasil seja considerado uma “ameaça sanitária” causando preocupação à Organização Mundial da Saúde (OSWALD, 2021)⁶ não são comorbidades como obesidade, diabetes ou hipertensão, mas aquelas geradas pela segregação socioespacial, pelas desigualdades históricas relacionadas ao saneamento, ao acesso à terra, à saúde, à habitação, à cidade. Comorbidades que poderiam ser, ao menos, atenuadas por um planejamento que tornasse nossas cidades menos desiguais e mais resilientes ao incorporar o conhecimento produzido sobre saúde urbana, medidas de combate às mudanças climáticas e de governança urbana. Como implementar medidas como distanciamento social, confinamento, lavar as mãos frequentemente, usar máscara e álcool em gel se uma parcela da população não tem acesso aos serviços urbanos básicos? A pandemia acirrou desigualdades: ter emprego; trabalhar em casa; ter acesso à internet; contar com serviços de água, esgoto e iluminação e espaços verdes é cada vez mais um privilégio quando deveria ser um direito (BORDE, p. 43, 2021).

Em um país com uma realidade social tão desigual como o Brasil, algumas famílias chegam a dividir uma casa de poucos metros quadrados, contabilizando em média mais de duas pessoas por cômodo, impossibilitando até mesmo o isolamento de pessoas de grupos de risco ou que foram expostas ao vírus (SUDRÉ, 2020; SOMEKH & ALVIM, 2021), o que torna inviável o cumprimento das diretrizes estabelecidas pela organização mundial da saúde no contexto de pandemia do COVID-19.

A realidade vivenciada nas cidades brasileiras foi que muitos precisaram continuar saindo às ruas por diversos motivos, sejam eles por falta de espaço digno na habitação, sejam por impossibilidade de trabalho remoto, gerando nas pessoas uma paradoxalidade: sair e se expor ao vírus ou não sair e não ter condições de sustentar a casa e a família (LIMA, 2020). Estudos sugerem que muitos tiveram a necessidade de estar descumprindo as regras de isolamento social durante a pandemia, no qual, atrelado ao fator de que muitas famílias vivem em estados de extrema pobreza, a saída às ruas para manutenção do trabalho ou até mesmo busca por um continuou a acontecer, e para muitos o ‘ficar em casa’ nunca foi uma possibilidade viável (ESTRELA *et al.*, 2020). Foi identificado que a população de baixa renda está mais vulnerável à exposição,

⁶ OSWALD, V. Pária global: brasil vira ameaça sanitária no mundo. O globo. 5 mar 2021 <https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/paria-global-brasil-vira-ameaca-sanitaria-no-mundo-24910781>

uma vez que existe o fator de muitas vezes não haver a possibilidade de trabalho remoto para eles e de necessitar do transporte público diariamente, sem contar a população moradora de rua, ainda mais vulnerável pela impossibilidade de higienização.

Uma pesquisa sobre habitação popular no Loteamento Senhor do Bonfim, Aracaju / Sergipe expõe bem a realidade vivenciada por moradores de comunidades, favelas ou conjuntos habitacionais informais, a partir de relatos dos moradores do loteamento em questão. As autoras conseguiram contato com pessoas que haviam contraído o vírus, com a finalidade de registro da experiência vivenciada pela população residente do loteamento. O resultado foram relatos de desejo por melhorias nas estruturas internas das residências, uma vez que muitas delas não eram providas ao menos de janelas para circulação do ar; estruturas que viessem a possibilitar uma boa higienização, e cômodos maiores que acomodasse em segurança todos os residentes em um momento tão delicado, no qual integrante(s) da casa encontravam-se infectados pelo vírus causador da COVID-19, havendo ainda uma resposta comum entre os moradores de que não houve ação emergencial destinada aos moradores do loteamento por parte do poder público local (FEITOSA & OLIVEIRA, 2021).

Um outro estudo, desenvolvido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) pelo grupo GeoCombate, analisou o fluxo diário da população soteropolitana entre bairros e a distribuição espacial dos casos de COVID-19 na capital baiana, evidenciando uma maior vulnerabilidade de determinados bairros no que diz respeito à transmissão do vírus entre os moradores, uma vez que, para além do fluxo, os bairros não apresentam as mesmas condições de saneamento e infraestrutura para enfrentamento da pandemia. A pesquisa discute também a posição a qual a classe trabalhadora, residente em bairros mais pobres, precisa enfrentar, muitas vezes saindo do seu bairro para áreas da cidade mais ricas e se contaminando nestas áreas.

Após quase um ano de pandemia, os dados quantitativos que foram levantados durante a crise, mostram claramente que o espalhamento do vírus, que provavelmente chegou ao Brasil de avião, de carona numa mala de turismo, partiu dos grandes centros urbanos de ônibus ou trem lotados, rumo às margens das favelas, locais onde as condições sociais são totalmente diferentes das regiões abastadas e

tornaram-se facilitadoras do contágio acelerado (FEITOSA & OLIVEIRA, p. 79, 2021).

Ximenes *et al.* (2020) fazem uma análise muito perspicaz em relação à culpabilização do modelo das cidades, seja ela adensada ou não, frente à disseminação de doenças como o vírus causador da COVID-19. Os autores apontam modelos de cidades compactas que conseguiram se provar eficientes ao combate da pandemia, enquanto cidades pouco adensadas sofreram de uma forma tão similar a grandes centros urbanos, sendo este um fator de questionamento sobre o real problema e trazendo à tona uma comparação do contexto atual com a Europa do século XVIII, no qual as condições de vida urbana de grande desigualdade agravaram o quadro sanitário local e o quadro de insalubridade decorrente da grande desigualdade afetava todas as classes sociais por meio da disseminação de doenças. Nos capítulos seguintes, discutir-se-á o conceito da cidade de 15 minutos, a fim de considerar e elucidar mudanças ocorridas em cidades do mundo que tomaram como base este conceito para aplicação nas metrópoles, com intuito de mitigação dos impactos gerados pela pandemia.

No que se refere à cidade de Recife, Freitas & Azerêdo (2021) apontam o fato de que, dentre os óbitos ocorridos na capital pernambucana, sua maioria foi entre moradores de bairros pobres e com pouca infraestrutura, lembrando que, quando se falava que 'o vírus não escolhe cor, raça ou status social', devemos levar em consideração que o acesso a tratamento com dignidade, higienização correta e isolamento são sim um privilégio que não chega a todos, fazendo com que a transmissão e tratamento da doença se torne desigual, tornando ainda mais vulneráveis as populações que já vivem um dia a dia de vulnerabilidade (FORTUNATO, LIMA & PRIORI, 2020; QUINZANI, 2020; SANHUEZA-SANZANA, *et al.*, 2021).

Morar em determinados pontos da cidade ou em determinados tipos de moradia pode significar que, se a pessoa tem mais chances, ou não, de sobreviver. (FREITAS & AZERÊDO, 2021, p. 218)

Tendo isto em mente, devemos considerar o contexto local na avaliação de medidas de contenção de doenças e usar da experiência que vivenciamos (e que já foram vivenciadas por outras gerações) para um melhor planejamento

urbano que alcance todos. A evidência na precariedade das instalações e falta de serviços sanitários e recursos de higiene nas comunidades brasileiras (SILVA & MARINHO, 2020) são realidades que precisam de atenção. O combate à desigualdade social é de extrema importância no enfrentamento a diversos problemas que assolam a nossa realidade, e é um fator determinante no bem-estar coletivo, estando dentro desta temática o acesso equitativo aos espaços públicos e verdes de qualidade.

O próximo capítulo abordará mais profundamente a relação pessoa-ambiente e quais os resultados são extraídos dessa relação, tanto da perspectiva de humanos modificando o meio, como também de como o ambiente físico influencia no sentir das pessoas; a partir da exposição destes conceitos e das emoções despertadas nas pessoas resultantes da interação com determinados ambientes, começa a se desenhar a discussão sobre a influência e importância de espaços verdes em abundância e descentralizados no ambiente urbano.

4 COMPREENDENDO A RELAÇÃO PESSOA - AMBIENTE

O advento da crise ambiental no final dos anos 60 veio reforçar a ideia de que cidades não são lugares calmos e estáveis de se viver por se apresentarem sujas, barulhentas e congestionadas. Neste momento, também começou a ganhar visibilidade o campo da psicologia ambiental (PA), sendo este considerado um campo novo dentro da psicologia (ALTMAN, 1975; PROSHANSKY, ITTELSON, & RIVLIN, 1970; STOKOLS, 1977, 1978), no qual busca a “aplicação de conceitos à relação pessoa-ambiente ocasionada no meio físico, em particular na conjuntura da vida urbana – o ambiente construído” (PROSHANSKY, 1978, p. 150), contribuindo, então, com a melhoria do ambiente urbano através da compreensão destas inter-relações.

A psicologia ambiental desenvolveu-se com o objetivo de estudar o efeito do ambiente sobre as pessoas e grupos sociais, seja este ambiente construído ou natural. Neste sentido, houve a formulação de novos conceitos para estudos sobre cognição, tais como wayfinding, elementos nodais e limites de áreas (LYNCH, 1960), percepção de agradabilidade (NASAR, 1990) ou segurança, formação de signos e significados, avaliação de satisfação (RAPOPORT, 1977; TOGNOLI, 1987; WEIDEMANN & ANDERSON, 1985), identidade, apego, dentre outros temas.

De acordo com Moser (1998, p. 121), a psicologia ambiental:

[...] estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações - e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social. As dimensões sociais e culturais estão sempre presentes na definição dos ambientes, mediando a percepção, a avaliação e as atitudes do indivíduo frente ao ambiente. Cada pessoa percebe, avalia e tem atitudes individuais em relação ao seu ambiente físico e social. Por outro lado, a inter-relação também quer dizer que estudamos os efeitos desse ambiente físico particular sobre as condutas humanas. Então, estamos estudando uma reciprocidade entre pessoa e ambiente.

Inicialmente intitulada de ‘psicologia arquitetônica’⁷, a psicologia ambiental tem como uma de suas prioridades o estudo da compreensão de fatores que se

⁷ De acordo com Canter e Craik (1981), a psicologia ambiental começou a aparecer em estudos de geógrafos norte-americanos, assim como sociólogos e psicólogos britânicos no final dos anos 40 e início dos anos 50; porém, o campo só começou a ganhar reconhecimento como uma vertente potencial da psicologia quando intitulado como ‘psicologia arquitetônica’, no final dos anos 50 e início dos anos 60.

projetam no meio físico e que levem a mudanças no comportamento das pessoas, dando maior enfoque à necessidade de promoção de comportamentos positivos em relação ao meio (CARRUS, BONAIUTO E BONNES, 2005).

Assim como sugere o seu nome mais antigo, a psicologia ambiental, em seu período inicial, dava maior foco ao ambiente construído e como este poderia estar influenciando o comportamento e bem-estar humano (DOS SANTOS & DOS SANTOS, 2021). Desta forma, estudos que visavam identificar a melhor forma de projetar espaços, como escritórios e casas, passaram a ser mais frequentes, tendo também como objetivo a avaliação de aspectos estressores que poderiam vir a afetar o desempenho das pessoas as quais estariam utilizando estes espaços (STEG, VAN DEN BERG & DE GROOT, 2013, p. 03).

A psicologia ambiental passou, portanto, a se distinguir dos outros campos da psicologia por ter como o seu maior diferencial a avaliação também dos aspectos físicos ambientais (PROSHANSKY, ITTELSON, RIVLIN, 1970; STOKOLS, 1978, CANTER & CRAIK, 1981). Em uma conceituação da PA direta e de fácil entendimento, Canter e Craik (1981, p. 02, **tradução nossa**) a definem como sendo a “área da psicologia que aborda e analisa conjuntamente as transações e inter-relações das ações e experiências humanas com aspectos inerentes do entorno sociofísico”.

Essa base da Psicologia Ambiental continua até os dias atuais, porém, com o passar das décadas, outros temas e objetos de estudos foram sendo explorados pelos cientistas da área. Assim como relatado por Steg, Van den Berg & de Groot (2013), em uma descrição temporal das fases da PA, a partir do final dos anos 60, a crise ambiental evidenciada passou a chamar a atenção da comunidade científica, e este fator levou ao aparecimento de pesquisas relacionadas à inter-relação das atividades humanas e o ambiente natural, estando relacionados de forma intrínseca, no qual foram levados em consideração os efeitos negativos causados ao ambiente pelas pessoas, assim como o retorno destes efeitos negativos, influenciando o bem-estar da população e também a saúde física e mental. Nesse sentido, fica evidente a forma como os elementos pessoa/ambiente se influenciam continuamente (UZZEL & MOSER, 2009; KHAN

& AFTAB, 2015; MOSER, 2018; CAMPOS-DE-CARVALHO, CAVALCANTE & NÓBREGA, 2021).

“O homem não tem uma relação passiva e unilateral com o meio ambiente, construído ou natural. Ele é um organismo ativo, empreendedor, ambicioso, que pode selecionar e modificar o seu próprio meio. Seja qual for a fase dessa circularidade que se escolha, é previsível que as influências mais poderosas sobre o homem e as mais poderosas influências do homem sobre o meio ambiente terão por mediadoras aquelas características físicas que, por seu turno, controlam o comportamento social.” (LEE, 1977, p.12)

Levando em consideração os efeitos que um determinado ambiente tem na conduta humana, estudos sobre como o planejamento dos ambientes podem influenciar as atitudes das pessoas através do entendimento subjetivo/cognitivo destes com determinados locais poderão levar a resultados de conservação ambiental e melhoria do bem-estar da população nestes determinados espaços (HALPENNY, 2010).

Alguns autores pontuam que a importância atribuída a determinados lugares e a presença e desenvolvimento de laços afetivos a estes têm impacto direto na nossa existência, influenciando a formação da nossa identidade (GIULIANI, 2003; PROSHANSKY, FABIAN, KAMINOFF & RAYMOND, 1983).

A sensação que experimentamos relacionada a certos lugares e às comunidades, e o modo como o definimos e como os próprios se definem, tal como 'casa' (família, relações, amigos), local de trabalho (colegas), igreja (adoradores simpatizantes), vizinhança (vizinhos), cidade, país, continente – certamente tem um efeito positivo forte na definição da nossa individualidade, no recheio da nossa vida com a significação, no enriquecimento dele com valores, metas e importância. (GIULIANI, p. 137, 2003, **tradução nossa**)

O desenvolvimento da identidade local, sendo definida como um componente da identidade pessoal, ocorrerá através de interações com os lugares, ocasionando também no despertar do sentimento de pertencimento entre as pessoas com estes locais específicos (PROSCHANSKY, FABIAN & KAMINOFF, 1983; HERNÁNDEZ, HIDALGO, LAPLACE & HESS, 2007). A presença da sensação de pertencimento e identidade local, ou a falta dela, refletirá no despertar de diferentes emoções, e a avaliação destas facilitará o entendimento do impacto que o meio físico tem nas pessoas que o vivenciam, lembrando que, na interação pessoa-ambiente, este impacto ocasionado pelo meio físico é fruto da forma

como as pessoas, sociedade e cultura interagem e constroem esse meio (CORRALIZA, 2002; ZACARIAS & HIGUCHI, 2017).

“O ambiente físico é um dos conjuntos de influências que se exercem sobre o comportamento, os juízos, as percepções e emoções. Nessa medida, modela parcialmente as nossas personalidades. Inversamente, dispomos de forças poderosas sob nosso comando para modelar o ambiente físico. Por conseguinte, tanto ao nível individual como ao governamental, na medida em que aprendemos a compreender as consequências da interação homem-meio ambiente, seremos mais capazes de modelar o nosso próprio destino. A limitação atual é a nossa ignorância.” (LEE, p. 27, 1977).

Quando pensamos no planejamento e gestão urbana sustentáveis, devemos levar em consideração fatores econômicos, de conservação ambiental e de bem-estar e qualidade de vida da população. A compreensão das emoções dos indivíduos no espaço público é um caminho que facilitará a construção de um espaço urbano sustentável (BROWN E PERKINS, 1992; CORRAL-VERDUGO, & PINHEIRO, 1999; GIULIANI, 2003; GIULIANI, FERRARA, & BARABOTTI, 2003; HALPENNY, 2006; PFISTER & BÖHM, 2008; FELIPPE & KUHNEN, 2012), uma vez que as entidades responsáveis pelo planejamento urbano estarão mais conectadas às demandas da população local em relação aos seus desconfortos e satisfações em relação ao espaços públicos.

Um exemplo foi a análise sobre o sentimento do apego ao lugar em situações de realocação da população, por Brown e Perkins (1992), que definem este fenômeno como sendo um laço positivo na relação pessoa-ambiente, que normalmente reflete os comportamentos, cognições e carga emocional experimentados individualmente ou em grupo em seus ambientes sociofísicos. Segundo os autores, este sentimento desperta um estado de bem-estar e desejo de permanência, contribuindo para o envolvimento das pessoas na boa manutenção da área, e a ruptura desta relação pode ocasionar situações de estresse e luto.

Situações de risco, como a vivenciada atualmente pela pandemia do COVID-19, conseguem despertar emoções a partir da percepção e julgamento sobre os riscos em ocorrência. Assim como o exemplo do risco de ser despejado do seu ambiente residencial, como analisado por Brown e Perkins (1992), outros autores também evidenciam esta resposta emocional a outras situações (BÖHM

& TANNER, 2013), por exemplo, os riscos ambientais, direcionando a tomada de decisões e a avaliação destes riscos (PFISTER & BÖHM, 2008), podendo estes serem afetados pelos valores, moral e ética de cada indivíduo (WHITFIELD, ROSA, DAN, & DIETZ, 2009) e, a depender da situação em que os indivíduos são colocados, será possível observar ou escutar relatos de respostas através das emoções. Cabe mencionar, nesse sentido, o estudo de Hanselmann & Tanner (2008), no qual emoções de estresse e até mesmo raiva foram observados quando participantes precisaram responder questões que colocavam seus valores em questão.

O cenário de problemas ambientais, sendo este um bom exemplo de risco coletivo, tal como a mudança climática, desmatamento e poluição, demanda esforços em conjunto da comunidade científica de forma interdisciplinar, tendo como objetivo em comum a solução de problemas da vida real, e acredita-se que o mesmo se aplique à crise sanitária em decorrência da pandemia vivenciada na atualidade. O estudo da relação pessoa-ambiente terá, então, a função de análise desta interação, tendo como finalidade a compreensão de um desenho da cidade que atenda às necessidades da sua população em tempos de crise de forma sustentável, preocupando-se na preservação/desenvolvimento da qualidade de vida da população como também ambiental.

Psicólogos Ambientais não conduzem estudos apenas por curiosidade científica sobre algum fenômeno, mas também por contribuir através de soluções de problemas da vida real. Isso não quer dizer que psicólogos ambientais não estão interessados em teorias. Como evidenciado neste livro, grande atenção é direcionada para a construção e teste de teorias com o intuito de entendimento, explicação e prever interações pessoa-ambiente. No entanto, um alvo importante no desenvolvimento teórico na Psicologia Ambiental permanece sobre a identificação das soluções mais eficazes para problemas da vida real (STEG, VAN DEN BERG & DE GROOT, 2013, p. 5-6).

O debate das emoções para entendimento e solução de problemas da vida real é de grande complexidade visto sua subjetividade e a dificuldade de um consenso na conceituação por parte da comunidade científica (FRIDJA E SCHERER, 2009; ROAZZI, DIAS, SILVIA, SANTOS & ROAZZI, 2011; FONTAINE, SCHERER & SORIANO, 2013). Apesar da complexidade do tema, as emoções desempenham um papel fundamental no entendimento do bem-estar da população, tanto no que diz respeito ao ajuste do ambiente, levando em

consideração aspectos que despertam emoções positivas, como à prevenção do aparecimento das emoções negativas.

Em suma, emoção pode ser definida como um episódio limitado na vida de um indivíduo, caracterizado como um padrão emergente de sincronização entre estados de mudança de diferentes subsistemas do organismo (os quais são considerados como componentes das emoções), preparando tendências de ações adaptativas para eventos relevantes, assim como definido por seus sentidos comportamentais (determinado por processos recorrentes de avaliação), tendo ainda um impacto poderoso no comportamento e experiências. (SCHERER, 2013, p. 9)

Alinhado a isto, a presente pesquisa busca o entendimento das emoções sentidas pela população no período atual de pandemia, tendo como premissa a interação pessoa-ambiente, buscando analisar a forma como os espaços públicos verdes influenciam o cotidiano das pessoas que sentem os efeitos emocionais ocasionados pelo confinamento/distanciamento social. Entendendo tanto os lados positivos como os negativos de vivenciar o espaço público neste período caótico, e as limitações e dificuldades encontradas para coleta de dados, almeja-se que a presente pesquisa sirva como um estudo base para futuros trabalhos e projetos de planejamento e gestão da cidade, adaptando seus espaços públicos para possíveis cenários futuros de crise, uma vez que este cenário de crise sanitária não é o primeiro na história e também não será o último.

Posto que a hipótese inicial desta pesquisa é de que os espaços públicos verdes, tal qual os parques urbanos, têm grande influência na restauração emocional na população, baseada em pesquisa bibliográfica que será melhor detalhada no subcapítulo 5.2, é pretendido também evidenciar a necessidade de preservação e restauração dos espaços naturais urbanos como forma de aprimoramento da qualidade de vida e bem-estar da população, mas também como forma de mitigação dos impactos em decorrência da crise climática.

Sendo assim, entraremos um pouco mais a fundo no conceito das emoções no próximo capítulo, em razão de a análise atual ser voltada nas diversas emoções as quais o meio físico tem despertado na população atualmente.

4.1 EMOÇÕES

De acordo com Scherer (2013, p.8), ao decidir fazer a avaliação de emoções em indivíduos através da abordagem linguística que, segundo o autor, é uma abordagem totalmente justificável, faz-se necessário o entendimento do significado da palavra ‘emoção’, assim como das palavras que designam emoção. Porém, a busca pela definição linguística e conceitual da emoção é antiga e bastante ampla (DIAS, CRUZ & FONSECA, 2008), assim como relatado por Roazzi, Dias, Silvia, Santos & Roazzi (2011, p. 52) em um estudo com crianças pertencentes a escolas brasileiras públicas e privadas, sobre o entendimento do que seria a emoção.

“As formas de expressão das emoções modificam-se no decorrer da vida, ou seja, determinados estados emocionais tornam-se mais sofisticados à medida que o indivíduo avança no seu processo de desenvolvimento; a existência de diferentes contextos socioculturais e do momento histórico, no qual o sujeito está inserido (Roazzi, Federicci, & Wilson, 2001). A significação que cada sujeito atribui a suas emoções e o modo como elas são vivenciadas também deve ser um aspecto a ser considerado (Bruner, 1997).”

Para além da dificuldade conceitual relatada, Fridja e Scherer (2009) acrescentam que as possíveis causas são uso frequente de forma inconsistente do termo entre leigos e cientistas, como também o estudo das emoções por diferentes campos científicos, uma vez que a definição do fenômeno por cada campo aparece na literatura de forma diferente. Embora existam tais empecilhos, os autores reuniram algumas definições da emoção (**Tabela 2**) compartilhadas pela maioria dos pesquisadores e teóricos que estudam este fenômeno.

Tabela 2: Definição do conceito de emoções

Scherer & Ellsworth, 2009; Scherer, 2001	As emoções são provocadas quando algo importante acontece ao organismo, tendo consequência direta em suas necessidades, objetivos, valores e bem-estar geral. A relevância é determinada segundo a avaliação dos eventos de acordo com alguns critérios, particularmente a novidade ou surpresa de um estímulo ou evento, sua satisfação ou descontentamento intrínsecos, e sua consistência motivacional, isto é, sua propensão de satisfazer uma necessidade, alcançar um objetivo, defender um valor ou sua “obstrução” em alcançar qualquer um destes.
--	--

Fridja, 2007	Emoções preparam o organismo para lidar com importantes eventos de suas vidas, tendo ainda uma grande força motivacional, produzindo estados de prontidão à ação.
Scherer, 2001, 2005	Emoções engajam a pessoa por inteiro, demandando ações e/ou impondo suspensão da ação, e são conseqüentemente acompanhadas pelo ajuste somatovisceral preparatório e sistemas motores. Isso significa que as emoções envolvem diversos componentes, subsistemas do organismo que se tornam sincronizados em diferentes graus durante os episódios de emoção, maximizando a capacidade do organismo de adaptação às circunstâncias da situação.
Fridja, 2007; FRIDJA & SCHERER, 2009	Emoções concedem prioridade de controle nos estados de prontidão à ação, no sentido de reivindicar (nem sempre com sucesso) prioridade no controle do comportamento e experiência.

Fonte: Frida & Scherer (2009, p. 201, **tradução nossa**).

À parte, Scherer (2013, p.9, **tradução nossa**) define emoção como

“[...] um episódio limitado na vida de um indivíduo, caracterizado como um padrão emergente de sincronização entre estados de mudança de diferentes subsistemas do organismo (os quais são considerados como componentes das emoções), preparando tendências de ações adaptativas para eventos relevantes, assim como definido por seus sentidos comportamentais (determinado por processos recorrentes de avaliação), tendo ainda um impacto poderoso no comportamento e experiências.”

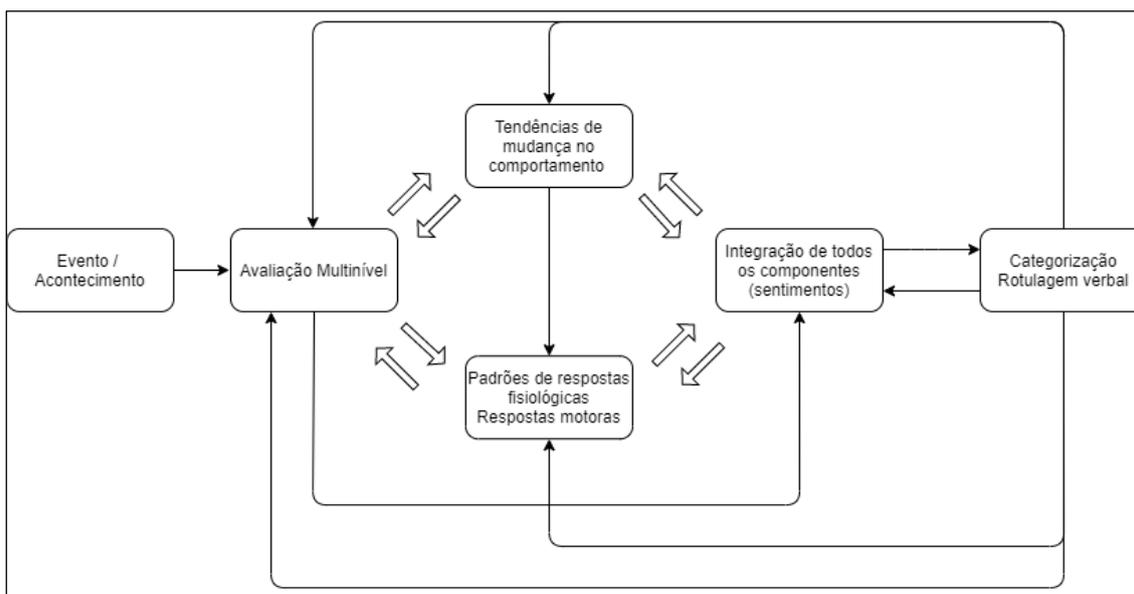
Entre as diversas teorias existentes da emoção, três correntes são destacadas pelo autor, sendo elas: emoção básica, dimensional/construtivista e teorias avaliativas⁸. Brevemente passando por elas, na corrente das emoções básicas, existem categorias separadas entre emoções básicas e complexas (ou primárias e secundárias); o aspecto dimensional da segunda corrente propõe que os sentimentos variam em três dimensões, sendo elas: conduta (positiva ou negativa), estimulação (calma ou empolgação) e tensão (tenso ou relaxado), desempenhando um papel fundamental em estudos que objetivam acessar experiências emocionais e afetivas (FONTAINE, 2013, p.31); já o aspecto construtivista propõe uma construção cognitiva das emoções nos indivíduos, sendo incitadas por um conjunto de estímulos externos; por último, a corrente das teorias avaliativas das emoções presume que as principais emoções são

⁸ Para mais detalhes, ver Fontaine, Scherer e Soriano (2013, p. 10)

diferenciadas pelo tipo de avaliação ou julgamento que o indivíduo faz sobre o evento ocorrido.

Scherer (2013, p. 12) ainda expõe de forma bastante pedagógica o processo de formação das emoções segundo uma das teorias avaliativas, sendo ela o modelo do processo componente das emoções (CPM – *Component Process Model*). O autor relata que o CPM é baseado na conjuntura de que, durante o processo evolutivo, as emoções substituíram os instintos, permitindo respostas mais flexíveis aos eventos ocorridos em um ambiente complexo, introduzindo uma pausa entre o tempo de estímulo-resposta dos indivíduos e possibilitando um processamento mais amplo das informações. A fim de elucidar ainda mais este processo, o autor reproduziu um esquema originalmente da *Philosophical Transactions of the Royal Society (1535)*:

Figura 6: A arquitetura dinâmica do CPM



Fonte: Scherer (2013, p. 12, tradução nossa).

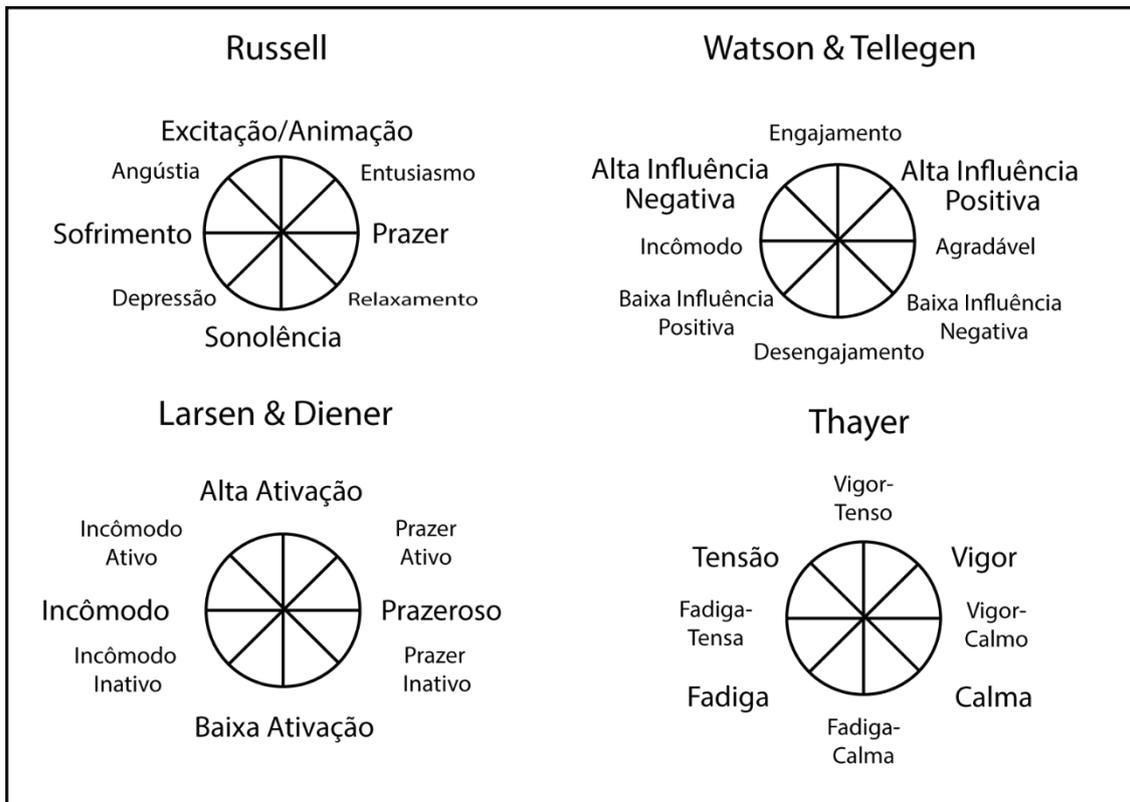
Fontaine, Scherer e Soriano (2013) apontam que emoções podem ser definidas por diversos fenômenos psicológicos (expressões faciais e vocais, reações corporais etc.) e não apenas pela premissa de que único fator a ser analisado são os significados das palavras de emoção. Apesar disso, devido às limitações impostas pelo momento de pandemia mundial e visando à segurança de todos, o presente projeto optou pela avaliação do significado das palavras de emoção, uma vez que a pesquisa foi realizada virtualmente sem a possibilidade de

interação pessoal, levando ainda em consideração que o relato de adjetivos de emoção estarão relacionados à avaliação do indivíduo com o evento exposto, questionado o impacto da situação em seu bem-estar e reação emocional surgida.

Fontaine (2013, p. 31, **tradução nossa**), em uma explanação de abordagens sobre o significado das emoções em pesquisas na área da psicologia, nos apresenta duas abordagens teóricas que têm dominado a pesquisa direcionada aos termos relativos à emoção, sendo elas a abordagem dimensional e a da emoção básica. Segundo o autor, “de acordo com a abordagem dimensional, a emoção [...] pode ser representada sobre uma posição específica no espaço contínuo que é definido por um pequeno número de dimensões subjacentes.”, enquanto para a emoção básica são definidos sete programas afetivos básicos, sendo eles a alegria, surpresa, desprezo, tristeza, medo, nojo e raiva.

O autor ainda expõe em gráfico (**Figura 7**) os quatro modelos mais importantes para representação da experiência emocional na abordagem dimensional, sendo elas:

Figura 7: Modelos de representação da experiência emocional segundo autores de abordagem dimensional



Fonte: Reproduzido através de esquema em Scherer (2013, **tradução nossa**)

Como é possível observar, as emoções desempenham um papel importante no bem-estar das pessoas, tornando-se uma fonte avaliativa valiosa ao entendimento das respostas psicológicas da população em um momento de eventos estressores como o vivenciado pela pandemia da COVID-19. Dessa forma, a emoção dos entrevistados será avaliada de forma que se possa compreender o bem-estar das pessoas submetidas às regras impostas pela Organização Mundial da Saúde para prevenção à disseminação do vírus, tendo como o afastamento e isolamento social uma situação recorrente na vida das pessoas.

Visto que a hipótese levantada para esta pesquisa é a de que áreas verdes urbanas podem vir a influenciar a mitigação do mal estar emergido a partir de estressores externos decorrentes da pandemia do COVID-19, os próximos capítulos estarão voltados à exposição dos usos, funções e benefícios destas áreas para o bem-estar da população, tendo como foco a análise conceitual dos parques urbanos.

Optou-se pela delimitação do estudo dos parques urbanos, visto a relação deles como sendo áreas urbanas com presença de vegetação em seus desenhos e projetos, cujo debate se iniciou no século XVIII, na Inglaterra, em contexto de Revolução Industrial e na busca da amenização das densas cidades industrializadas, que tinham impacto direto no declínio do bem-estar da população urbana (RODRIGUES, PASQUALETTO E GARÇÃO, 2017).

5 PARQUES URBANOS – USOS E FUNÇÕES

Em uma análise histórica do surgimento dos parques e sua utilidade, Sá Carneiro (2010, p. 21/22) afirma que o parque, assim como a praça, não é uma ideia recente, tendo seu surgimento unido à construção das cidades. Em seu surgimento, os parques não assumiram caráter público, sendo um local elitizado, ponto de encontro da aristocracia e realeza para práticas esportivas e de lazer, tendo o seu uso permanecido assim até início do século XVIII.

A partir do século XVIII, na Inglaterra, em contexto de Revolução Industrial e de busca por amenizar as densas cidades industrializadas, os parques foram efetivados como espaços públicos (RODRIGUES et al., 2017). Em contexto global, a percepção da crise ambiental trouxe à tona a conferência de Estocolmo no final do século XX, onde se deu início aos debates relacionados à preservação ambiental e à busca por uma maior proximidade com a natureza. A necessidade de espaços verdes inseridos na cidade se tornou cada vez maior; dessa forma, houve uma alteração no uso, desenho e importância dos parques urbanos, tornando-os espaços passíveis ao estreitamento da relação entre a população urbana com a natureza.

“A escolha da função de um parque urbano precede a sua concepção: primeiro, é sugerida pelos agentes públicos para, apenas posteriormente, concretizar-se no projeto elaborado por arquitetos paisagistas. São várias funções desempenhadas pelos parques urbanos: a recreativa, relacionada à contemplação, à meditação e à prática de esportes; a cultural, cujo foco, no mais das vezes, é a história anterior da localidade; a estética, caracterizada pela oferta de cenários de beleza paisagística; a social, que diz respeito a convivência entre usuários; a educativa e ecológica, baseada nos benefícios que a proximidade com a natureza pode trazer à qualidade de vida, bem como nos valores positivos que do contato com plantas e animais podem emergir; e a econômica, relacionada ao turismo e à valorização das edificações do entorno.” (SÁ CARNEIRO, 2010, p. 51)

Em contexto brasileiro, com a criação da Lei n. 9.985 em 2000 (BRASIL, 2000), que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, é possível observar, no artigo 11, que a função dos parques passa a estar relacionada à preservação do meio ambiente, sendo estes de posse e domínio públicos, para que a sociedade, de maneira equitativa, faça uso dos serviços naturais lá dispostos. Esta declaração marca a necessidade da presença da vegetação nos parques (nas suas mais variadas formas, condizentes com a flora

local), sendo esses ambientes destinados ao fomento da preservação da natureza e amenizadores das alterações climáticas.

Para Cardoso, Sobrinho e Vasconcellos (2015, p. 86), “os parques urbanos são importantes locais para preservar as áreas verdes que ainda existem na cidade e, com essa preservação, contribuir para a manutenção ou melhoria da qualidade de vida das pessoas da cidade”. Os autores afirmam sobre um consenso da importância dos parques urbanos na literatura, atribuindo a eles a possibilidade de melhora da qualidade de vida na conjuntura urbana, assim como Meneses (2018, p. 43), que enumera diversos benefícios atribuídos aos parques urbanos, tanto no que diz respeito aos benefícios para a cidade como um todo, como para os seus habitantes, sendo eles: equipamento social, restauração física e psíquica, lazer, sustentabilidade ambiental urbana, economia, entre outros.

Com um apanhado de autores que discutem o papel dos parques urbanos, Costa, Sobrinho e Vasconcelos (2015, p. 73) definem estes espaços como sendo prestadores de “serviços ambientais à população por meio da filtragem do ar, água, vento e poluição sonora; estabilização do microclima e formação de um meio ambiente natural que influencia na saúde mental das pessoas por via da redução do estresse e provisão de sensação de paz”, sendo este um fator de grande importância, uma vez que o estresse pode estar associado à deterioração psicológica dos indivíduos (ULRICH, 1983; ULRICH *et al.*, 1991; HAMMEN, 2005), logo, parques urbanos representam áreas estratégicas que têm impacto positivo na vida da população urbana.

Monteiro (2007) discute a nostalgia atual da natureza estando diretamente relacionada ao distanciamento das cidades com o campo, uma vez que as cidades se tornaram maiores e conseqüentemente mais congestionadas. Deste modo, foi despertada a necessidade de integração do verde no espaço urbano, sendo uma maneira de resgate da paisagem bucólica rural rica em vegetação, como levantado por alguns autores (KARPLAN, 1995; GOMES E SOARES, 2003), em suas abordagens da vegetação como um elemento reestruturador.

“Ambientes naturais são frequentemente os destinos preferidos em oportunidades de momentos restauradores prolongados. Áreas

costeiras, montanhas, lagos, rios, florestas e prados são locais ideais para uma 'escapada'. Ainda assim, para muitas pessoas no contexto urbano, a oportunidade de escapar para estes destinos não é uma opção. No entanto, para que o sentimento de 'escapar da rotina' esteja presente não é necessário que o destino seja distante. Ambientes naturais que são facilmente acessados oferecem, assim, um importante recurso para descansar a atenção direcionada (KARPLAN, 1995, p. 174, **tradução nossa**)."

Freitas (2005) atribui aos parques urbanos, assim como às praças, jardins, margens de rios e áreas verdes em geral, a ideia de ilhas de amenidades em meio a um conjunto de superfícies edificadas. Consoante o autor, as ilhas de amenidades são definidas como sendo:

[...] locais que se diferenciam do seu entorno devido às qualidades do ambiente. Podem ser identificadas pela sua apazibilidade e também pela objetiva constatação de que apresentam temperaturas mais 'amenas', o que nos climas quentes significa temperaturas mais baixas do que aquelas registradas à sua volta. Essas ilhas de bem-estar ocorrem onde há uma maior concentração de massa vegetada, vindo a apresentar, sobretudo nos atuais espaços intraurbanos, fragmentos remanescentes dos climas naturais de outrora (FREITAS, 2005, p. 81).

Lima e Amorim (2006, p. 69) denominam as áreas verdes como um indicador na avaliação da qualidade ambiental urbana obrigatórias por lei. Em conformidade com as autoras, "a falta de arborização pode trazer desconforto térmico e possíveis alterações no microclima, e como essas áreas também assumem papel de lazer e recreação da população, a falta desses espaços interfere na qualidade de vida desta."

De acordo com o Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas – PBMC (2016, p. 12), "a supressão de ecossistemas, desencadeada pelo crescimento urbano desenfreado, é um dos principais fatores de redução da resiliência das cidades", o que tem impacto direto na vulnerabilidade das cidades e sua população frente aos impactos decorrentes da mudança climática, como as enchentes, deslizamentos, transmissão de doenças, desconforto térmico, entre outros. Como forma de enfrentamento desses impactos, torna-se necessária a preservação de serviços ecossistêmicos que proporcionem a regulação da temperatura, da qualidade da água e do ar, mitigação da erosão, sequestro de carbono, etc.

Os parques podem ser grandes aliados na preservação da natureza presente nas cidades, tornando possível o estreitamento da relação entre a população urbana com a natureza, como afirma Meneses (2018, p. 20):

[...] os parques urbanos têm assumido relevância em todo o mundo e representam uma possibilidade de minimizar os efeitos desastrosos da crise ambiental que vivemos. As áreas verdes inseridas nas cidades, que propiciam conforto térmico e ambiental, passam a ser consideradas também no planejamento integrado urbano, juntamente com outros sistemas, tais como saneamento, transporte e serviços.

5.1 ÁREAS VERDES E MOBILIDADE

O contexto urbano, como anteriormente mencionado, passou a estar associado com uma imagem de caos, doenças psiquiátricas como depressão e stress, assim como as doenças tropicais transmissíveis (Chikungunya, Dengue, Zica, entre outras) intensificadas pelas péssimas condições sanitárias em diversas partes da cidade, poluição, má qualidade de vida e diversas outras mazelas. Dessa forma, as áreas verdes urbanas, ambientes que trazem a sensação de aproximação com a natureza nas cidades, são espaços cada vez mais procurados pela população (RAIMUNDO & PACHECO, 2021), seja com propósitos de recreação, seja de contemplação ou fuga ao caos citadino; é bem verdade que a busca é crescente, porém, em muitas cidades, a quantidade destes espaços é proporcionalmente inferior ao número da população residente.

“O período de pandemia da COVID-19 impôs inúmeras transformações nas cidades no campo da política, economia, ambiente, cultura, relações sociais e afetivas, e para a vida urbana trazendo inúmeras reflexões e questionamentos sobre o modelo de cidade que queremos viver num possível futuro pós-pandemia.” (XIMENES *et al.*, 2020, p. 3)

Karplan (1995) menciona que ambientes naturais são cada vez mais procurados pelas pessoas nos seus momentos vagos de viagens; o que acontece é que muitas pessoas na conjuntura urbana não têm as condições financeiras para ter essa oportunidade de estarem viajando durante seus momentos vagos, e os espaços verdes públicos, como os parques urbanos, podem estar desempenhando essa função de conexão com a natureza para esta parcela da população, podendo vir a ser também um ambiente essencial em situações de vulnerabilidade. Raimundo e Pacheco (2021) chegam a comparar os parques com as praias urbanas como espaços democráticos de expressão dos lazeres.

Ao tomarmos a cidade do Recife como objeto de estudo, podendo esta reflexão ser direcionada a qualquer outro contexto urbano, levamos em consideração o tempo médio de deslocamento diário da maior parte da população residente desta metrópole. Estudos voltados à avaliação dos deslocamentos pendulares na Região Metropolitana do Recife (RMR) apontam uma tendência de um maior fluxo voltado à cidade do Recife, dentre as 14 cidades que compõem a Região Metropolitana (MARTINHO, *et al.*, 2016; SILVA & QUEIROZ, 2018). De acordo com Martinho (2018), em sua pesquisa sobre movimentos pendulares na Região Metropolitana do Recife (RMR), considerando o perfil ocupacional da população, a autora chegou a resultados que mostram que, dentre um total de 1,5 milhão de pessoas ocupadas profissionalmente, cerca de 20% se desloca diariamente para exercer sua função em outro município; desta população que se desloca, 73% tem como destino a capital (Recife), sendo seguidos pelos municípios de Jaboatão dos Guararapes e Olinda, apresentando, respectivamente, o total de 7,6% e 6,7% dos movimentos.

Esse fluxo diário representa uma utilização intensa do transporte público, fazendo com que pessoas usem diariamente o sistema de Metrô, BRT e ônibus urbanos. É de se imaginar que uma metrópole que recebe movimentos pendulares diários das cidades vizinhas, além das pessoas residentes da capital que se deslocam entre bairros, apresenta uma sobrecarga do sistema de transporte público, combinado com o atraso dos horários destes transportes devido ao intenso fluxo de carros particulares das pessoas que optam e têm o privilégio por fazer estes deslocamentos com seus próprios veículos.

Pessoas as quais frequentam sistemas de integração de ônibus, assim como a população que acompanha as notícias do dia a dia nestes locais, vê uma dinâmica de quase de maratona e briga por espaço dentro dos ônibus (G1, 2022); esta realidade é presente desde muito antes da pandemia, porém, com a necessidade de distanciamento entre as pessoas, situações como a de briga por espaço dentro do transporte, aglomeração de pessoas em pé, falta de veículos que supram a demanda com conforto e segurança no distanciamento se tornaram ainda mais chocantes.

A mobilidade e a necessidade de uso do transporte público ou particular está presente na realidade dos moradores da RMR, assim como em diversos outros centros urbanos espalhados pelo mundo. Uma alternativa que impactaria a qualidade de vida, tempo gasto de deslocamento, saúde, poluição do ar e qualidade de vida urbana seria o uso de bicicletas ou idas a pé aos ambientes, mas acontece que as altas temperaturas e a falta de estrutura urbana capaz de oferecer segurança ao uso de bicicletas fazem a população refém dos veículos motorizados. Mais uma vez, o investimento na arborização em toda a cidade (aliado a outras iniciativas), trazendo sombra nas calçadas, poderia ser um aliado no conforto térmico e incentivo para que as pessoas optassem pelo uso da bicicleta ou idas a pé.

[...] tem-se que o estudo da transformação de espaços livres públicos visando a sua apropriação, a partir da dimensão humana, durante grande parte do ano, demanda a inserção imprescindível do elemento vegetal arbóreo [...] (AZERÊDO, 2017, p. 57)

Outro aliado na solução deste problema de mobilidade seria a descentralização de serviços de apenas um centro, fazendo com que toda a cidade fosse formada por uma teia de centralidades providas de serviços essenciais (escolas, creches, hospitais), comércio, polos tecnológicos, áreas de lazer (parques, praças, jardins) e o que mais pudesse vir a ser conveniente, a partir de um amplo debate de um contato direto com a população. Isso teria o objetivo de esclarecer suas necessidades, principalmente à população em maior grau de vulnerabilidade, uma vez que, segundo estudo realizado em Fortaleza durante o período de pandemia, concluiu-se que a maior proporção de letalidade na cidade era proveniente de bairros suburbanos, mais pobres e, conseqüentemente, com difícil acesso aos serviços públicos de saúde, como as unidades de pronto atendimento à saúde (UPAs) (SANHUEZA-SANZANA, *et al.*, 2021).

Um conceito oportuno para a reflexão, quando pensamos em um aprimoramento da mobilidade urbana a melhor acesso aos serviços, é a cidade de 15-minutos (*15-minute city*), baseada no conceito do chrono-urbanismo, que é fundamentado na ideia de que a qualidade de vida urbana é inversamente proporcional à quantidade de tempo investida em deslocamento através do uso de automóveis. Este conceito se apoia na proximidade que os moradores terão em acesso a bens e serviços fundamentais no dia a dia, tornando-os equitativos

para as diferentes camadas sociais da população e trazendo diversos outros benefícios, como a diminuição de gases causadores do efeito estufa pela diminuição do uso de automóveis, maior conexão com a comunidade e bairro, entre outros.

5.1.1 A Cidade de 15 minutos

Proposta inicialmente em 2016 por Carlos Moreno, a cidade de 15 minutos (*The 15-Minute City*) torna-se mais do que nunca uma opção à qual devemos estar atentos e buscar conhecer mais seu conceito e aplicabilidade local (MORENO, *et al.*, 2021). O conceito da Cidade de 15 minutos tem como base o ajuste do ambiente urbano de forma que sua população tenha acesso a serviços essenciais em até 15 minutos de caminhada ou veículo não motorizado (mobilidade ativa), diminuindo, assim, a desigualdade de acesso vivenciada nas grandes e médias cidades.

O modelo, além de levar em consideração a justa oportunidade de acesso ao espaço público e serviços, dá importância às dinâmicas que também serão impactadas com a implementação deles, tais como o desenvolvimento da identidade local, uma vez que você estará ocupando e fazendo uso ativo dos espaços próximos com uma frequência e proximidade muito maior. Isso também se reflete na dinâmica social, à medida que se cria um senso de comunidade e de zelo pelo espaço, como também nos impactos locais, cujos efeitos podem ser globais, quando, por exemplo, pensamos na diminuição de gases de efeito estufa gerados pelo constante uso de veículos motorizados; no estímulo à economia local e na preservação e incentivo aos espaços de lazer ricos em vegetação nos centros, que trarão grandes impactos positivos relacionados à amenização dos microclimas e das ilhas de calor, à absorção da água da chuva (prevenindo enchentes), dentre diversos outros serviços ambientais proporcionados por essas áreas que impactam diretamente a qualidade de vida da população do entorno. A proposta da Cidade de 15 Minutos está alinhada com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 11, que tem como princípio tornar cidades e aglomerações humanas inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis, estabelecendo o acesso universal e seguro a espaços públicos e verdes.

Pensar novamente as cidades a fim de facilitar a opção de ir a pé ou de bicicleta inspiraria a criação de parques, praças e espaços públicos junto aos bairros, e, fazendo isso, ajudaria a construir equidade social no acesso a estes locais, uma vez que os mesmos não são sempre disponíveis de forma igualitária à população em uma cidade dependente de carros (MORENO *et al.*, 2021, p. 96).

As mudanças previstas tendem a impactar a participação da população com o espaço físico, uma vez que se tem como intenção uma maior proximidade, desenvolvimento do senso de comunidade e cuidado com a manutenção do seu bairro. Dessa forma, a cidade de 15 minutos também é uma maneira de incentivo ao engajamento da população com a preservação dos espaços através dos sentimentos positivos que serão desenvolvidos ali.

Visando ao desenvolvimento que tem como finalidade o sustentável, Silva e Pelicioni (2014) questionam os modelos de gestão que não incluem a participação da sociedade, sendo estes considerados não eficientes à sustentabilidade. Para as autoras, não há como pensar em desenvolvimento sustentável sem levar em consideração as reais necessidades da sociedade, a fim de que o planejamento seja igualitário. Para alcançar esta equidade nos serviços, torna-se necessária a participação da população, sendo papel dos gestores ponderar possíveis conflitos de opiniões devido à composição heterogênea da sociedade, inserida em diversos contextos socioeconômicos.

Atrelado à iniciativa de inclusão popular nos processos de decisão, é indicado um modelo participativo que também desempenhe a função educativa, a fim de que o sentimento de pertencimento da população cresça e seja refletido na conservação local (SILVA & PELICIONI, 2014, p. 819). O pensamento interdisciplinar, com objetivo de solução das mazelas enfrentadas no ambiente urbano, é cada vez mais necessário, buscando várias perspectivas e necessidades específicas a fim de suprir demandas que apenas uma área do conhecimento não dará conta.

Com uma mudança no pensar e planejar a cidade, será fundamental que estejamos preparados para futuras adversidades, procurando também a diminuição dos impactos que agravam o aquecimento global, uma vez que esse fenômeno está diretamente ligado ao aparecimento de novas doenças. A cidade de 15 minutos tem uma proposta que poderá suprir diversos problemas que

foram escancarados com a pandemia, levando também a questionamentos de como teríamos vivenciado esta pandemia, caso o modelo das cidades fosse diferente.

Um caso que ganhou notoriedade durante a pandemia foi o da prefeita de Paris, Anne Hidalgo, cujas atitudes de planejamento se basearam na cidade de 15 minutos, ampliando as ciclovias da cidade e abrindo os playgrounds e áreas livres das escolas em horários fora do funcionamento (FORBES, 2020). A ideia, assim como exposta pelo conceito de Moreno, seria principalmente a não necessidade do uso de transporte coletivo neste momento delicado, planejando os bairros para que seus residentes tivessem acesso a serviços essenciais em até 15 minutos de caminhada ou com bicicleta.

As emissões de carbono podem ser significativamente reduzidas evitando a expansão urbana e criando cidades mais densas e compactas para caminhar e andar de bicicleta.

A ideia está incorporada no conceito da cidade de 15 minutos, com experimentos já ocorrendo na esteira da pandemia para reduzir o tempo de viagem e permitir que as pessoas vivam e trabalhem localmente, incluindo os bairros de 20 minutos de Melbourne e os de 15 minutos de Paris.

A cidade de 15 minutos foi central para a campanha de reeleição da prefeita de Paris, Anne Hidalgo, em 2020. A congestionada capital francesa está instalando ciclovias em todas as ruas, apropriando-se em 70% do que eram os estacionamentos na rua. O objetivo é reduzir a poluição atmosférica, sonora e de carbono como parte da meta de neutralidade de carbono de Paris para 2050.

Ao expandir os centros de trabalho e incentivar o uso de lojas e playgrounds locais, a cidade quer facilitar a "hiperproximidade" nos bairros de Paris, onde os moradores podem acessar todas as comodidades em um passeio descontraído de 15 minutos ou passeio de bicicleta (COLLINS, 2022).

O incentivo ao uso de bicicletas e caminhada trará diversos benefícios quando pensamos tanto em escala local como global. Localmente, tal incentivo potencializa a prática regular de exercícios, que terão impacto na saúde da população, prevenindo doenças e, conseqüentemente, prevenindo algumas visitas ao sistema de saúde pública; em um contexto mais amplo, esse estímulo pode levar à diminuição dos gases poluentes, trazendo impactos globais, caso contemple um grande número de cidades.

Moreno *et al.* (2021) apontam diversos casos durante a pandemia no qual a população optou pelo uso da bicicleta, fazendo a demanda por serviços públicos direcionada a ciclistas crescer. Os autores citam exemplos de cidades europeias

e estadunidenses e apontam outras demandas que ganharam destaque entre a população durante o período do pico da pandemia, como o investimento em expansão e distribuição dos espaços públicos, parques, serviços culturais e comodidades, o que fez com que prefeitos e suas equipes passassem a adequar a cidade, mesmo que temporariamente até o final da pandemia, e até mesmo visando a essa adequação de forma permanente para cidades pós-pandêmicas mais sustentáveis.

O olhar impulsionado pela pandemia de que a vivência urbana estaria ajudando uma população emocionalmente abalada pelo confinamento em suas residências traz à tona a importância dos parques na regeneração psíquica da população, sendo o próximo capítulo destinado à exposição e discussão de estudos sobre o potencial das áreas verdes para os indivíduos que as vivenciam.

5.2 O POTENCIAL DOS PARQUES NA REGENERAÇÃO EMOCIONAL

Com o passar da estadia do ser humano na terra, é possível observar, por relatos históricos, o distanciamento do homem do posto de integrante da natureza (FREITAS, 2005). A capacidade de raciocínio dele em relação às outras espécies, atrelada ao modelo econômico, resultou em uma utilização dos recursos naturais para serventia dos desejos individuais, guiada pelo pensamento do crescimento econômico.

Por ignorância ou vaidade, passamos um longo tempo da história considerando que o ser humano seria o centro do universo, tanto que na definição de meio ambiente, ele seria diferenciado de outros seres e da própria natureza, estando sempre no 'meio' do ambiente e dotado de poder de dominar a natureza, de maneira tal que, conceitualmente, não faria assim parte dela (FREITAS, 2005, p. 35).

Esta posição do ser humano no centro das relações, também chamada de uma visão antropocêntrica (MONTEIRO *et al.*, 2019), guiou o aceleração da degradação ambiental hoje vivenciada. Como forma de resgate ao equilíbrio ambiental e relações harmônicas no âmbito pessoa-ambiente, a retomada de uma visão ecocêntrica é de grande relevância, ou seja, uma visão que coloque a natureza no eixo central, uma vez que a modificação desta tem efeitos diretos nos seres humanos.

Ao perceber que os resultados da exploração dos recursos naturais e degradação do meio ambiente impactam a sociedade, reuniões internacionais passaram a ser promovidas pelas Nações Unidas em busca da sustentabilidade, como a conferência de Estocolmo em 1972, de Toronto em 1988, no Rio de Janeiro em 1992, tendo como produto o acordo global da Agenda 21, e mais recentemente, o desenvolvimento da Agenda 2030, resultado de uma reunião dos chefes de Estado e de Governo e de altos representantes na sede das Nações Unidas em Nova York no ano de 2015 (ONU, 2015, p. 3).

É evidente a necessidade de discussão e de práticas que contribuam para a restauração dos ambientes naturais já degradados e preservação dos ainda existentes, assim como exposto pela ONU na Agenda 2030, que, dentre as 169 metas a serem cumpridas em 15 anos, inclui a proteção do “planeta da degradação, sobretudo por meio do consumo e da produção sustentáveis, da gestão sustentável dos seus recursos naturais e tomando medidas urgentes sobre a mudança climática” (ONU, 2015, p. 2).

Em resposta ao adensamento construtivo, surgiu a incorporação de espaços livres vegetados (unidades de conservação, parques, praças, jardins e outros) nas cidades, sendo estes espaços sem a presença de edificações (SÁ CARNEIRO, 2004). Estas medidas aparecem como formas de mitigação dos danos causados pelo processo de crescimento urbano, tendo como finalidade a possibilidade de manutenção dos recursos naturais e da sustentabilidade.

Ao se fazer uso do termo ‘Sustentabilidade’, deve-se lembrar de que, segundo o relatório Brundtland de 1991, o desenvolvimento sustentável é definido como “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO – CMMAD, 1991, p. 46). Relacionado ao desenvolvimento urbano, faz-se necessário o devido planejamento das cidades, para que a modificação do meio não degrade os recursos naturais locais.

Uma das formas de integração do verde nas cidades é através da implantação de parques, os quais exercem uma importante função de reestruturação

ambiental; dentre elas, o auxílio na amenização da temperatura, conforto ambiental, contato com a natureza, possibilidade de integração social, educação ambiental, entre outros. Porém, para além dos benefícios ambientais, sendo estes bastante destacados na literatura (MOTA, 1999; PIVETTA E FILHO, 2002; GOMES e SOARES, 2003; FREITAS, 2005; LIMA e AMORIM, 2006; MONTEIRO, 2007; NOLL e TENFEN, 2010; SOUZA E AMORIM, 2013; CARDOSO, 2015; CAVALCANTI, 2015; AZERÊDO, 2017; MENESES, 2018), há ainda estudos que se propõem a analisar os efeitos positivos dos espaços verdes urbanos, assim como os parques, na saúde física da população (JING, CANTER & HAAS, 2019).

Apesar de muito importantes, os benefícios atrelados aos parques não estão associados somente à saúde física. Estudos mostram que espaços verdes públicos, assim como os parques, têm também impactos positivos na saúde mental da população (BRADLEY E MILLWARD, 1986; KARPLAN, 1995; LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D.; 2005; FRANCIS *et al.*, 2012; SÁ CARNEIRO, 2010; BONAIUTO *et al.*, 2002). Um estudo exploratório realizado por Godbey e Blaszey (1983, p. 234) levou em consideração os significados, motivações e satisfações dos usuários senis (acima de 55 anos) de parques. Os pesquisadores chegaram à conclusão que estes espaços são importantes aliados no desenvolvimento positivo da saúde emocional entre idosos norte-americanos, uma vez que a descrição de sentimentos vivenciados por este recorte da população foi majoritariamente positiva quando relacionada ao emocional, espiritual ou de natureza psicológica, sendo que sentimentos negativos foram praticamente não existentes.

Outro estudo bastante significativo no tocante ao entendimento de como os ambientes compostos por elementos verdes impactam positivamente a saúde mental foi realizado no início da década de 80 por Ulrich (1984), em um hospital na Pensilvânia, com pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos, hospitalizados durante os anos de 1972 a 1981. Dentre os pacientes analisados, houve uma separação por quarto da amostra, no qual as janelas de um dos leitos possibilitaram a vista para um ambiente verde natural, enquanto as janelas do outro leito estavam de frente para um muro. Com a análise dos dados e

conclusão do estudo, o autor relatou uma melhor recuperação dos pacientes instalados no leito com a janela com vista para o ambiente natural, tendo relatos de que os mesmos alegavam menos episódios de dor, necessitavam de menos analgésicos e tiveram um tempo de recuperação mais rápido quando comparados com os pacientes instalados no leito que tinha a janela com vista para um muro, indicando que os elementos naturais têm efeitos positivos, mesmo quando apenas observados por uma janela, no quadro de estresse pós-operatório ao qual os pacientes estavam submetidos.

Ambientes restauradores são aqueles que permitem a renovação da atenção direcionada e, conseqüentemente, a redução da fadiga mental. Isso implica, necessariamente, uma condição de diminuição – nesse caso, de atenção – e requisita um meio pelo qual essa atenção chegue a um estado de equilíbrio para reduzir a fadiga mental. (ALVES, 2017, p. 44)

Gressler e Günther (2013) revisitam o histórico do conceito de ambientes restauradores, trazendo autores clássicos da área, como Altman, Kaplan e Ulrich com suas abordagens e pesquisas relacionadas aos ambientes restauradores (*restorative environments*), os quais tiveram um ganho na visibilidade na década de 80 com estudos que buscavam o entendimento de elementos do ambiente causadores de sensações prazerosas e desprazerosas. Foi nesse período também que surgiram estudos cuja discussão abordava a identidade com o lugar, seus significados, apego ao lugar, entre outros.

Para Ulrich (1983; 1984), experiências em ambientes visualmente prazerosos trariam o benefício de redução do estresse, este definido como uma resposta psicofisiológica expressada a partir de determinados comportamentos a situações que botam em risco o seu bem-estar (BAUM, FLEMING & SINGER, 1985); estes benefícios são providos pelo sentir de emoções positivas, diminuição de pensamentos negativos e relaxamento, tirando a atenção do indivíduo do estado de vigilância.

Para Jing, Canter e Haas (2019), apesar da importância dos estudos que buscam o entendimento dos espaços públicos para o bem-estar físico, deve-se também haver uma movimentação que leve à compreensão dos benefícios dos espaços públicos ao bem-estar emocional da população. Os autores discutem estudos que mostraram como resultado a importância dos espaços públicos pelo fato de

estes proverem interações sociais, construção do senso de comunidade e pertencimento, terem um efeito restaurador e de cura pela possibilidade de conexão com elementos verdes (vegetação) e azuis (água), assim como oportunidades de relaxamento; o fator de tais situações interferirem no modo de sentir e interagir irá também ter impacto na saúde e bem-estar das pessoas que vivenciam estas situações.

Francis *et al.* (2012, p. 1575), em análise de correlação entre probabilidade de estresse psicológico em espaços abertos públicos de boa ou ruim qualidade, tiveram o seguinte resultado: participantes que moram em bairros com espaços abertos públicos de baixa qualidade têm duas vezes mais chances de apresentarem estresses/distúrbios psicológicos que os participantes que residem em bairros de espaços abertos públicos de boa ou média qualidade, destacando a ideia da função positiva dos espaços públicos abertos na saúde mental das pessoas, tanto pelo fator de proporcionar contato com a natureza, como por sua função social, proporcionando o desenvolvimento de relações sociais solidárias. Os autores citam como elementos que aumentam a qualidade dos espaços abertos públicos a “água, fauna, pistas de caminhada, playgrounds, iluminação adequada e gramados” e ressaltam ainda o fato de a saúde mental positiva ser um direito humano, influenciando a prevenção de doenças tanto mentais como físicas, ressaltando a importância de mais estudos que levem em consideração os aspectos do meio físico que influenciam a saúde mental da população, tanto positivamente como negativamente.

Ximenes *et al.* (2020, p. 8) relembram o contexto inglês de Revolução Industrial, no qual os parques urbanos foram vistos como uma solução a diversas mazelas aparecidas nas cidades, podendo prover ambientes de renovação do ar, assim como a possibilidade de vivenciar ambientes agradáveis e espaços recreativos.

“Na pesquisa Royal Parks Review (1992), sobre os parques da realeza, lê-se que os parques educam e civilizam a cidade porque, libertos da pressão da vida urbana, do estresse do trabalho, são um lugar de descanso e relaxamento e funcionam como fonte regeneradora do equilíbrio emocional. A vegetação, elemento marcante na paisagem dos parques em geral, traz vários benefícios à saúde mental e física, inclusive pelas propriedades da cor verde. O verde é a cor que transmite tranquilidade, estando demonstrando em pesquisa científica o seu efeito químico sobre a visão: ela combina e tem afinidade com

todas as outras cores, daí a sensação de tranquilidade que desperta no observador.” (SÁ CARNEIRO, 2010, p. 53)

Alguns países já estão em busca do estudo e desenvolvimento de projetos que mostrem diretrizes para a produção de espaços públicos que terão impacto benéfico na saúde física e mental da sua população, sendo este o *Project for Public Spaces* (Projeto para Espaços Públicos) nos Estados Unidos e o *Healthy Spaces and Places* (Espaços e Lugares Saudáveis) na Austrália, ficando cada vez mais evidente a necessidade de um movimento mundial que busque a melhora dos ambientes antrópicos, tendo em mente a necessidade de um resgate do ambiente natural primórdio de cada ambiente, em um movimento contrário ao que hoje em dia é tão comum e que prioriza o espaço construído e de concreto ao ambiente natural e restaurador.

Uma volta na quadra ou alguns minutos de contemplação na praça do bairro pode proporcionar uma sensação de bem-estar e, em certa medida, também suprir a necessidade de estar em outros locais pela possibilidade de conforto, segurança, acolhimento e liberdade, equalizando a circulação pela cidade. (NECA & RECHIA, 2020, p. 500)

Pelo fato da maioria das vistas naturais aparentemente despertarem sentimentos positivos, reduzem o medo em tópicos estressantes, prende interesse e podem bloquear ou reduzir pensamentos estressantes, eles também podem promover a restauração da ansiedade ou estresse (ULRICH, 1984, p. 420, **tradução nossa**).

Uma pesquisa recentemente desenvolvida no estado de São Paulo confirmou a falta sentida pela população em relação aos espaços que proporcionam contato com a natureza. Os números revelam que 86% da amostra relatou a falta que sentiram em estar próximo a áreas verdes durante a pandemia, havendo ainda relatos de que a população desejaria visitar espaços, como praças, no pós-pandemia (XIMENES *et al.*, 2020).

O que aconteceu em São Paulo, assim como em outras cidades brasileiras, foi o fechamento dos parques municipais como medida de enfrentamento à disseminação do vírus, e, de acordo com Raimundo e Pacheco (2021), isso se deu pela falta de conhecimento, inclusive científica, sobre como o vírus era disseminado e a falta de medicações para prevenção e tratamento da doença. Porém, passado o tempo, foi possível o entendimento de que atividades ao ar

livre com segurança estariam auxiliando a população no enfrentamento da crise e envolvendo um risco de contágio muito baixo quando seguidas as indicações e protocolos de segurança, que deveriam ser estabelecidos de acordo com a realidade de cada espaço público (tamanho, índice de visitação, etc.)

É a partir da explicitação desses fatores nos capítulos anteriores que esta pesquisa tem embasamento, buscando o entendimento de como os espaços públicos ricos em verde localizados na cidade do Recife tiveram impacto na população emocionalmente afetada durante as restrições impostas devido à pandemia do novo coronavírus. Os capítulos seguintes estão dispostos de forma que será possível entender o processo de construção da pesquisa, desde a parte até então exposta, sendo ela a construção bibliográfica, como também a construção e desenvolvimento da parte empírica e coleta de dados.

6 MÉTODO

O presente estudo busca analisar as emoções vivenciadas no ambiente domiciliar, como também no ambiente público aberto na cidade do Recife, tendo como finalidade o entendimento do papel que o espaço público exerceu na vida da população durante o período de pandemia.

A teoria das facetas foi o método escolhido na construção da presente investigação por sua ampla aplicação em estudos que objetivam a avaliação da experiência ambiental, ajudando no processo de formulação de teorias.

6.1 TEORIA DAS FACETAS

A Teoria das Facetas foi desenvolvida por Louis Guttman (1959), matemático, estatístico, além de sociólogo e psicólogo, como uma contribuição científica para o estudo de sistemas complexos, a exemplo daqueles que envolvem fenômenos sociais, culturais e psicológicos. Estes estudos tendem a considerar um grande número de variáveis e a relação entre elas tende a ser complexa e não linear. Guttman tinha uma visão crítica dos diversos sistemas estatísticos aplicados às ciências sociais, principalmente pela falta de elucidação clara das teorias que estavam sendo estudadas. Assim desenvolveu uma meta-teoria que permite identificação de conceitos a serem analisados, correlação entre eles, oferecendo a possibilidade de criação de hipóteses, objetivos a serem traçados, de forma a facilitar a visualização das técnicas a serem utilizadas para coleta e análise dos dados obtidos (BILSKY, 2003; SHYE, ELIZUR & HOFFMAN, 1994; MONTEIRO & LOUREIRO, 1994; CANTER, 1983).

De acordo com Shye, Elizur e Hoffman (1994, p. 03, **tradução nossa**):

“...a teoria das facetas proporciona uma estratégia para a conceituação do estudo, escolhendo ou criando variáveis de acordo com a proposta do estudo e formulando hipóteses. Isso será alcançado com o uso da ferramenta ‘sentença estruturadora’. A técnica da sentença estruturadora proporciona ricas possibilidades de declarar, alterar e ajustar a conceituação do estudo e o seu planejamento operacional.”

Dessa forma, o uso da teoria das facetas gira em torno da elaboração da base para desenvolvimento de pesquisa, assim como ressaltado por Canter (1983) em seu artigo de introdução sobre a teoria das facetas nos estudos de avaliação

ambiental no campo da psicologia ambiental. Para a autora, o objetivo de explicitar teorias sobre o fenômeno estudado é importante, argumentando o grande valor do uso desta a partir de declarações de autores como Stokols, Russell e Ward sobre o pouco desenvolvimento de teorias nas pesquisas de avaliação; somado a isso, Bilsky (2003, p. 357) a define como um 'procedimento metateórico', visto que é definida como uma teoria que facilita o desenvolvimento de teorias.

Figueiredo (2001), ao desenvolver uma pesquisa utilizando a teoria das facetas para explorar a visão de habitantes e arquitetos sobre a preservação de diversos edifícios históricos, argumenta o constante uso da teoria aplicada ao campo da avaliação ambiental, citando ainda trabalhos desenvolvidos em laboratórios da Universidade Federal de Pernambuco os quais utilizam o método em pesquisas que envolvem a conceituação dos indivíduos sobre lugares, ou a percepção de ambientes e até mesmo a avaliação do espaço físico.

Tendo como objetivo da presente pesquisa a avaliação da experiência do ambiente físico sobre a saúde emocional dos indivíduos em um momento sensível de isolamento, privação de movimentos e mudanças de hábitos cotidianos decorrentes da necessidade de contenção do contágio do coronavírus, o primeiro passo foi de explicitação da hipótese e delimitação do universo a ser estudado.

Foram realizadas pesquisas bibliográficas que vieram a compor as bases teóricas descritas nesta pesquisa e, aliada a esta etapa, foram realizadas visitas *in loco* em alguns parques da cidade do Recife, nos quais foram observados os diversos usos e dinâmicas que acontecem nesses espaços tanto em condições normais, como após a chegada da pandemia do novo coronavírus na cidade.

Em seguida, tais conhecimentos foram utilizados no processo de elaboração da sentença estruturadora (ou sentença mapeadora), partindo da delimitação das facetas a serem exploradas, assim como a relação entre elas e criação de hipóteses. Para que fique ainda mais claro, de acordo com Shye, Elizur e Hoffman (1994, p. 23), as facetas são definidas como sendo um conjunto de objetos que desempenha um papel em um conjunto de componentes no

fenômeno a ser analisado, podendo ser conceitos, pessoas, lugares, atividades, sentimentos, etc.

A sentença, além de estabelecer a delimitação dos componentes acima citados e suas relações, facilitou ainda o direcionamento do instrumento de pesquisa, que, face aos impedimentos impostos pela pandemia, foi o questionário online, que será melhor detalhado mais à frente.

Sendo assim, a sentença estruturadora desenvolvida para a presente pesquisa foi:

Em que medida o respondente (P), ao realizar atividades de (FACETA FOCO)

- {1. Contemplação da natureza,
- 2. Atividades esportivas,
- 3. Socialização,
- 4. Individuais,
- 5. Trabalho}

no ambiente do (FACETA NÍVEL)

- {1. Espaço público de lazer,
- 2. Casa}

indica ter se sentido as emoções de (FACETA REFERENTE)

- 1. Alegria,**
- 2. Tristeza,**
- 3. Calma e**
- 4. Tensão**

durante o período de isolamento/distanciamento social na pandemia do COVID-19, experimentando as seguintes intensidades de emoções

RACIONAL COMUM

(INTENSIDADE)

- {1. Leve,
- 2. Média,
- 3. Forte}

tendo realizado estas atividades segundo a frequência

(FREQUÊNCIA)

- {1. Nunca,
- 2. Raramente,
- 3. Às Vezes,
- 4. Frequentemente,
- 5. Muita}

Em uma segunda estrutura da Sentença Mapeadora a faceta de domínio 'Referente' foi transformada como Faceta de racional comum ou Faceta de possíveis respostas.

RACIONAL COMUM

EMOÇÕES		INTENSIDADE	FREQUÊNCIA
{1. alegria		1. Leve	{1. Nunca,
2. tristeza	→	2. Média	2. Raramente,
		3. Forte	3. Às Vezes,
3. calma			4. Frequentemente
4. tensão}			5. Muita}

As facetas que compõem o elemento 'FOCO' da sentença estão relacionadas aos diferentes aspectos/atividades cotidianas em que se baseiam as avaliações. Foram selecionadas a partir das observações feitas durante visita *in loco*, que determinaram algumas das principais atividades realizadas no espaço público, assim como também foram baseadas nos estudos recentes sobre a mudança de hábitos e dinâmica de atividades diárias durante o período atual de pandemia.

A faceta 'nível' está associada à escala de experiência, a qual, neste caso, se dá em duas: a escala privada do ambiente doméstico ou residencial, que no período de confinamento e isolamento social passa por grandes transformações em face da incorporação do trabalho remoto domiciliar, da educação a distância além de novos hábitos de limpeza e esterilização de produtos que determinaram novos padrões de uso da casa pelos integrantes da família. O segundo elemento desta faceta é a experiência em espaços públicos, como parques e lugares abertos com natureza, vistos como de menor perigo de contágio e que igualmente passaram a ser mais utilizados em contraposição ao confinamento.

A faceta de domínio comum, também chamada de intervalo de significado comum, foi definida segundo qualificações atribuídas às emoções e às atividades realizadas, no caso a sua intensidade (de leve, média a forte) e a frequência de sua experiência (de nunca a muito).

O objetivo principal desta investigação tem como foco verificar a influência dos espaços públicos urbanos de lazer no bem-estar emocional da população, tendo como objeto principal de avaliação as emoções sentidas pelas pessoas durante a pandemia. Diversos conceitos de emoções foram embasados na literatura na área da psicologia ambiental como exposto previamente.

De acordo com Fontaine (2013, p.32), a abordagem dimensional para avaliação de emoções experienciadas por indivíduos se dá de uma forma em que “geralmente os participantes são orientados a reportarem o grau ao qual um número de termos de emoções descrevem suas experiências sentidas”.

Dentre os modelos discutidos pelo autor (figura 6)⁹, optou-se pela utilização do modelo prazer-empolgação (*pleasure-arousal*) proposto por Russel¹⁰ para o desenvolvimento do instrumento de pesquisa com a definição dos pares Alegria-Tristeza e Calma-Tensão.

⁹ Página 59

¹⁰ Para mais detalhes sobre os outros modelos mais conhecidos da abordagem dimensional, ver Fontaine (2013)

No capítulo seguinte, será realizada uma explanação sobre a fase de definição dos instrumentos e técnicas utilizados no desenvolvimento da presente pesquisa.

6.2 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Este estudo teve como intenção inicial o uso de diversos métodos de pesquisa, visando à aquisição de dados objetivos como também dados subjetivos. Segundo Pinheiro, Elali e Fernandes (2008), a aplicação de diversos instrumentos na investigação de relações pessoa-ambiente é bastante comum, uma vez que as dimensões subjetivas têm forte presença e não são diretamente mensuráveis. Os autores sugerem que a aplicação de questionários ou entrevistas podem ajudar no entendimento das experiências, ideias e opiniões das pessoas em relação ao meio, porém muito da interação cotidiana com os espaços pode passar despercebido pelos próprios entrevistados, demandando assim a aplicação de outros instrumentos.

No entanto, as medidas restritivas do atual momento não possibilitaram o contato direto com a população alvo. Visando seguir as normas estabelecidas no período de crise sanitária advinda da pandemia do COVID-19, a pesquisa foi inteiramente desenvolvida em ambiente virtual.

O momento atual de desenvolvimento desta pesquisa é marcado por limitações, mas, apesar das dificuldades encontradas para aquisição de dados, a vontade para exploração de fenômenos novos continua forte no meio acadêmico. O papel desempenhado pelos espaços públicos no bem-estar emocional de sua população é de extrema relevância para o desenvolvimento sustentável das cidades, principalmente no momento atual em que pesquisas recentes identificam a diminuição dos níveis deste bem-estar da população.

Expostas as dificuldades encontradas, este projeto tem como um de seus objetivos contribuir com futuras pesquisas que venham a avaliar a função dos espaços públicos de lazer da cidade do Recife na restauração emocional da população, uma vez que já seja possível a interação pessoal com os entrevistados.

6.2.1 Pesquisa exploratórias

Foi desenvolvida pesquisa exploratória de observação no uso e comportamentos sociais em parques e praças urbanas antes da pandemia, utilizando o registro em diário, visando compreender o comportamento dos usuários nos parques urbanos. De acordo com Zeizel (1984) e Pinheiro *et al.* (2008, p. 76), uma prática bastante comum na pesquisa pessoa-ambiente é a do conhecimento prévio das atividades realizadas pelos usuários no local.

Günther, Elali e Pinheiro (2004), em uma explanação sobre abordagem multimétodos na pesquisa pessoa-ambiente, baseada nas categorias propostas por Proshansky *et al.* (1970), definem a observação como um método de análise centrado na pessoa, sendo destacada a vantagem de ser uma análise não-invasiva e que não proporciona a possibilidade de oposição ou mudança de comportamento por parte dos participantes pelo fato de eles não saberem que estão sendo analisados.

Estes procedimentos buscaram um nível de conhecimento sobre o ambiente a ser estudado e as interações pessoa-ambiente que se desenvolvem no local. Foi possível, através destes conhecimentos recolhidos, levantar hipóteses e definir os elementos das facetas relevantes para o objetivo do estudo, contribuindo, assim, para a formulação da sentença estruturadora que levou à composição das questões a serem exploradas nos outros instrumentos.

6.2.2 Questionário estruturado

O período de pandemia foi marcado pelo uso exacerbado de internet e comunicação por meio digitais, deste modo o número de eventos on-line, como webinars e solicitações de informações via e-mail, aumentou consideravelmente. As preocupações na elaboração de instrumento on-line consistiram em deixar claros o objetivo da pesquisa e o tempo estimado de duração para seu preenchimento. Do mesmo modo ao dimensionamento do número de questões, estas deveriam ser claras para compreensão em uma primeira leitura, assim como o modo de resposta ser inteligível e de fácil registro.

O questionário (Anexo I) foi elaborado a partir de uma combinação entre os elementos das diversas facetas e das relações evidenciadas pela sentença estruturadora. Uma combinação de um conjunto da faceta 'Foco' (cinco elementos), com um conjunto de dois elementos da faceta 'Nível' e um terceiro conjunto referente à emoção (com quatro elementos) fornece a possibilidade de 40 arranjos ou questões a serem formuladas. Alguns desses arranjos foram descartados por repetirem o conteúdo ou por produzirem combinações não lógicas e que levou, assim, à escolha das seguintes situações:

1. Ao trabalhar ou estudar isolado em casa
2. Ao tratar com pessoas desconhecidas como entregadores trazendo produtos e compras em casa.
3. Ao receber visitas de familiares e ou amigos em casa.
4. Ao fazer exercícios físicos sozinho
5. Olhar a cidade e a natureza lá fora só pela janela
6. Ao ficar sozinho em casa
7. Ao conversar com amigos e a família por vídeo chamada
8. Ao ter que fazer tarefas como limpar a casa, lavar roupa ou cozinhar
9. Trabalhar ou estudar por vídeo chamada.
10. Ao tentar concentrar em um trabalho com pessoas em casa
11. Ao receber visitas de amigos e ou familiares em casa
12. Ao trabalhar ou estudar isolado em casa
13. Trabalhar ou estudar em casa com outras pessoas ao lado

Estas situações apresentam aspectos da vivência em casa no período da pandemia e foram estímulos para as seguintes perguntas:

Qual a frequência que você esteve nas seguintes situações: (1-nunca, 2-raramente, 3- às vezes, 4-bastante, 5- muito).

Qual a intensidade das emoções sentidas nas situações, sendo elas: Alegria, Tristeza, Calma e Tensão (1- leve a 5- forte).

Uma segunda série de perguntas explora a faceta nível e apresenta situações vividas em espaços públicos abertos, a qual levou à escolha das seguintes situações:

1. Ao estar em ambiente aberto perto de árvores e da natureza
2. ir sozinho correr ou caminhar em pista de caminhada de parque ou praça
3. fazer atividades esportivas com outras pessoas conhecidas em um espaço público aberto
4. ir a um parque e fazer atividades com outras pessoas desconhecidas
5. estar em um lugar gramado para tomar sol e sentir sons da natureza
6. Ao passear no parque com amigos e/ou familiares
7. Ao caminhar ou andar de bicicleta, patins ou skate em parques públicos

8. contemplar a natureza, tanto o verde das plantas como também o rio ou mar
9. ir a feira de rua para comprar alimentos
10. caminhar na rua ou levar o cachorro para passear
11. comemorar datas especiais com amigos e/ou familiares em ambiente aberto

Igualmente foram solicitadas informações quanto à frequência que o indivíduo esteve nas seguintes situações: (1-nunca, 2-raramente, 3-às vezes, 4-bastante, 5-muito) e qual a intensidade das emoções sentidas nas situações: Alegria, Tristeza, Calma e Tensão (1- leve a 5- forte).

Cada situação acima corresponde a combinações realizadas entre as facetas; por exemplo: a faceta 1, do elemento 'foco' (Contemplação/interação com a natureza), relacionada à faceta 2, do elemento 'nível' (Casa), gerou a seguinte questão: "Qual a intensidade das seguintes emoções sentidas ao olhar a cidade e a natureza lá fora só pela janela?"

O racional comum quanto à frequência e emoções vivenciadas foi apresentado em uma escala Likert com uma gradação para cada emoção e para a frequência que o indivíduo vivenciou aquela atividade.

A escala Likert pode variar de dimensão dependendo do tema da pesquisa, podendo ser apresentada como numa gradação de "concordo-discordo", "pouco-muito", "bom-ruim", entre outras (GÜNTHER, 2003). Ainda sobre esta gradação, Fontaine (2013, p. 34) apresenta as formas unipolar e bipolar, sendo a resposta unipolar representada por uma resposta mais baixa, que irá representar a inexistência da emoção, e uma resposta mais alta, que determinará a forte presença da emoção; enquanto isso a bipolar é caracterizada pela presença de termos que se opõem.

A unipolar reduz a possibilidade de correlação negativa entre as emoções relatadas, enquanto a bipolar aumenta a correlação negativa, impossibilitando que o entrevistado relate a existência de emoções mistas em uma mesma situação, sendo estas emoções discutidas também por Roazzi *et al.* (2011), no qual os autores expõem algumas perspectivas teóricas de classificação das emoções, sendo uma introduzida por Paul L. Harris no ano de 1996, que "as emoções positivas seriam oriundas de situações agradáveis; as negativas oriundas de situações desagradáveis. Podendo ocorrer situações que

provoquem o surgimento de emoções positivas e negativas ao mesmo tempo, sendo esta ambivalência de sentimentos chamada de emoções mistas”.

Um outro exemplo bastante elucidativo que engloba a experiência na vivência de emoções positivas e negativas ao mesmo tempo é exposto por Roazzi *et al.* (2011, p. 53) da seguinte forma: “Quando uma criança ganha de presente uma bicicleta que tanto desejava, fica feliz (emoção positiva), mas, ao mesmo tempo, o fato de ela ainda não saber andar de bicicleta a faz sentir medo (emoção negativa) de cair.”

Desta forma, após feita a revisão teórica sobre as definições desenvolvidas por autores sobre o conceito de emoções, foi escolhida a exposição das emoções componentes do racional comum, com uma gradação unipolar variando entre “leve-forte” para cada uma, possibilitando que o respondente relate ter experienciado diferentes emoções (emoções mistas) em uma mesma situação, podendo estas emoções serem conflitantes.

Já a escala de resposta para a avaliação da frequência foi definida entre ‘Nunca’ até ‘Muito Frequentemente’. Nas partes seguintes do questionário, o mesmo se repetiu, agora com a relação das cinco facetas do elemento ‘referente’ relacionadas à faceta 1 do elemento ‘nível’ (espaço público de lazer), sendo primeiramente abordada a intensidade das emoções sentidas em cada situação vivenciada e em seguida a frequência que tais situações ocorreram durante o período da pandemia.

Devido ao interesse em determinar efeitos correlacionados com grupos diversos de população, foram inseridas perguntas sociodemográficas ao final do questionário com a intenção de traçar um perfil dos entrevistados, sendo elas: idade, gênero, escolaridade e renda. A condição de vivência de confinamento e isolamento social despertou o interesse em saber também o número de residentes em cada domicílio, assim como o tempo despendido online pelo entrevistado e o local de moradia, para identificação de proximidade a espaços públicos abertos. Este conjunto de variáveis independentes tem em vista a qualificação dos usuários em diferentes contextos, com diferentes condições

socioeconômicas e de infraestrutura na residência, correlacionando-as com as diversas experiências e emoções vivenciadas durante a pandemia.

7 ANÁLISE DE DADOS

O questionário elaborado na plataforma online Qualtrics (www.qualtrics.com) passou por uma fase de construção (baseado na sentença criada para nortear a presente pesquisa), uma fase de teste de consistência para avaliação de tempo previsto para conclusão do questionário, nível de entendimento entre os respondentes e recebimento de feedbacks sobre falhas que o questionário poderia apresentar. Após os ajustes feitos considerando a fase de teste de consistência, o questionário começou a ser divulgado no dia 6 de abril de 2021 e teve a sua última resposta registrada no dia 25 de maio de 2021.

A técnica para divulgação e disseminação do questionário foi a ‘*snowball sampling*’, que consiste na divulgação por meio de grupos, sejam eles de conhecidos, universidade, trabalho, amigos, etc., com o apelo a quem recebeu o link para responder também o divulgasse nos seus grupos, sendo o canal primordialmente utilizado o aplicativo do WhatsApp.

Após quase dois meses de atividade, foram coletadas 340 respostas em totalidade; porém, as respostas ainda precisaram passar por uma triagem, objetivando o descarte de respostas incompletas, que apresentassem algum erro, ou fossem de não residentes da cidade do Recife. O número final de questionários válidos foi de 177, sendo este o número representante dos respondentes.

7.1 TABULAÇÃO E AMOSTRA ESPACIALIZADA

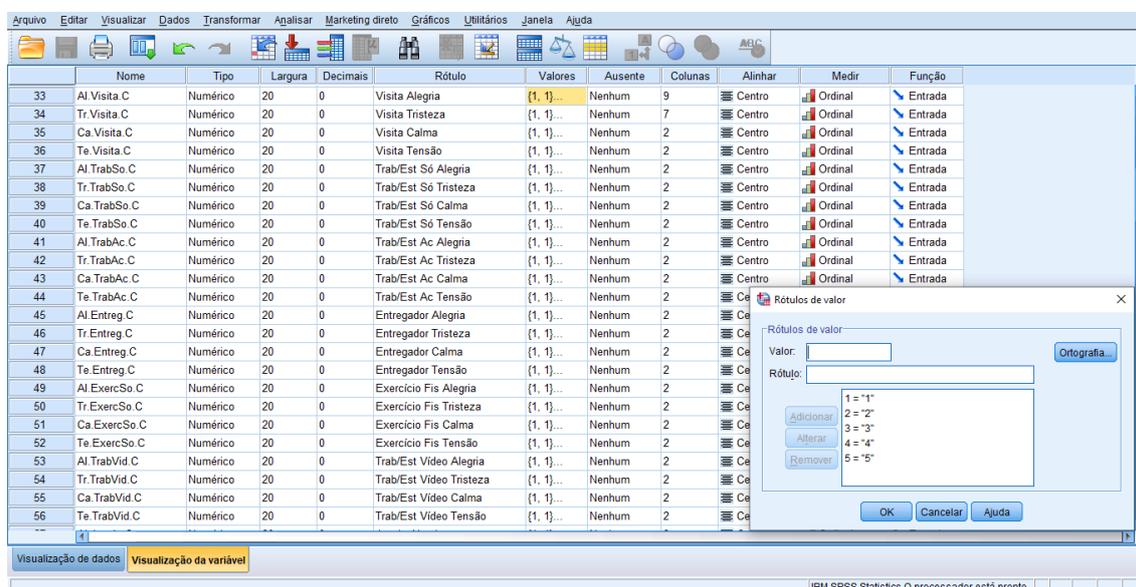
A plataforma de desenvolvimento e coleta de questionários Qualtrics possibilita a exportação dos dados no formato de leitura do programa de análise estatística escolhido para manuseio dos dados do presente projeto: o IBM SPSS. Tendo os dados abertos no programa, iniciou-se o processo de limpeza e organização, possibilitando que o programa rodasse os dados sem erros.

As respostas do questionário passaram por uma tabulação, assim como a classificação de respostas abertas de modo a comporem uma matriz de dados e serem processados por programas estatísticos não paramétricos; no caso desta pesquisa foi utilizado o IBM SPSS (*Statistical Package for Social*

Sciences), visando a testes de correlação e significância entre as características sociodemográficas da amostra e o padrão de respostas, sendo aplicadas a análise de relação ‘Mann-Whitney Test’.

Na coluna ‘valores’ (Figura 8), foram adicionados os valores de 1 a 5 correspondentes à intensidade das emoções sentidas para cada emoção, no qual o número 1 corresponde à intensidade ‘leve’ e o número 5 corresponde à intensidade ‘forte’; assim como nas questões relacionadas à frequência, porém com o número 1 correspondente à resposta ‘nunca’ e o número 5, à resposta ‘muito frequentemente’.

Figura 8: Formatação dos dados no IBM SPSS



Fonte: Dados da Autora, 2022.

As variáveis gênero¹¹, idade, renda, escolaridade, número de moradores, quantidade de computadores, tempo de permanência online, tempo de permanência no parque e quantidade de vezes que visitou o parque tiveram suas respostas dicotomizadas da seguinte maneira: feminino/masculino; abaixo de 40 anos/acima de 40 anos; alta renda/baixa renda; até o ensino médio/superior ou pós; até 3 moradores/4 ou mais moradores; até 2 computadores/3 ou mais computadores; até 5h de permanência online/acima de 5h de permanência

¹¹ A análise considerou 3 variáveis para a identificação de gênero, sendo elas: Feminino, Masculino e Outro. Dente as respostas válidas, apenas um indivíduo identificado na categoria 'outro' foi identificado; impossibilitando que tal indivíduo permanecesse na análise por não ser uma quantidade considerável de amostragem para determinar um padrão entre este público.

online; até 1h de permanência no parque/acima de 2h de permanência no parque; visitou o parque até 3 vezes por semana/visitou o parque 4 vezes ou mais por semana. Isto contribuiu à análise de correlação, uma vez que os valores positivos do coeficiente seriam referentes à população-alvo especificada para rodar na análise¹², enquanto que o coeficiente de correlação negativo refere-se à população oposta; as questões sobre o bairro de residência, nome do espaço público próximo à residência e espaço público que costuma visitar tiveram valores numéricos atribuídos a cada bairro ou espaço.

Uma vez que os dados foram filtrados e organizados, as análises estatísticas puderam ser iniciadas. Em um primeiro momento foi efetuada a análise de correlação entre variáveis.

A análise de correlação, segundo Ong & Puteh (2017, p. 16, **tradução nossa**), é “o método comum utilizado para determinar a significância de relação bivariada entre duas variáveis”; dessa forma, duas variáveis foram cruzadas gerando uma tabela que relatava os coeficientes de relação entre elas, sendo consideradas correlações significantes $p < 0,05$, podendo este ser encontrado no campo ‘Sig. (2-tailed)’ da tabela. Segue abaixo exemplo do modelo de tabela cruzada para melhor entendimento.

Tabela 3: Modelo de tabela gerada no SPSS em análise de correlação entre variáveis

	Variável independente 1	Variável independente 2
Variável dependente 1	Coeficiente de relação entre a Var. dependente 1 e Var. independente 1	Coeficiente de relação entre a Var. dependente 1 e Var. independente 2

¹² e.g. Variável ‘Idade’ dicotomizada = População com idade entre 0 a 40 anos vs População com idade entre 40 e 60+ anos. A população escolhida para análise de correlação desta variável foram as com idade entre 40 e 60+ anos, dessa forma, os valores positivos na tabela são referentes à população mais velha do estudo, enquanto os coeficientes de correlação negativos são referentes à população mais jovem.

	Variável independente 1	Variável independente 2
Variável dependente 2	Coeficiente de relação entre a Var. dependente 2 e Var. independente 1	Coeficiente de relação entre a Var. dependente 2 e Var. independente 2

Fonte: Desenvolvido pela autora, 2021.

Foram ainda computadas as análises não paramétricas de Mann-Whitney, no qual as emoções sentidas no ambiente da casa e do parque foram relacionadas com variáveis independentes, sendo que, para cada emoção (alegria, tristeza, calma e tensão), foram atribuídos os números 0 e 1, correspondentes à baixa e à alta frequência, respectivamente.

Os dados trabalhados também foram salvos em formato .xls (planilha excel) e enviados para ambiente de Sistema de Informações Geográficas (SIG)/Geoprocessamento, sendo o programa utilizado o ArcGIS 10.4, para formulação de mapas temáticos em que fosse possível uma melhor visualização espacial da distribuição dos respondentes na cidade do Recife. O Programa permite a conversão de dados numéricos em planilha para o formato especializado (mapas temáticos).

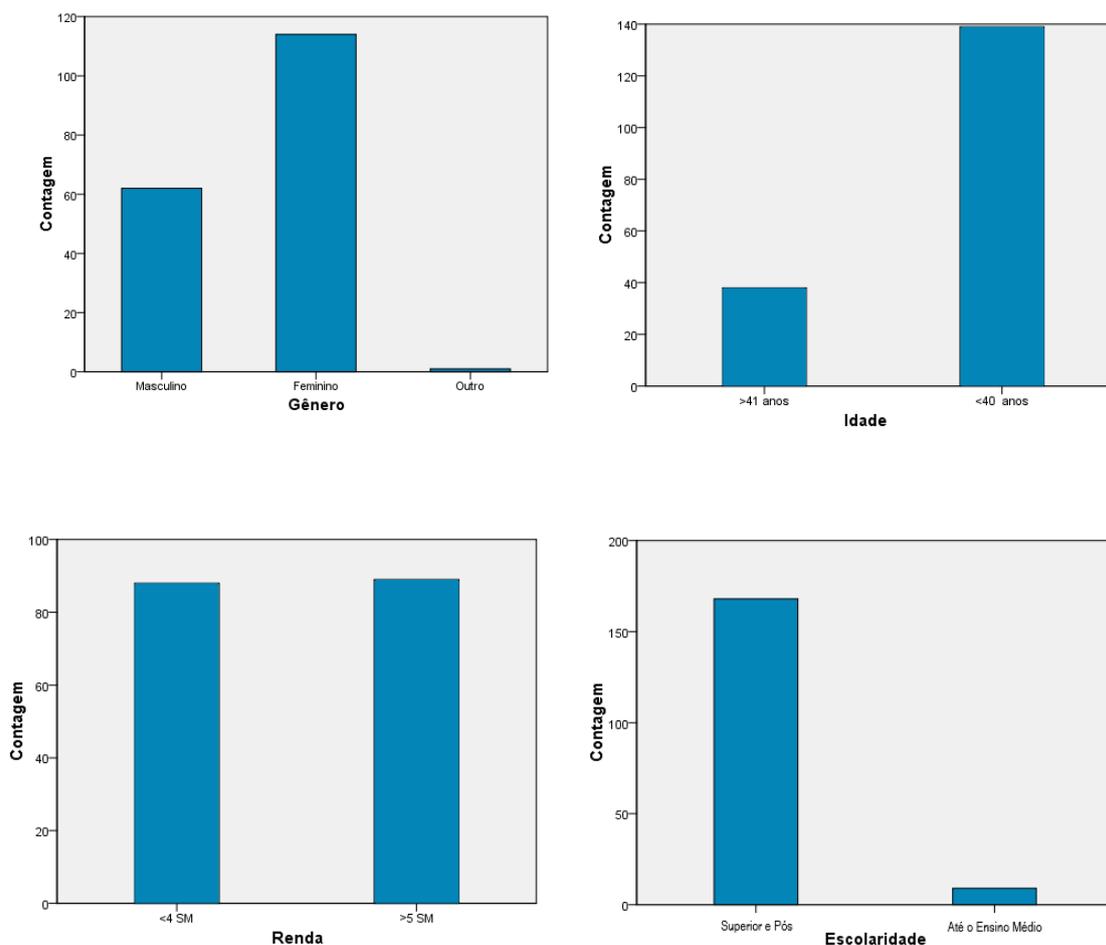
8 RESULTADOS

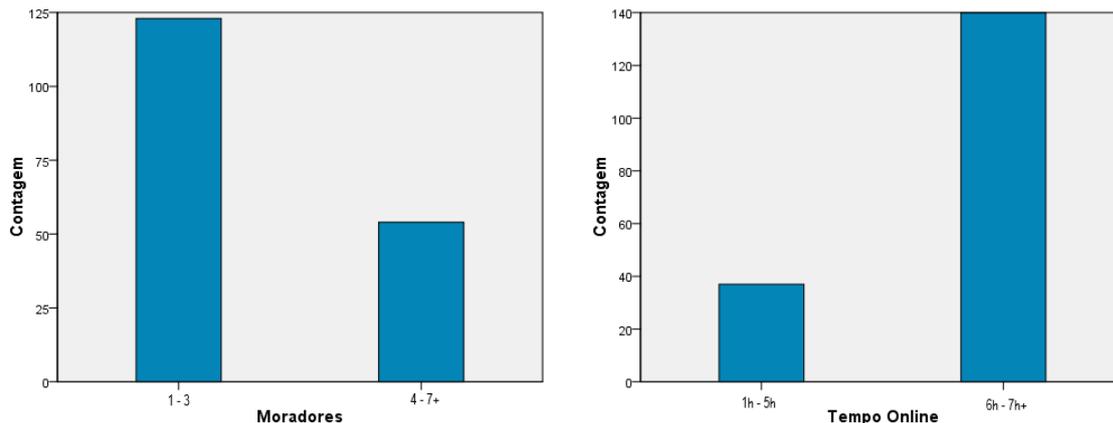
Os próximos capítulos são destinados à exposição dos dados que compõem a presente pesquisa, sendo eles a identificação da variante a qual compôs em maior número a amostra da pesquisa dentre as variáveis estudadas, sua distribuição geográfica dentro da cidade de Recife, assim como os resultados que dizem respeito à intensidade das emoções sentidas e à frequência que estes estiveram realizando atividades diversas em suas residências ou no espaço público aberto.

8.1 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

A população entrevistada neste estudo, que consistiu em um questionário online, apresenta uma composição homogênea. O **Gráfico 1** abaixo apresenta a distribuição dos respondentes segundo cada variável.

Gráfico 1: Distribuição da amostra





Fonte: Dados da autora, 2021.

O estudo obteve um total de 177 respondentes residentes da cidade do Recife. Dentre eles, 144 são do gênero feminino e 62 do gênero masculino, o que indica uma predominância de respondentes femininos.

Com relação à idade, 139 respondentes tinham até 40 anos de idade e 38 tinham acima dos 40 anos; assim sendo, uma população mais jovem do que madura. Vale ressaltar mais uma vez que, em relação a essa variável, apesar de a pesquisa ver como fator de extrema importância a discussão sobre medidas de segurança para as populações mais vulneráveis, estando relacionado à idade o grupo tanto de crianças como idosos, como exposta nos capítulos de discussão teórica, a amostra de composição utilizada não abrange crianças, pois a grande maioria de respostas foi registrada por jovens adultos e adultos. Assim, pontua-se a indispensabilidade de estudos posteriores que discutam as necessidades das crianças e dos idosos frente a situações de estresse futuras, utilizando-se de momentos que sejam mais favoráveis ao contato com estes grupos e entrevistas para aquisição de dados.

Considerando o nível educacional, 168 pessoas possuíam nível superior ou pós, enquanto apenas 9 tinham até o ensino médio; esta informação é um reflexo da técnica de distribuição do questionário que tende a seguir um perfil socioeconômico de respondentes acessados pelos canais de internet. Assim, o mesmo se verifica com a distribuição de renda, em que 89 pessoas indicam ganhar até 5 salários mínimos e 88 pessoas ganham mais de 5 salários;

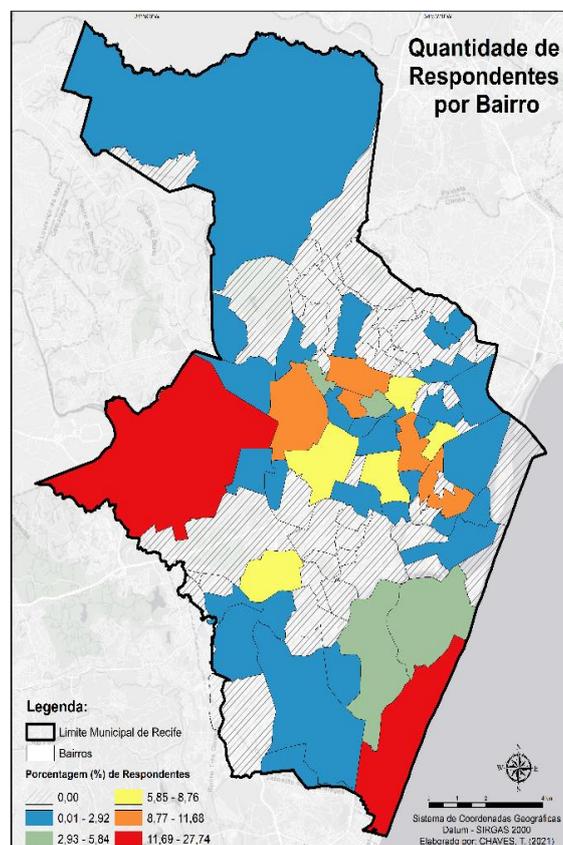
quanto à composição familiar, 123 respondentes têm entre 1 e 3 moradores na mesma casa e 54 famílias têm mais de 4 moradores na mesma residência.

Uma informação importante em tempos de pandemia e isolamento social consiste em saber o tempo que as pessoas passavam conectadas online, tanto para trabalho, estudo, lazer ou mesmo comunicação social. Entre eles, 37 dos respondentes relataram passar entre 1 e 5 horas online por dia, enquanto 140 relataram passar mais de 5 horas diárias, o que denota o enorme engajamento em atividades online durante os tempos de pandemia.

8.2 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA AMOSTRA

Visando compreender a distribuição espacial da amostra, foi elaborado o mapa (**Figura 9**) mostrando a porcentagem dos respondentes por bairro. Os bairros de Boa Viagem e da Várzea foram os que apresentaram maior número de pessoas envolvidas na pesquisa. Os bairros hachurados não apresentaram respondentes envolvidos.

Figura 9: Mapa da amostra da pesquisa por bairro



Fonte: Prefeitura do Recife e Levantamento da autora, 2022.

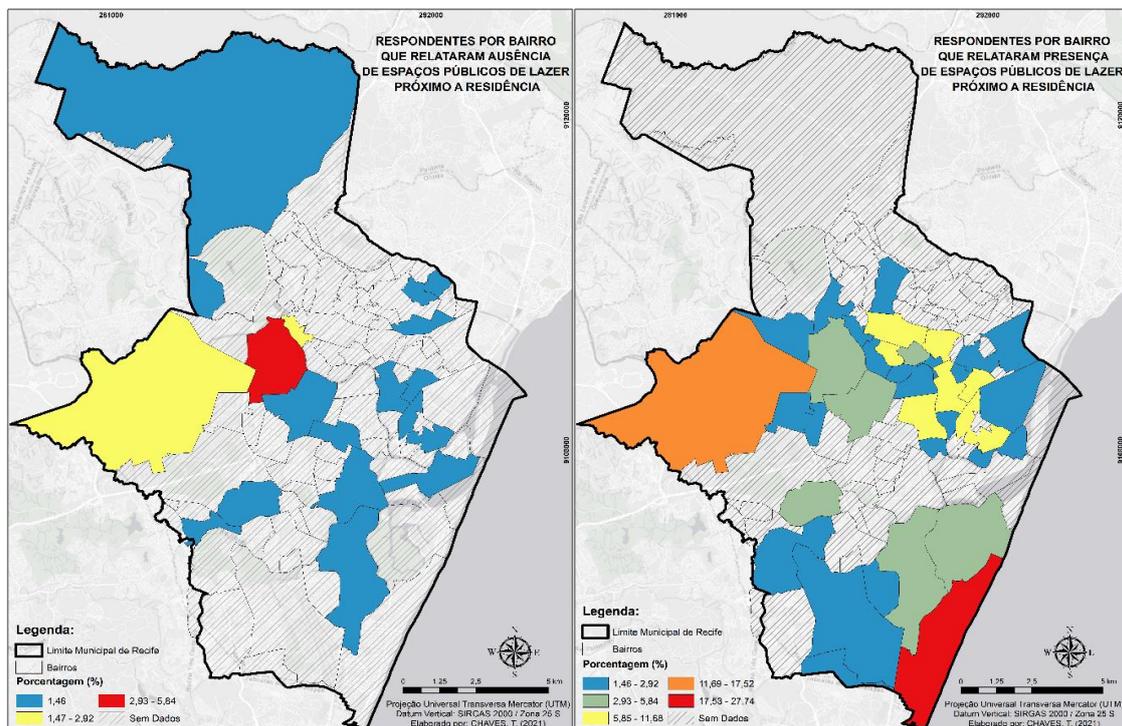
8.3 EXPERIÊNCIA DA POPULAÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE RECIFE

Inicialmente foi realizada uma representação espacial dos indivíduos que relataram a presença ou ausência de espaços públicos de lazer, como parques, praças e jardins, perto da sua residência (**Figura 10**), possibilitando, assim, uma visualização dos bairros que têm um melhor sistema de espaços públicos na visão da população analisada.

Do lado esquerdo da folha, está localizado o mapa que representa os bairros que obtiveram o maior número de respostas negativas (NÃO) para a pergunta: Existe algum parque ou espaço público aberto perto de sua casa, que você possa ir caminhando em 15 minutos? Se sim, diga qual o nome do que se encontra mais perto. O mapa do lado direito representa os bairros que obtiveram o maior número de respostas positivas (SIM) para a mesma pergunta.

O bairro que teve mais relatos de presença de espaço público de lazer foi o de Boa Viagem, uma vez que esse se encontra localizado na área litorânea da cidade e tem seu limite a leste delineado por uma extensa faixa de praia. Em contrapartida, o bairro que apresentou maiores relatos de ausência de espaço público de lazer foi o da Iputinga.

Figura 10: Mapas apresentando a porcentagem de respondentes indicando ausência e presença de espaços públicos de lazer por bairro



Fonte: Prefeitura do Recife e Levantamento da Pesquisadora, 2022.

Visando compreender melhor o padrão de oferta de espaços públicos de lazer na cidade, foi elaborado um mapa de densidade (**Figura 11**), tendo como ponto de análise as áreas públicas de lazer que mais obtiveram menções para a pergunta 'Qual o parque ou lugar público aberto que você costuma ir?'. As respostas indicam como 'Hotspot' o Parque da Jaqueira (representado pelo número 12) e a Praia (representada pelo número 29).

Figura 11: Mapa de densidade



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Levantamento da Pesquisadora.

Importante ressaltar que a pesquisa busca compreender o valor das áreas verdes no espaço urbano como lugar de contato com a natureza e, portanto, que favorece o relaxamento e lazer. Embora o ambiente da praia não se configure como espaço verde, por ser um espaço aberto, com a presença do mar, areia, onde se desfruta do sol e da brisa, a praia favorece atividades esportivas e a socialização das pessoas, dessa maneira, desempenha o mesmo papel de um espaço verde. A pergunta 'Qual o parque ou lugar público aberto que você costuma ir?', teve como finalidade o entendimento de quais ambientes a população andou se sentindo mais confortável para visitar durante esse atual período que pede da sociedade o distanciamento social.

Tendo estes pontos de alta visitação na cidade, procurou-se entender o tipo da população que vive no entorno desses espaços públicos que recebem uma alta taxa de visitação, dessa forma, foram adquiridos dados do Censo do ano de

2010¹³, tendo como finalidade a observação da distribuição espacial da população acima dos 40 anos e da população de maior renda. Os dados por setor censitário da cidade do Recife foram exportados para plataforma SIG e relacionados à tabela de atributos por código do setor no arquivo dos setores censitários. Visto que os dados são de 10 anos atrás, a análise separou a população até os 29 anos de idade, uma vez que, no ano atual, esta mesma população estaria nos seus 40 anos, e a outra metade a partir dos 30 (acima dos 40 anos).

Esta análise teve como intenção a visualização da distribuição da população por faixa etária e renda, porém, pelo fato de a cidade ser um espaço intrinsecamente dinâmico, em constante mudança, os dados utilizados podem não corresponder à realidade, visto que muitas pessoas que tiveram seus dados coletados no Censo de 2010 podem não mais residir nos mesmos bairros ou até mesmo na cidade, assim como novas pessoas podem ter chegado e se instalado em diversas regiões.

Apesar disso, foi possível observar que ambas porções da população têm uma concentração maior de moradia nas mesmas áreas em que os respondentes pontuaram espaços públicos os quais costumam visitar. Nas imagens abaixo, é possível observar primeiramente uma análise da distribuição espacial por faixa etária, na qual, do lado esquerdo da página, está a densidade de distribuição da população abaixo dos 40 anos de idade, tendo como áreas demarcadas no mapa os bairros que se sobressaíram no mapa de taxa de visitação (**Figura 12**), sendo eles: Parnamirim, Tamarineira, Jaqueira, Torre, Graças e Boa Viagem. Enquanto isso, do lado direito da página, é possível encontrar a distribuição espacial da população acima dos 40 anos, tendo demarcadas em pontilhado as mesmas áreas do mapa vizinho.

¹³ O Censo que seria desenvolvido no ano de 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) precisou ser adiado como medida de prevenção à disseminação do Corona vírus. Desta forma, no presente momento de redação deste projeto, os dados demográficos oficiais ainda mais atualizados são os do censo 2010, sendo prevista a coleta de dados no novo censo para o ano de 2022 caso as condições sanitárias e de saúde se mantenham estáveis.

Figura 12: Densidade da população por Idade

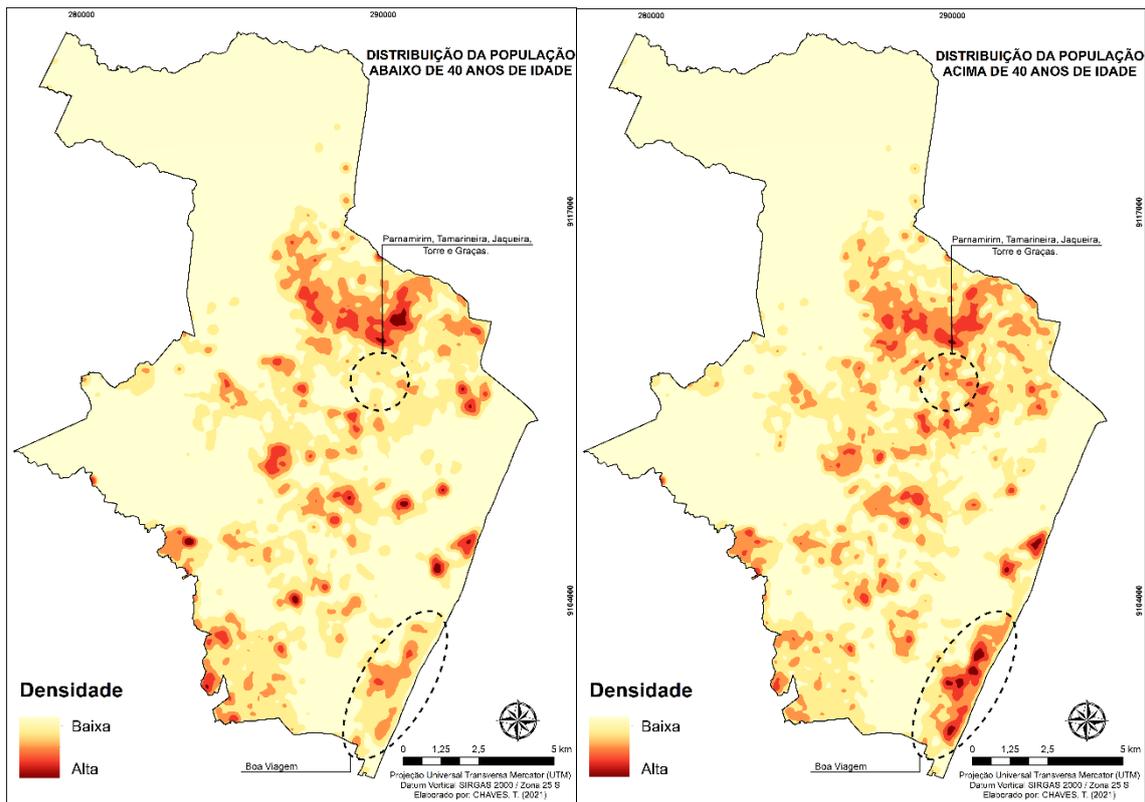


Figura 13a: densidade de população abaixo de 40 anos

Figura 13b: densidade de população acima de 40 anos

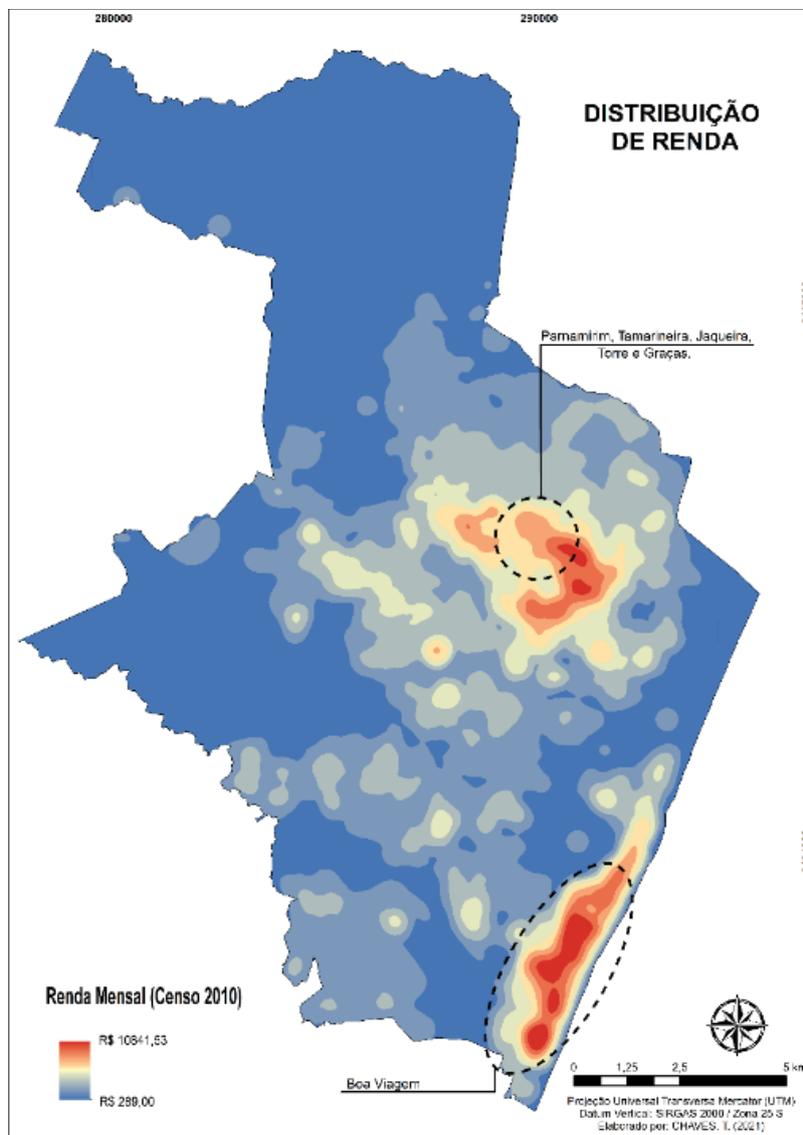
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) / Censo 2010.

É nítido observar que se tem uma concentração alta da população acima dos 40 anos de idade no bairro de Boa Viagem, pois essa parcela, como já mencionamos, apresenta a praia como maior atrativo para a finalidade recreativa e de lazer. Apesar de os bairros da zona norte (Parnamirim, Tamarineira, Jaqueira, Torre e Graças) não se apresentarem como um *Hotspot* de concentração desta população, em uma comparação entre os dois mapas, pode-se concluir que a área tem uma maior prevalência de pessoas acima dos 40 anos de idade, uma vez que cores cujos tons são mais intensos/escuros (vermelho) indicam maior concentração da população específica de cada mapa do local; enquanto cores cujos tons são mais suaves/claros (bege) apontam menor concentração.

Foi também elaborado um mapa de densidade relacionado à renda da população e à sua distribuição no espaço físico da cidade do Recife. Como é possível observar na **Figura 13**, tendo demarcadas em pontilhado as mesmas áreas dos

mapas anteriores, há uma concentração de pessoas de maior renda nas áreas que possuem os espaços públicos mais citados pelos respondentes da pesquisa.

Figura 13: Distribuição de renda da população residente de Recife



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) / Censo 2010.

Apesar de fazer esta associação entre a infraestrutura pública de lazer rica em verde com bairros que concentram uma população de maior renda, ditos bairros privilegiados, ao observarmos novamente o mapa de distribuição dos parques urbanos na cidade do Recife, é notória a falta deste tipo de espaço no bairro de Boa Viagem, fazendo com que ele se encaixe como bem equipado em relação ao espaço público com finalidade recreativa (estando a praia e os equipamentos instalados no calçadão da beira mar inclusos), porém carente em parques públicos com a presença de área verde.

Assim como constatado por Souza (2011), há uma escassez de indivíduos arbóreos nos parques urbanos de Recife, sendo o Parque Dona Lindu, único parque localizado no Bairro de Boa Viagem, o de menor densidade arbórea, com 0,45%; o Sítio da Trindade foi classificado como o de maior densidade de cobertura arbórea, com 11,25%, assim como apresentado na tabela abaixo.

Figura 14: Densidade de cobertura arbórea dos parques urbanos de Recife – PE.

Parque	Soma de Copa (m ²)	Área do Parque (m ²)	DCAPU (%)
Sítio da Trindade	5.177,45	46.000,00	11,25
Treze de Maio	6.591,90	69.000,00	9,55
Jaqueira	5.048,42	70.000,00	7,21
Robert Kennedy	1.190,61	18.000,00	6,61
Arnaldo Assunção	1.298,34	24.000,00	5,40
Santana	1.760,87	42.000,00	4,19
Bom Jesus	638,60	30.321,00	2,10
Dona Lindu	124,74	27.166,68	0,45
Total geral	21.830,93	326.487,68	6,68

Fonte: SOUZA, 2011, p.83.

A presente investigação perguntou aos respondentes qual a frequência de visitação aos parques urbanos; buscou-se, a partir disso, verificar a relação com as variáveis determinantes dos perfis de respondentes: gênero, idade, renda, escolaridade, quantidade de moradores, quantidade de computadores e tempo online (**Tabela 4**).

Para proceder os diversos testes estatísticos, foi necessário dicotomizar o valor das variáveis, assim como especificar um dos eixos para correlação; desta forma, caso o coeficiente de correlação tenha valor positivo, o ele estará fazendo referência ao eixo definido para análise, e, caso o valor seja negativo, será referente ao eixo oposto.

Para que fique melhor entendido, será descrito um exemplo na tabela abaixo. Uma das variáveis escolhidas para ser relacionada com a frequência foi o gênero, a qual foi reagrupada entre os eixos masculino e feminino visando às posteriores análises estatísticas. O eixo 'masculino' foi o selecionado para esta análise, dessa forma, o valor destacado .173* é referente à população masculina.

Caso este número tivesse aparecido como negativo (e.g. $-.173^*$) estaria se referindo à população feminina.

Tabela 4: Correlação de Pearson entre Frequência de visitação aos parques urbanos e variáveis independentes dos entrevistados.

		Masculi no	Idade. 41.60+	Renda Alta	Escolar. Alta	Quant. morado res	Comput /tablet	Tempo online
Parque Frequência	Pearson Correlation	.173*	.205**	.206**	.055	.049	.044	-.160*
	Sig. (2- tailed)	.022	.006	.006	.466	.518	.557	.033
	N	176	177	177	177	177	177	177

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

É possível observar na tabela 4 que, dentre as variáveis escolhidas para análise no presente projeto, aquela que obteve coeficientes de correlação significantes com a frequência de visitação aos parques urbanos foi a população masculina, pessoas acima dos 40 anos, pessoas de renda alta e pessoas que passam menos tempo online.

A discussão dos resultados trará perspectivas e levantará questões a partir das variáveis que se destacaram. Nos subcapítulos seguintes, as análises das emoções relatadas pelos respondentes no ambiente público como também no ambiente residencial serão apresentadas.

8.4 EMOÇÕES NO AMBIENTE PÚBLICO (PARQUES)

Para melhor compreender a relação entre as emoções relatadas em ambos os ambientes, foi primeiramente utilizada a análise de correlações ponto-bisseriais (Tabela 5) entre as emoções positivas (Alegria e Calma) e negativas (Tristeza e Tensão) e variáveis dicotomizadas no espaço público, sendo elas atribuídas na coluna do lado esquerdo da tabela na seguinte ordem: gênero masculino; Idade alta; Renda alta; Escolaridade alta; Quantidade alta de moradores na residência; Quantidade alta de computadores e/ou tablets; Tempo alto que permaneceu no parque; Quantidade alta de visitação ao parque; Tempo alto que permaneceu

online; Alta frequência de visitação aos parques e Baixa frequência de visitação aos parques.

Dessa forma, foram utilizadas todas as perguntas que continham como resposta a intensidade das respectivas emoções variante entre 'leve' e 'forte' no ambiente público, que vão desde a questão Q4.1 até a Q4.12 (ver anexo I).

Tabela 5: Correlações de Pearson das emoções positivas e negativas no espaço público segundo variáveis independentes.

VAR	Alegria		Tristeza		Calma		Tensão	
	P. Corr	Sig.	P. Corr	Sig.	P. Corr	Sig.	P. Corr	Sig.
Masc	-.150*	.046	.033	.665	-.006	.942	-.088	.247
Idade Alta	.034	.657	-.010	.893	-.023	.766	-.059	.439
Renda Alta	.171*	.023	-.066	.383	.096	.202	-.077	.306
Escolarid. Alta	.039	.603	.042	.576	-.117	.121	.075	.321
Qnt. moradore	.027	.722	-.067	.377	-.013	.866	-.018	.807
Comput/tablet	-.036	.630	-.002	.974	-.007	.922	.104	.168
Tempo Parque	.232**	.002	-.091	.227	.154*	.041	-.071	.347
AltaVisita Parque	.272**	.000	-.137	.070	.246**	.001	-.221**	.003
Online Alto	-.031	.685	-.052	.493	.050	.513	-.053	.480
Parque AltaFreq	.347**	.000	-.154	.041	.247**	.001	-.192*	.011
Parque BaixFreq	-.334**	.000	.183*	.015	-.234**	.002	.215**	.004

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Podemos observar, destacado na coluna Pearson Correlation (P. Corr), as correlações ditas significantes; dentre elas, as marcadas com um asterisco (*) terão, no campo de significância (Sig.), valores inferiores a 0.05, enquanto as marcadas com dois asteriscos (**) terão valores inferiores a 0.01; valores estes

definidos como parâmetro de significância de relação ponto-bisserial entre as variáveis.

Dentre as variáveis analisadas, foram identificados como relevantes o gênero, a renda, o tempo de permanência no parque e a quantidade de visitas feitas ao parque, sendo este último mostrado nas duas últimas linhas - tanto a população que relatou uma alta frequência de visitação, como a que relatou uma baixa frequência. Como especificado na metodologia, os números que se apresentam positivos fazem referência exatamente à população destacada na coluna das variáveis (VAR), enquanto os que se apresentam em negativo fazem referência à população oposta.

Desta forma, foi identificado que as populações que apresentaram índices de correlação significantes de 'Alegria' nos espaços públicos de lazer foram as mulheres, pessoas de alta renda, pessoas que costumam passar mais tempo e visitaram com mais frequência espaços públicos e parques, sendo estes dois últimos (maior tempo e frequência) também relacionados positivamente com a emoção 'Calma'. Em relação à 'Tristeza' e à 'Tensão', foi identificado que a população que mais relatou estas emoções tem uma baixa frequência de ida aos parques urbanos.

Esses primeiros dados podem facilmente ser relacionados com tópicos e estudos abordados na bibliografia do presente trabalho (BRADLEY E MILLWARD, 1986; KARPLAN, 1995; LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D.; 2005; FRANCIS *et al.*, 2012; SÁ CARNEIRO, 2010; BONAIUTO *et al.*, 2002; GODBEY & BLASZEY, 1983; GRESSLER & GÜNTHER, 2013; ULRICH, 1983; 1984; JING, CANTER & HAAS, 2019; XIMENES *et al.*, 2020; NECA & RECHIA, 2020), uma vez que o resultado preliminar mostra uma amenização das emoções negativas desenvolvidas durante este período de estresse desencadeado pela pandemia. Pessoas que visitaram parques urbanos relataram a maior presença de emoções positivas em atividades cotidianas, sendo este um indicador do mencionado poder de regeneração emocional que ambientes ricos em elementos verdes, como os parques, podem estar provendo.

Em seguida, foi realizado o teste de Mann-Whitney (**Tabela 6**), que consiste no ranqueamento das variáveis dicotomizadas de acordo com cada emoção sentida no espaço público de lazer ou parque. Para este teste, a variável utilizada foi a frequência que os respondentes costumam visitar parques urbanos, dividida entre Baixa, correspondente ao número 0, e Alta, correspondente ao número 1.

Mais uma vez, o teste possibilitou a constatação de que o grupo dos que visitaram o parque com maior frequência relatou a experiência das emoções de alegria e calma no espaço público enquanto, o dos que tiveram uma baixa frequência de visitação aos parques urbanos relatou com maior frequência as emoções de tristeza e tensão; na tabela abaixo se pode observar quais dos grupos obtiveram maiores relatos de cada emoção vivenciada, especificamente na coluna intitulada ‘Média’.

Tabela 6: Teste estatístico Mann-Whitney Emoções segundo frequência de visitação a parques.

<i>Frequência Parque</i>		Alegria	Tristeza	Calma	Tensão
1 Alta	Média	116.06	77.71	106.46	76.28
0 Baixa		75.81	94.50	80.49	95.20
M-W	Z	-4.911	-2.053	-3.167	-2.307
	P	.000	.040	.002	.021

*O total de respondentes que relataram Alta frequência aos parques urbanos foram de 58 indivíduos, enquanto que 119 relataram baixa frequência

Em rela o à significância estatística, também são considerados como significantes os valores abaixo de 0.05 no Mann-Whitney Test. Como podemos ver, no campo ‘P’, encontram-se os valores que representam a significância de cada variável.

A presente pesquisa considerou a opinião e experiência de um total de 177 indivíduos em uma metrópole com uma popula o estimada de 1.661.017 pessoas no ano de 2021, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mesmo com a dificuldade de dissemina o da pesquisa pela determinante do isolamento, o número de respondentes foi suficiente para

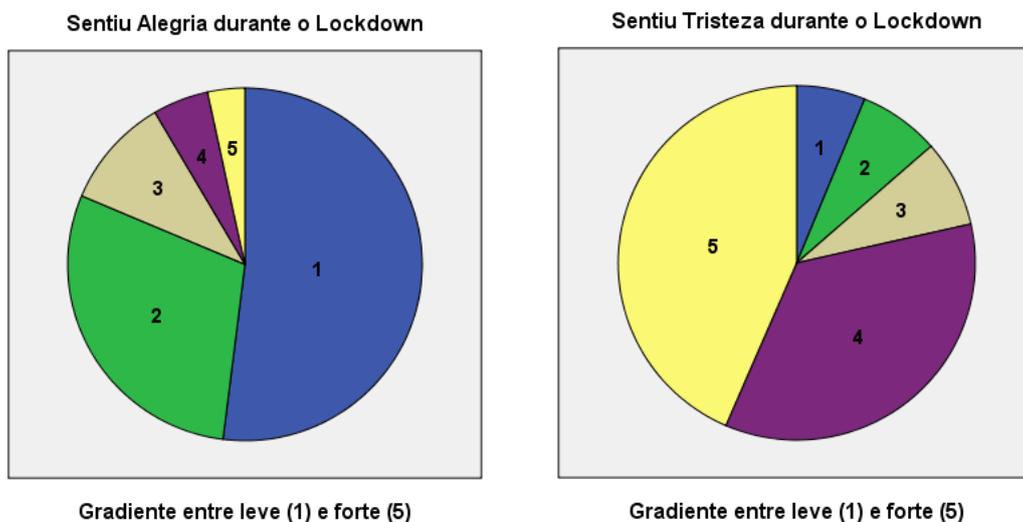
produzir respostas quanto à função dos parques urbanos ricos em verde no ambiente urbano e, principalmente, à função desempenhada por tais espaços à população em tempos de estresse, como o vivenciado durante a pandemia.

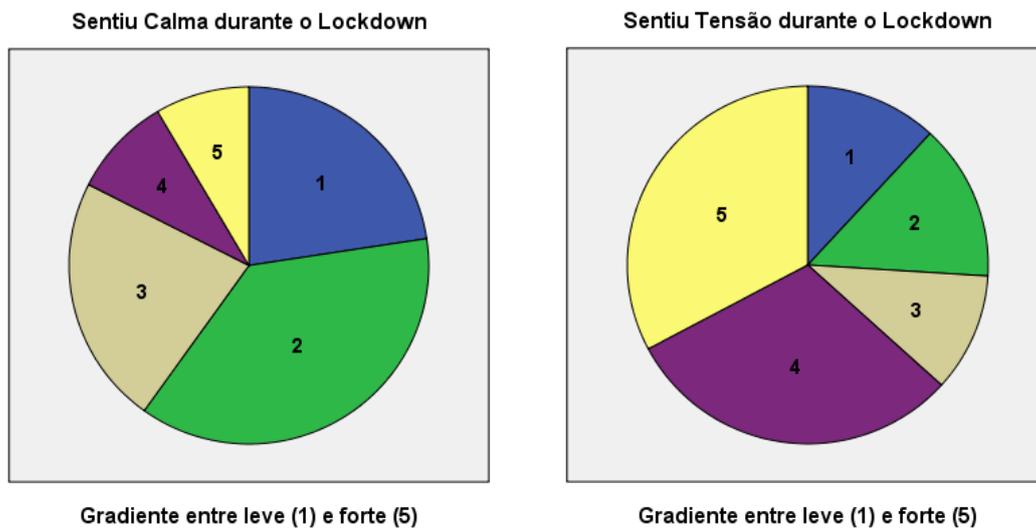
8.5 EMOÇÕES NO AMBIENTE RESIDENCIAL (CASA)

No presente capítulo, trataremos sobre o relato das emoções sentidas pelos respondentes no ambiente residencial durante o período de distanciamento e isolamento social em resposta à crise pandêmica do COVID-19. Muito se ouviu falar em *lockdown* nestes últimos anos, primeiramente das notícias do que acontecia no exterior, com a chegada do vírus nos países e a medida de isolamento (ou *lockdown*) sendo tomada para evitar a disseminação da doença.

Dessa forma, foi avaliada a emoção dos entrevistados durante este período vivenciado de isolamento em suas residências, buscando o entendimento de como essa medida afetou emocionalmente a população. Sendo assim, foi solicitado que cada indivíduo apontasse, a partir das situações apresentadas durante o período de isolamento, as emoções sentidas, considerando uma escala de emoções com variação entre 'leve' e 'forte', sendo o número 1 (um) correspondente à intensidade 'leve' e o número 5 (cinco) correspondente à intensidade 'forte'. Os resultados obtidos são apresentados nos gráficos abaixo. .

Gráfico 2: Intensidade das emoções durante o Isolamento Social (*Lockdown*)





Fonte: Dados da autora, 2022.

É possível observar a partir dos gráficos, para cada emoção avaliada, uma tendência de maiores relatos de intensidade 'leve' para as emoções positivas e Alegria e Calma, como um contraste de maiores relatos de intensidade 'forte' para as emoções negativas de Tristeza e Tensão durante os períodos que os respondentes vivenciaram de isolamento em suas residências.

Em um segundo momento, foi também aplicada a análise de correlação entre variáveis e emoções e, dentre estas, foi obtido um coeficiente estatisticamente significativo para o: Gênero, apontando que o mulheres relataram com maior frequência a emoção 'Tensão' ao estar em casa; para a Idade, no qual pessoas mais velhas relataram uma maior presença de emoções positivas (Alegria e Calma) no domicílio, enquanto pessoas mais jovens estavam mais tristes e tensas; para a Renda, indicando que o grupo de alta renda vivenciou a emoção de alegria quando se encontrava em casa e para a frequência de visitação aos parques urbanos, no qual pessoas que visitaram os parques urbanos com maior frequência durante o período de distanciamento estiveram se sentindo mais alegres quando se encontravam no ambiente domiciliar. Estes resultados podem ser encontrados com destaque na

Tabela 7 abaixo.

Tabela 7: Análise de correlação de emoções positivas e negativas vivenciadas em casa durante a pandemia

VAR	Alegria		Tristeza		Calma		Tensão	
	P. Corr	Sig.	P. Corr	Sig.	P. Corr	Sig.	P. Corr	Sig.
Masc	-.083	.275	-.056	.463	.021	.782	-.188*	.013
Idade Alta	.150*	.047	-.214**	.004	.167	.026	-.200**	.008
Renda Alta	.154*	.040	-.089	.239	.066	.381	-.078	.299
Escola	.046	.544	-.099	.189	.026	.728	-.077	.307
Qnt. morad	-.006	.935	-.055	.465	-.027	.723	.025	.744
Computador	.054	.472	-.086	.257	.024	.752	-.103	.171
Temp Onlin	-.082	.280	.005	.951	-.062	.411	.073	.331
Temp Parqu	.043	.573	-.024	.747	.034	.650	.032	.671
Visist Parqu	.190*	.011	-.069	.363	.142	.059	-.109	.150
Onlin Alto	-.053	.480	-.013	.861	-.022	.776	.122	.105
Parqu AltFre	.151*	.044	-.063	.405	.075	.324	-.091	.228
Parqu BaiFr	-.079	.297	.102	.176	-.060	.426	.008	.917

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Com este resultado, foi possível confirmar a hipótese levantada no início desta pesquisa, sendo a variável de frequência de visitação aos parques urbanos condicionante à emoção positiva de alegria também no ambiente residencial. Pode-se, pois, afirmar que pessoas as quais frequentam espaços públicos abertos ricos em verde, proporcionadores de contato com a natureza no ambiente urbano, conseguiram amenizar os sentimentos de depressão e ansiedade relatados por muitos durante o período de distanciamento e quarentena dentro de seus domicílios, como exposto no capítulo 2.

Mais uma vez, apesar de outras análises entre variáveis e emoções não terem se apresentado estatisticamente significantes, podemos ter um panorama geral sobre quais grupos estiveram sentindo cada emoção com maior intensidade também no teste de Mann-Whitney, estando a média de cada emoção relacionada com a frequência de visita ao parque.

Tabela 8: Teste estatístico Mann-Whitney Test entre emoções e frequência ao parque

Frequência Parque		Alegria	Tristeza	Calma	Tensão
1 Alta	Média	100.32	83.57	93.26	84.33
0 Baixa		83.48	91.65	86.92	91.28
M-W	Z	-2.054	-.986	-.773	-.848
	P	.040	.324	.440	.396

*O total de respondentes que relataram Alta frequência aos parques urbanos foram de 58 indivíduos, enquanto que 119 relataram baixa frequência

É possível observar que, apesar de as emoções 'Tristeza', 'Calma' e 'Tensão' não se destacarem quando relacionadas com a variável de frequência de visita aos parques urbanos, elas apresentam um padrão de números menores para pessoas com baixa frequência de visita e maiores para pessoas com alta frequência de visita quando relacionadas com as emoções (Alegria e Calma), indicando que as pessoas que visitaram mais vezes os parques sentiram essas emoções positivas também no ambiente domiciliar; quando a relação da frequência é direcionada às emoções de Tristeza e Tensão, observa-se um padrão inverso, no qual pessoas com baixa frequência de visita aos parques apresentam números menores que as pessoas com maior frequência de visita, indicando que a baixa frequência de visita aos parques urbanos está relacionada com a presença de emoções negativas (ou talvez à não amenização destas emoções) no ambiente domiciliar.

É interessante notar que a emoção de tensão foi mais apresentada pelas mulheres, sendo a única emoção da variável gênero considerada estatisticamente relevante. Elas também relataram com mais intensidade a existência das emoções de Alegria e Tristeza, indicando a presença de emoções

ambíguas sentidas por um grupo em um determinado espaço, assim como discutido por Roazzi *et al.* (2011), quando pontuaram a possibilidade de vivência de emoções mistas em uma mesma situação/experiência.

Em relação às variáveis sociais, o fato de as mulheres estarem mais tensas pode estar relacionado à sobrecarga de tarefas domésticas atribuídas a elas, visto que a cultura patriarcal da sociedade ainda precisa ser bastante discutida para distribuição igualitária das atividades familiares e domésticas. Dessa forma, como mencionado no capítulo sobre o declínio da saúde mental, mulheres têm estado com uma carga maior durante o confinamento, muitas vezes tendo que conciliar o modelo remoto de trabalho com a assistência aos filhos nos horários de aulas também remotas, além de que o fato do convívio intenso gera um aumento de relatos de casos de violência doméstica por parte dos companheiros. Estes casos vão além do que esta pesquisa pretende discutir, porém fica aqui também a menção da importância de políticas que protejam as mulheres em vulnerabilidade e deem apoio jurídico à ala feminina, e que levem também em consideração a situação de perigo a que pode estar exposta esta população em momentos de intenso estresse e com a imposição de medidas de segurança, como a ocorrida com a pandemia.

Outro fator social que influenciou os resultados foi a idade, no qual podemos observar uma tendência de emoções positivas sentidas pela população mais madura, enquanto a população mais jovem vivenciou emoções negativas durante o período de isolamento. Scopelliti e Giuliani (2004) afirmam a importância da interação social e a manutenção da relação com amigos para a população mais jovem, assim como mencionado também por Da Mata *et al.* (2021); sendo assim, a privação desta população ao contato com seus amigos acarreta emoções negativas, podendo, também, estar atreladas ao fato de que esta população utiliza, de maneira mais recorrente, smartphones e a internet. Tais tecnologias podem ser causadores ou intensificadores de ansiedade e depressão, de acordo com os estudos feitos por Duan L. *et al.* (2020).

Dessa forma, com a finalidade de melhor entendimento sobre a questão etária e uso de tecnologias impactando o bem-estar emocional e trazendo sintomas de tensão e ansiedade, foi realizada a correlação no modelo tabela cruzada para

observação de qual população do estudo relatou estar mais tempo online, resultando na tabela abaixo (**Tabela 9**).

Tabela 9: Correlação de Pearson entre as variáveis Idade e Tempo Online

Correlações		Idade 0-40	Idade 41-60+
1h-5h Tempo Online	Correlação de Pearson	-,273**	,273**
	P Sig. (2 extremidades)	,000	,000
	N	177	177
6h-7h+ Tempo Online	Correlação de Pearson	,273**	-,273**
	P Sig. (2 extremidades)	,000	,000
	N	177	177

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Foi, então, possível concluir que a população que relatou passar mais de 5 horas online diariamente foi o grupo mais jovem, enquanto a parcela mais madura relatou passar menos de 5 horas diárias online, junto ao fato de que vivenciaram com mais frequência o ambiente externo e parques urbanos e relataram uma maior intensidade em emoções positivas do que os jovens.

As correlações ainda possibilitaram verificar a hipótese de que pessoas de maior renda demonstram sentir mais emoções positivas no ambiente domiciliar, pelo fato de possivelmente habitar em uma casa maior, com espaço suficiente para momentos individuais e de convivência, assim como presença de amenidades que proporcionam a possibilidade de relaxamento, lazer e, portanto, maior bem-estar no espaço doméstico.

Na cidade do Recife, marcada por uma grande desigualdade social, mais de um terço da população ocupa bairros informais constituídos por habitações precárias, casa pequenas, sem isolamento ao calor e a ruídos, e com falta de

espaço; dessa forma, é necessário ressaltar a importância do provimento de acesso a espaços públicos de lazer públicos com qualidade para promover maior qualidade de vida urbana.

Na ocorrência desta pandemia e das situações atípicas e estressantes vivenciadas, fica latente a desigualdade de acesso a infraestruturas urbanas e de serviços de bem-estar, lembrando que boa parte da população urbana depende dos espaços públicos para conseguir contato com a natureza, de forma que esses proporcionem momentos de relaxamento e sirvam de restauradores emocionais.

Em uma avaliação entre os grupos das demais variáveis analisadas, podemos constatar também um padrão de emoções positivas vivenciadas em casa entre pessoas mais maduras e de renda mais alta, enquanto pessoas mais jovens e de menor renda relataram com mais intensidade a vivência das emoções de tristeza e tensão quando dentro do ambiente doméstico.

Os resultados obtidos mostraram significância da relação da população com os espaços públicos da cidade e suas emoções, comprovando como a possibilidade da vivência destes espaços pode ser benéfica ao bem-estar emocional da população. Sendo assim, o capítulo seguinte será direcionado à reflexão e à discussão final dos resultados da presente pesquisa, abordando as variáveis mencionadas no início do estudo e como elas se comportaram na análise dos dados. Este é um momento de reflexão sobre o quanto os resultados apontam para necessidade de políticas urbanas favorecendo acesso a espaços da cidade, voltadas para populações em vulnerabilidade.

9 DISCUSSÃO

Este capítulo será destinado à discussão dos resultados expostos acima, tendo como objetivo a interpretação dos dados adquiridos para avaliação da função dos espaços verdes públicos no auxílio à saúde mental de uma população exposta a uma crise sanitária mundial, visando à contribuição de possíveis diretrizes de projetos de espaços urbanos adequados a uma realidade de desigualdade social, os quais exerçam a sua função social em diversos contextos, incluindo os de crise, como vivenciados na atualidade. Como ponto de partida, serão tomadas as necessidades da população, a demanda dos usuários destes espaços e as diretrizes da ONU para cidades sustentáveis e resilientes à mudança climática.

Em uma análise da população submetida ao questionário desta pesquisa, foi constatada uma prevalência de respondentes do gênero feminino, de classe média e alta escolaridade. Ao discutir os dados adquiridos, será levado em consideração que o fator 'meio de divulgação' do questionário e a impossibilidade de aplicação desse nas ruas, pelas limitações impostas para prevenção da disseminação do vírus, fizeram com que o público avaliado não apresentasse um perfil representativo da população presente na cidade do Recife.

Inicialmente, foi possível identificar que, durante o período de aplicação do questionário, sendo este um momento de limitações do uso do espaço público, a população que relatou a maior frequência de utilização dos parques urbanos pertence ao gênero masculino, sendo pessoas acima de 40 anos, de maior renda e que costumavam passar um menor número de horas ligados em atividades online.

Para a população brasileira, que encara todo dia uma realidade de desigualdade social ao sair às ruas, é evidente o perceber de que os diversos âmbitos da vida da população não são afetados da mesma maneira, e sim há uma tendência de privilégios para alguns e desvantagens para outros quando analisamos situações a partir de contextos e grupos sociais.

Em uma análise de publicações divulgadas por órgãos institucionais da rede pública de saúde e produções científicas referentes à pandemia do COVID-19, Estrela *et al.* (2020) concluíram uma tendência a resultados que comprovaram uma maior vulnerabilidade de exposição ao vírus de determinados grupos sociais quando analisadas as características da raça, classe econômica e gênero. Por ordem de exposição de variáveis das pessoas que costumaram frequentar mais os parques urbanos no parágrafo acima, dar-se-á início à discussão das possibilidades que giram em torno de os homens relatarem uma maior visitação a estes espaços públicos durante o período de distanciamento da pandemia.

9.1 ACESSO AOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PANDEMIA E GÊNERO

O contexto de risco vivenciado pela pandemia ocasionou o fechamento do comércio, lojas e empresas, levando a uma onda de demissão de funcionários e, conseqüentemente, ao aumento do desemprego. Em outros casos, houve a possibilidade de transferência do modelo presencial para o modelo remoto de trabalho, o chamado home office. Apesar dessa possibilidade, nem todos os trabalhos são adaptáveis ao modelo remoto, o que fez com que muitas pessoas tivessem que escolher entre ficar em casa, como pediam as diretrizes de segurança no combate ao vírus SARS-CoV-2, ou sair para manter os seus empregos ou na busca de novos.

Podemos ainda pontuar a tendência culturalmente imposta que leva os homens a estarem na responsabilidade de provedor da família, sendo ele o responsável pelo dinheiro do mês para o sustento da casa; este fator pode estar atrelado ao fato de os homens estarem visitando com mais frequência os parques e áreas verdes urbanas, uma vez que esse grupo já está exposto à possibilidade de contato com o vírus no ambiente aberto, por que não aproveitar também os espaços da cidade que trazem calma? Apesar da perspectiva válida sobre a exposição dos homens no espaço aberto a partir da lógica do provedor, acredita-se que não se aplique aos resultados obtidos nesta pesquisa.

Em um questionário com a maioria dos respondentes de gênero feminino, e ainda assim os homens sobressaíram nas análises, vale levar em consideração

alguns outros fatores sociais. Retornaremos, então, para lembrar o método de divulgação e propagação do questionário e as outras características sociais prevalentes dos respondentes.

O questionário foi propagado pela técnica 'snowball', correspondente à divulgação online em grupos sociais, sendo sua maioria em grupos de whatsapp destinados a trocas acadêmicas, com o apelo de que os indivíduos divulgassem também em seus grupos familiares, de universidade e trabalho. Atrelado ao fator da prevalência de respondentes identificados como de classe média, não se pode deixar de pontuar que a realidade econômica dos homens respondentes deste questionário muito provavelmente não é a mesma dos homens que tiveram que sair por necessidade de sobrevivência familiar, como mencionado.

Em razão de existir uma tendência cultural nesta sociedade de que homens assumam o papel de provedor, há, também, por parte desse grupo, um sentimento maior de independência e individualidade, enquanto mulheres são condicionadas desde cedo a desenvolverem o cuidado com o outro. Podemos relacionar essas diferentes formas de lidar com situações coletivas vistas da perspectiva do gênero, no qual o resultado mostra uma maior preocupação feminina em manter as normas impostas de isolamento e restrição do uso dos espaços públicos, enquanto homens se sentiam mais despreocupados ao ocupar esses locais em uma lógica individualista.

Dessa maneira, temos como resultado a maior permanência de mulheres nas suas residências, cumprindo o pedido pelas autoridades, e, tal como apontam os dados dessa pesquisa, um maior relato do sentimento de 'Tensão' no ambiente domiciliar entre elas. Tal fato indica que a parcela feminina poderia estar sobrecarregada com as diversas tarefas e cuidados concentrados agora apenas no ambiente domiciliar, assim como exposto nos estudos citados no capítulo 3.1.

Vimos também como os casos de violência doméstica dispararam após as medidas de distanciamento e as restrições da saída do ambiente domiciliar, fazendo com que muitas se encontrassem em um ambiente de conflito em que

vários estressores internos, em conjunto com o estresse vivenciado pelo impacto do vírus, tornaram a casa um ambiente hostil.

Todos os fatores expostos e discutidos na presente pesquisa apontam para o fato de que devemos investir na reflexão sobre possibilidades alternativas de manejo da população em futuros eventos e possíveis medidas preventivas para casos similares. Por exemplo, deve-se pensar na delimitação do espaço individual em áreas coletivas, mantendo-se um distanciamento entre indivíduos.

Vale a contextualização de que, no momento de redação da conclusão desta pesquisa, as notícias são de casos mais suaves, embora o vírus ainda se encontre presente. Isso porque a vacinação, iniciada em janeiro de 2021, está em fase bastante avançada, e, passado um ano e três meses, já totaliza 76,8% de brasileiros totalmente vacinados segundo dados do Our World in Data (RITCHIE et al., 2022). As medidas de prevenção já foram bastante flexibilizadas, visto que muitas cidades já abonaram a obrigatoriedade do uso das máscaras protetoras, até mesmo em espaços fechados, e a vida volta a acontecer normalmente, às vezes de forma que chega a ser preocupante a ponto de haver um questionamento sobre a validade do aprendizado que foi tirado de toda esta experiência.

Uma certeza que se tem é a necessidade de profunda reavaliação do período de dois anos que foi vivenciado, para que os erros que agravaram a situação, já bastante difícil, não voltem a se repetir no futuro.

9.2 ACESSO AOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PANDEMIA E AS GERAÇÕES

Ainda na discussão sobre o acesso e frequência aos parques urbanos, relacionando com as variáveis que se destacaram na presente pesquisa, será abordada a questão das emoções divididas por faixa etária, uma vez que foi identificado que a população mais jovem relatou estar mais tensa e triste quando avaliadas as emoções no ambiente domiciliar. Apesar de apenas estas duas emoções terem o resultado estatístico significativo, o resultado das outras emoções vivenciadas nos parques urbanos e na residência será também avaliado.

Quando as emoções foram relacionadas ao espaço público, as pessoas mais jovens relataram em maior número sentir tristeza, calma e tensão se comparadas à população mais madura; enquanto isso, a população mais madura relatou maior sentimento de alegria. Já no que diz respeito ao ambiente domiciliar, observa-se a prevalência de emoções de tristeza e tensão entre os mais jovens e de alegria e calma entre os de maior idade.

Em resumo, os dados obtidos mostram que a população mais jovem relatou em maior número estar sentindo emoções negativas independentemente do ambiente no qual se encontravam, se é que essa parcela estava visitando parques urbanos durante o período de isolamento. Importante lembrar que, na análise estatística da frequência¹⁴ de visitação aos parques urbanos, foi possível constatar que, quando associada à variável 'Idade', o público o qual relatou maior frequência de visitação foi o grupo de idade acima de 41 anos, sendo a correlação definida como estatisticamente significativa a nível 0.01, indicando uma maior discrepância entre os grupos.

A discussão abordada no referencial teórico desta pesquisa nos trouxe a perspectiva através da faixa etária, apontando as crianças e idosos como a população mais vulnerável frente à medida de prevenção do *lockdown*. Apesar disso, as crianças não foram o público-alvo de análise dessa pesquisa, dessa forma, faz-se necessário pontuar a importância e necessidade de trabalhos futuros cuja análise verse sobre os impactos da pandemia nesta população, uma vez que uma geração em processo de desenvolvimento passou por situações atípicas, aparecendo em estatísticas como uma população vulnerável a situações de violência.

A população considerada mais jovem nessa pesquisa são pessoas acima de dezoito anos; sendo assim, a discussão será voltada para um público de jovens adultos quando houver referência aos 'mais jovens'. O mesmo acontece com os idosos, visto que uma parcela muito pequena que respondeu o questionário está acima dos 60 anos, fazendo com que a amostra seja composta majoritariamente por jovens adultos e adultos.

¹⁴ Ver tabela 3 na página 100.

O fato de o público mais jovem estar mais tempo em casa é um fator que faz aumentar o uso de tecnologias para diversos âmbitos da vida, substituindo a interação e encontros presenciais por videochamadas, atividades de lazer ao ar livre por jogos, leitura no kindle, uso de plataformas de *stream* para assistir a filmes e séries, redes sociais, etc., e esta relação entre o maior tempo em casa com consequência ao aumento no uso de aparelhos eletrônicos, de uma certa perspectiva, pode ser preocupante, visto que o elevado tempo dedicado ao uso de tecnologias, redes sociais e várias outras funções oferecidas pelos aparelhos eletrônicos pode estar associado ao aparecimento de emoções negativas.

Nos resultados coletados para esta pesquisa, foi possível observar que pessoas que relataram passar mais tempo online estão mais tensas, tendo os jovens aparecido como a população que relatou maior tensão e que passa mais de 5 horas online por dia, atrelado ainda ao fato de que o referido grupo está saindo menos de casa para visitaçã a parques e está culturalmente mais habituado ao ambiente virtual, tendendo a procurar esta vivência social em seus aparelhos na situação de isolamento.

Na análise geográfica da cidade do Recife relativamente à distribuição da população por faixa etária, podemos também concluir que a população mais velha encontra-se morando em bairros com melhores estruturas, inclusive com maior presença de espaços públicos de lazer de qualidade, facilitando o deslocamento dessa parcela ao sair de suas residências e ir passar um tempo em um lugar aberto que proporcione contato com a natureza. Isso evidencia a necessidade de uma distribuição equitativa destes espaços públicos de qualidade dentro da cidade, para que todas as populações, independente de variáveis socioeconômicas, tenham acesso a estes espaços, contribuindo, assim, para a melhoria na qualidade de vida, diminuição da tensão e restauração psíquica e emocional.

9.3 ACESSO AOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PANDEMIA E RENDA

De início, na tabela 4¹⁵ foi possível observar que, dentre os respondentes, os que mais relataram ter visitado parques urbanos durante a pandemia foi a população a qual possui uma renda mais alta, o que, assim como discutido no capítulo anterior referente à maior visitação de pessoas mais velhas aos parques, pode estar atrelado a distribuição geográfica destes espaços.

Na figura 13¹⁶, referente à distribuição das pessoas na cidade do Recife de acordo com suas rendas, foi concluído que pessoas de maior renda residem próximo aos locais públicos de lazer identificados com *hotspots* na cidade, o que torna o deslocamento deles até o local mais prático e fácil, enquanto pessoas de menor renda estariam mais distantes, tornando-os dependentes do transporte público para conseguirem acessar os parques, áreas verdes e praia.

Assim como discutido, sabe-se que a disponibilidade dos transportes públicos na cidade gira em torno de constantes polêmicas, principalmente no que diz respeito ao planejamento, fazendo algumas linhas ficarem saturadas e outras vazias. Em contexto de pandemia, no qual é requerido o distanciamento mínimo de um metro entre pessoas, ser dependente do transporte público é estar exposto à contaminação.

No que diz respeito às emoções, foi possível constatar que pessoas de maior renda relataram estar sentindo mais alegria tanto no espaço público como em suas casas. Sendo a mesma população que relatou maior frequência aos parques e áreas públicas destinadas ao lazer onde há a possibilidade de contato com a natureza, relaciona-se o aparecimento mais constante da emoção positiva à regeneração psicológica/emocional, evidenciando a importância dos elementos naturais no contexto urbano de forma acessível para todos.

Ressalta-se ainda a emoção de alegria relatada pela população de renda mais alta ser considerada como um valor estatístico significativo, no qual a diferença entre as populações analisadas foi mais acentuada. Isso quer dizer que, do outro

¹⁵ Página 107.

¹⁶ Página 105.

lado da moeda, há uma população de menor renda relatando em nível bem inferior o aparecimento da alegria durante este período e, em conformidade com as outras emoções analisadas (mesmo que o resultado não tenha sido estatisticamente significativo), esta mesma população relatou menos ter sentido calma e ficou na frente dos relatos relacionados às emoções negativas de tristeza e tensão, tanto no ambiente público como em suas casas.

Foram os grupos de menor renda que estiveram em situações de falta de espaço e saneamento em suas casas, necessidade de saída para manutenção do trabalho, expondo-se ao contato com o vírus, em alguns casos, demitidos por fechamento das lojas dos seus empregadores em razão dos períodos de lockdown. Por essa razão, tal parcela da população foi a que mais vivenciou momentos de incerteza, o que a levou a picos de estresse, com má qualidade de vida e, muitas vezes, à incerteza de conseguir colocar comida na mesa.

[...] para a população mais vulnerável, em relação à dimensão do trabalho, não se trata de escolher entre arriscar-se ou não ao contágio, e sim simplesmente de necessidades e obrigações, uma vez que ou são força de trabalho na linha de frente da produção, ou não tem acesso digital para trabalhar remotamente ou não tem condições econômicas favoráveis para subsistir por um longo período sem trabalho, o que, no Brasil, é o caso da maioria (NECA & RECHIA, p. 478, 2020).

Assim como foi visto durante a exposição teórica e discussão sobre a vulnerabilidade vivenciada por pessoas de baixa renda no seu cotidiano, impossibilitando, por diversas vezes, o cuidado e prevenção que o momento de pandemia pediu, os resultados desta pesquisa nos mostraram também a vulnerabilidade emocional desta população. As medidas de prevenção não foram abrangentes às diversas realidades da população e serviram ainda para escancarar a fragilidade de alguns grupos e suas vulnerabilidades frente a problemas socioambientais.

A disponibilidade de espaços públicos de qualidade permanece numa lógica segregacionista, no qual muito do financiamento é direcionado para bairros e localidades nos quais pessoas de maior poder aquisitivo residem; quando direcionados a outras partes, vemos casos de gentrificação e expulsão de populações desprivilegiadas.

Faço desta pesquisa também um ato de resistência em prol de minorias que são diariamente privadas de direitos básicos, e que as discussões tecidas ao longo dos diversos capítulos estruturadores dessa dissertação consigam servir como base para trabalhos futuros voltados ao planejamento, desenho e gestão urbana, levando em consideração as populações historicamente negligenciadas.

10 CONCLUSÃO

Este momento de maior liberdade torna-se propício para o desenvolvimento e concretização de novas formas de estruturação das cidades, uma vez que as pessoas que vivenciaram as restrições impostas pelo isolamento ainda têm latentes seus sentimentos quanto à necessidade da vivência dos espaços abertos. A flexibilização das medidas de isolamento devido à diminuição dos números de óbitos pelo vírus causador do COVID-19 possibilitou um claro aumento na vivência dos espaços públicos. No entanto, será necessário um grande esforço conjunto para que esta experiência trágica não seja esquecida e que a vida não se desenvolva como se nada tivesse acontecido. Mais do que nunca, precisamos nos preparar para as mudanças em curso, principalmente mudanças climáticas e mitigação destes impactos, dentre eles a aparição de novas doenças.

Nesta conclusão, será explorado um pouco dos objetivos iniciais que conduziram a pesquisa, dificuldades encontradas, e especificar as lições aprendidas sobre os resultados. No que diz respeito às dificuldades e limitações que surgiram no decorrer do trabalho, é necessário pontuar mais uma vez a impossibilidade de entrevistar livremente pessoas em todos os lugares da cidade, uma vez que, de acordo com as medidas públicas de saúde, estávamos em momento de isolamento e *lockdown*. Dessa forma, o único meio de comunicação foi o digital, mesmo sabendo da limitação de acessá-lo por parte de diversas pessoas que se encontram num cenário de poucas oportunidades na cidade de Recife, o que é refletido também no acesso à internet.

Outro fator a ser pontuado se refere à disponibilidade de dados atualizados, pois as informações provenientes do Censo do ano de 2010 compreendem uma realidade de 12 anos atrás. O fato de a pandemia ter iniciado no ano de 2020 causou uma prorrogação nas pesquisas e coletas de dados planejadas para o novo censo de 2020. Apesar disso, almeja-se que os resultados deste estudo contribuam para futuros trabalhos e projetos no âmbito do planejamento e gestão da cidade, adaptando e fortalecendo seus espaços públicos para responder a possíveis cenários futuros de crise.

A discussão sobre a influência do contato com a natureza na restauração da saúde mental da população no momento de pandemia foi o grande motor de desenvolvimento desta pesquisa, e isto está diretamente relacionado com a discussão sobre a distribuição dos espaços verdes na cidade como um todo.

A influência dos espaços públicos de lazer encontrados no ambiente urbano, especificamente parques, na regeneração emocional da população foi identificada como sendo positiva aos que relataram visitar com mais frequência estes espaços, podendo até mesmo estar atrelados à melhora emocional do indivíduo no espaço residencial, uma vez que a regeneração psíquica resultante da interação com a natureza pode perdurar para além do momento de visitaçãõ.

Os diversos períodos de isolamento e distanciamento social durante a crise sanitária advinda da pandemia do COVID-19 e os casos de declínio no bem-estar emocional foram observados em estudos utilizados para compor o referencial teórico da presente pesquisa, sendo também confirmados com os dados obtidos para esta pesquisa, no qual se pode observar o maior relato de emoções negativas experienciadas nos momentos de *lockdown*. A análise também demonstra que a parcela da amostra que relatou menor frequência de visitaçãõ aos espaços públicos também vivenciou com maior intensidade as emoções negativas de tensão e tristeza, podendo estas se manifestarem em forma de crises de ansiedade, insônia, depressão entre outros.

Em uma crise já instaurada, colocando em declínio o bem-estar emocional da população, requerendo cuidados de higiene e cuidados redobrados para que a contaminação do vírus não volte a estágios altos, o que vimos acontecer foi uma situação de desespero e imensa injustiça com comunidades as quais, por necessidade, estabelecem suas residências em locais de risco, ficando vulneráveis a perder seus bens e até mesmo tendo suas vidas ameaçadas por causas ambientais, como deslizamentos e enchentes.

A crise climática está cada vez mais evidente e os desastres ambientais ocorrem de forma cumulativa, escancarando ainda mais a situação de vulnerabilidade enfrentada por muitos, como foi o caso das enchentes que aconteceram em Recife no final do mês de maio e início de junho do presente ano (G1, 2022;

FOLHA DE PERNAMBUCO, 2022), levando pessoas a picos de estresse sequenciados, com relatos de perda de tudo o que possuíam na vida, inclusive pessoas amadas, pais, filhos, vizinhos. A tristeza e o desespero relativamente ao desamparo deixam marcas profundas, e pessoas relatam não conseguir recompor suas vidas em um momento atípico em que ainda se faz necessário um cuidado frente ao vírus (apesar de este já ter sido controlado em comparação ao início da crise). São emoções extremas de situações desesperadoras que se acumulam e afetam ainda mais o emocional das pessoas, sendo as de condições socioeconômicas mais baixas as mais impactadas.

É imperativo, para a cidade que precisamos no futuro, priorizar as populações que se encontram em vulnerabilidade, buscando diminuir as disparidades no acesso às qualidades urbanas. O direito de acesso a ambientes verdes de qualidade deve ser para todos, para poder impactar diretamente a qualidade de vida e a qualidade emocional dos seus habitantes, aspecto essencial para resiliência social.

Há uma necessidade também de cobrar os governantes por justiça climática e pelo bem-estar urbano, priorizando progressivamente as pessoas que se encontram em locais de risco e as que são e serão mais afetadas por estes eventos cada vez mais intensos e recorrentes. Tornar as cidades mais justas, sustentáveis e inclusivas requer repensar o modelo já instaurado de degradação do meio natural e instaurar um novo movimento de regeneração ambiental que traga aos espaços públicos os elementos da natureza. Lugares que fortaleçam o sentido de comunidade e coletividade, a fim de tornar a cidade e seus residentes resilientes frente às mudanças tanto climáticas, como aos efeitos adversos de doenças como o vírus SARS-CoV-2 e suas mutações, são essenciais.

Devemos pensar na crise desencadeada pelo COVID-19 e nas emoções sentidas durante o período como uma oportunidade de conhecimento em coletividade para repensar a cidade e reorientar projetos já instalados e em andamento, para que os centros urbanos deixem de continuar reproduzindo a segregação.

A maior valorização dos espaços públicos, com o incremento e restauração de áreas verdes, é um aliado da resiliência urbana para os próximos anos e gerações seguintes, contribuindo para a amenização de impactos negativos nas cidades, como apresentado pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2018b); e, para além dos benefícios ambientais, a permanência em áreas verdes e o contato com a natureza serão aliados na manutenção do bem-estar dos cidadãos, impactando positivamente a melhora emocional. Quando bem articulados e planejados, levando em consideração as diversas dimensões de cada espaço público, cidades estarão munidas frente aos impactos psicológicos desencadeados na população em tempos de crise, sendo esta afirmação baseada tanto em pesquisas bibliográficas descritas neste trabalho, como também no resultado obtido de relatos de alegria e calma em momentos de vivência de espaços que proporcionam contato com a natureza.

A pesquisa atual revelou que esta vivência do espaço público na cidade do Recife tem uma grande concentração em apenas dois ambientes, sendo eles o Parque da Jaqueira e a Praia de Boa Viagem. Esta priorização de determinados espaços em detrimento de outros é um desafio a ser vencido pela gestão da cidade, incluindo nas pautas a melhor distribuição de parques, assim como a implantação de novos. O fator localização, assim como qualidade de serviços, equipamentos e atividades irá influenciar na decisão de permanência dos visitantes, e se faz necessário que cada parque seja provido em espaços de possibilidades, propiciando a expressão de valores culturais, hábitos locais, respondendo às necessidades da população para se constituir como um catalisador de laços sociais e restaurador psíquico e emocional de cada ser.

O conceito de cidade a 15 minutos defendido atualmente por muitas cidades (Paris, por exemplo) preconiza a localização de parques em bairros residenciais a uma distância de 15 minutos percorridos a pé. Dessa forma, residentes terão a possibilidade de permanecer em seus bairros, fortalecendo reconhecimentos pessoais e as redes sociais. O acesso à natureza precisa ser expandido de todas as maneiras, jardins, janelas para os rios, praias, parques de bolsos, refúgios naturais acessíveis a pé ou de bicicleta, sem a dependência do transporte público.

O pós-pandemia necessita de muitos estudos inovadores e da força conjunta da sociedade brasileira para transformação das cidades e de suas estruturas de compartilhamento de infraestruturas, serviços e benefícios coletivos, para que a qualidade de vida de cada indivíduo seja um valor garantido. Por este motivo defendemos a luta por uma cidade, antes de mais nada, saudável! Uma cidade mais arborizada, com espaços de lazer apropriados e que proporcionem a regeneração emocional de seus habitantes.

Assim, juntamos uma lista de demandas históricas para cidades, composta por saúde, saneamento, habitação, transporte, emprego, educação, o acesso a qualidades tangíveis e intangíveis da cidade, proporcionadas pela delicada convivência com a natureza. Ressalta-se a necessidade de oportunizar a escolha do caminhar entre árvores, do diminuir a velocidade do passo, do parar para ouvir os pássaros, do sentir o cheiro do verde no caminho do trabalho, do andar em conforto térmico proporcionado pela sombra das copas das árvores – espairecer as tensões, dissipar as tristezas, pensar na vida com calma e sentir alegria por estar nela.

REFERÊNCIAS

ADAMS, C. Is a secondary pandemic on its way? **Institute of Health Visiting**, Londres, 6 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://ihv.org.uk/news-and-views/voices/is-a-secondary-pandemic-on-its-way/>> Acesso em: 14 mai. 2022.

ALARCON, S. A.; CAMPOS, J. B.t; GONÇALVES, T. M. Ambiências urbanas: personificação da cultura no espaço público. **Criar Educação**, v. 7, n. 2, 2018.

ALVES, S. M. Ambientes restauradores. In S. Cavalcante & G. Elali (Orgs). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Editora Vozes Limitada, p. 44-52, 2017.

ALVEZ C. & COUTINHO K. Tragédia provocada por chuvas e deslizamento de barreiras é o maior desastre de Pernambuco do século 21, dizem especialistas. **G1**, Recife, 30 de mai. de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/05/30/tragedia-provocada-por-chuvas-e-deslizamento-de-barreiras-e-o-maior-desastre-de-pernambuco-do-seculo-21-dizem-especialistas.ghtml>> Acesso em: 17 jul. 2022.

FERRAZ A. Enchentes deixam rastro de lama e lixo nas ruas do Recife. **Folha de Pernambuco**, Recife, 01 de jul. de 2022. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/enchentes-deixam-rastro-de-lama-e-lixo-nas-ruas-do-recife/228925/>> Acesso em: 17 jul 2022.

ASMUNDSON, G. J. G., & TAYLOR, S. (2020). Coronaphobia: fear and the 2019-nCoV outbreak. **Journal of Anxiety Disorders**, 70, 102196. <http://dx.doi.org/10.1016/j.janxdis.2020.102196>

ARAGONÉS, Juan-Ignacio; SEVILLANO, Verónica. An environmental psychology perspective on the confinement caused by COVID-19 (Un enfoque psicoambiental del confinamiento a causa del COVID-19). **International Journal of Social Psychology**, v. 35, n. 3, p. 656-663, 2020.

AZERÊDO, Jaucele de Fátima Ferreira Alves. **Verde que te quero confortável**: a contribuição da arborização urbana para o conforto termoambiental, ao nível do usuário pedestre. Tese de doutorado em Desenvolvimento Urbano / UFPE. Recife, 2017.

BARROS, M. B. D. A., LIMA, M. G., MALTA, D. C., SZWARCOWALD, C. L., AZEVEDO, R. C. S. D., ROMERO, D., SOUZA JÚNIOR, P. R.B; AZEVEDO, L. O; MACHADO, I. E; DAMACENA, G. N; GOMES, C. S; WERNECK, A. O; PEREIRA DA SILVA, D. R; PINA, M. F & GRACIE, R. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, e2020427, p. 1-12, 2020.

BARZILAY, R.; MOORE, T.M.; GREENBERG, D.M.; DIDOMENICO, G.E.; BROWN, L.A.; WHITE, L.K.; GUR, R.C.; GUR, R.E. Resilience, COVID-19-related stress, anxiety and depression during the pandemic in a large population enriched for healthcare providers. *Translational Psychiatry*, v. 10, n. 1, 1-8, 2020. Disponível em: < <https://www.nature.com/articles/s41398-020-00982-4> >. Acesso em: 25 out 2021.

BIANCONI, Giuliana et al. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. São Paulo, **Gênero e Número**, 2020.

BILSKY, W. A Teoria das Facetas: noções básicas. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 8, n. 3, p. 357-365, 2003.

BÖHM, G. & TANNER, C. Environmental risk perception. . In: STEG, L., VAN DEN BERG, A. E., & DE GROOT, J. I. M. **Environmental Psychology: An Introduction**. Sussex: BPS Blackwell, 2013.

BONAIUTO, M. et al. Local identity processes and environmental attitudes in land use changes: The case of natural protected areas. **Journal of economic psychology**, v. 23, n. 5, p. 631-653, 2002.

BONDUKI, N. As mudanças que a pandemia gerou nas cidades vieram para ficar. **Folha de São Paulo**. 2021. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nabil-bonduki/2021/04/as-mudancas-que-a-pandemia-gerou-nas-cidades-vieram-para-ficar.shtml> >. Acesso em: 25 out 2021.

BORDE, A. “Não mais e ainda não”: breves reflexões sobre as cidades e a pandemia da COVID-19. **Cidades Vacinadas**. Rio de Janeiro, p. 42-45, 2021.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de Julho de 2000., 18 Julho 2000. Art. 5º, III. Disponível em:< <http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=322>>. Acesso em: 13 out 2019.

BRADLEY, C., & MILLWARD, A. Successful green space — do we know it when we see it? **Landscape Research**, 11(2), 2–8, 1986. doi:10.1080/01426398608706191

BROOKS SK, WEBSTER RK, SMITH LE, WOODLAND L, WESSELY S, GREENBERG N, RUBIN GJ. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, mar. 2020; v. 395: 912-920. doi: 10.1016/S0140-6736(20)30460-8

BROWN, B.; PERKINS, D. Disruptions in place attachment. **Place Attachment**. p. 279-304, Nova York: Plenum; 1992.

CACIOPPO, J. T., & CACIOPPO, S. Social relationships and health: The toxic effects of perceived social isolation. **Social and personality psychology compass**, 8(2), 58-72, 2014. doi:10.1111/spc3.12087

CANTER, D. Do we need a metatheory of the built environment?. **Building Research & Information**, v. 36, n. 6, p. 663-667, 2008.

CANTER, D.; BROWN, J.; GROAT, L. Multiple Sorting Procedure for Study conceptual systems. **Research Interview: use and approaches**. London: Jonh Wiley, 1985

CANTER, D. V.; CRAIK, K. H. Environmental psychology. **Journal of Environmental Psychology**, v. 1, n. 1, p. 1-11, 1981. doi:10.1016/s0272-4944(81)80013-8

CANTER, David; GROAT, J. The psychology of place Architectural Press. **Psychology**, 1977.

CARVALHO, P. M. M., MOREIRA, M. M., OLIVEIRA, M. N. A., LANDIM, J. M. M., & ROLIM NETO, M. L. The psychiatric impact of the novel coronavirus outbreak. **Psychiatry Research**, 286(112902), 2020.

CAVALCANTI, Rafaella dos Santos; MELO, Leonardo César de Oliveira e MONTEIRO, Circe Maria Gama. Como resgatar a relação da cidade com os ambientes naturais: projeto Parque Capibaribe, Recife-PE. **Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes**, v. 3, n. 8, p. 33-48, 2015.

CARDOSO, Silvia Laura Costa; SOBRINHO, Mário Vasconcellos; VASCONCELLOS, Ana Maria de Albuquerque. Gestão ambiental de parques urbanos: o caso do Parque Ecológico do Município de Belém Gunnar Vingren. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 7, n. 1, p. 74-90, abr. 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1931/193135340006.pdf>> Acesso em: 21 out 2019.

CARRUS, Giuseppe; BONAIUTO, Marino; BONNES, Mirilia. Environmental concern, regional identity, and support for protected areas in Italy. **Environment and Behavior**, v. 37, n. 2, p. 237-257, 2005.

CMSMAD - COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FGV, 1991. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4245128/mod_resource/content/3/Nosso%20Futuro%20Comum.pdf> Acesso em: 21 out 2019.

CEPEDES - CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EMERGÊNCIAS E DESASTRES EM SAÚDE; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ . Saúde mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações gerais.

Brasília, 2020. Disponível em: < <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAdede-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%C3%A7%C3%B5es-gerais.pdf> >. Acesso em: 25 out 2021.

CLUVER, L., LACHMAN, J. M., SHERR, L., WESSELS, I., KRUG, E., RAKOTOMALALA, S., MCDONALD, K. Parenting in a time of COVID-19. **The Lancet**, 395, e64, 2020. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30736-4](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30736-4)

COLLINS, J. From Mumbai to Paris, the cities investing in the planet. **Deutsche Welle**, Berlin, 21 de abr. de 2022. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/from-mumbai-to-paris-the-cities-investing-in-the-planet/a-61479857>> Acesso em: 4 mai 2022.

CORRALIZA, J. A. Emoción y ambiente. In: ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. (Org.). **Psicología ambiental**. Madrid: Ediciones Pirámides, p. 59-76, 2002.

CORRAL-VERDUGO, V. & PINHEIRO, J. Q. Condições para o estudo do comportamento pró-ambiental. **Estudos de Psicologia**, 4, 7-22, 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/epsic/v4n1/a02v04n1.pdf>> Acesso em: 20 out 2020.

DA MATA, A. A. et al. Impacto da pandemia de COVID-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 6901-6917, 2021.

DA SILVA, J. G.; DE QUEIROZ, S. N. Mobilidade Pendular na Região Metropolitana de Recife (RMR). **Latin American Journal of Business Management**, v. 9, n. 2, 2018.

DIAS, Cláudia; CRUZ, José Fernando; FONSECA, António Manuel. Emoções: Passado, presente e futuro. **Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 11-31, 2008. Disponível em: <<https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/344> > Acesso em: 02 nov 2021.

DINIZ, F. R.; HENRIQUES, J. E.; MONTEZUMA, M. A.; DANTAS, H. S. M.; VILLARIM, L. A.; BRAGA, L. N. B.; PEREIRA, M. B. T.; CHAVES, T. A. B.; CARNEIRO, R. D. INVESTIGANDO AS RAÍZES DA ÁRVORE D'ÁGUA Recife Exchange Netherlands – Visões e estratégias diante a elevação do nível do mar no Recife e nos Países Baixos. In: **RECIFE EXCHANGES AMSTERDAM | HOLLAND | NETHERLANDS: Intercâmbio Internacional para reinvenção da Cidade**, Recife : Cepe, 2022.

DOS SANTOS, G. J.; DOS SANTOS, L. M. M. Reflexões sobre a relação pessoa-ambiente e os espaços públicos em tempos de Pandemia de COVID-19. **Saúde Mental No Século XXI: Indivíduo E Coletivo Pandêmico**. E. 1, v. 1, p. 244-258, 2021. Disponível em: <

<https://downloads.editoracientifica.org/articles/210203390.pdf>> Acesso em: 25 Nov 2021.

DUAN,L.; SHAO,X.; WANG,Y.; HUANG,Y.; MIAO,J.; YANG,X.; ZHU,G. An investigation of mental health status of children and adolescents in china during the outbreak of COVID-19. **J Affect Disord**.v. 275, p. 112-18, 2020. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7329661/>> Acesso em: 21 mar 2022.

FELIPPE, Maíra Longhinotti; KUHNEN, Ariane. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. **Estudos de psicologia**, v. 29, n. 4, p. 609-617, Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 jan 2020.

FEITOSA, R. & OLIVEIRA, A. Loteamento Senhor do Bonfim em Aracaju/SE: a habitação popular em pauta urgente no pós-pandemia. **Cidades Vacinadas**. Rio de Janeiro, p. 78-82, 2021.

FONTAINE, J. RJ; SCHERER, K. R.; SORIANO, C. **Components of emotional meaning: A sourcebook**. Oxford University Press, 2013.

FONTAINE, Johnny. The dimensional, basic, and componential emotion approaches to meaning in psychological emotion research. In: **Components of emotional meaning: A sourcebook**. Oxford University Press, p. 31-45, 2013.

FORTUNATO, R. A., LIMA, C.; PRIORI, L. COVID-19 no Brasil: a evolução da doença num cenário de desigualdades sociais. **Middle Atlantic Review of Latin American Studies**, v. 4, n. 1, p. 26-30, 2020.

FRANCIS, J. et al. Quality or quantity? Exploring the relationship between Public Open Space attributes and mental health in Perth, Western Australia. **Social science & medicine**, v. 74, n. 10, p. 1570-1577, 2012.

FREEMAN, S.; EYKELBOSH, A. COVID-19 and outdoor safety: considerations for use of outdoor recreational spaces. **National Collaborating Centre for Environmental Health**, apr. 2020.

FREITAS, Ruskin Marinho de. **Entre mitos e limites: as possibilidades do adensamento construtivo face à qualidade de vida no ambiente urbano**. Tese de doutorado em Arquitetura/UFRGS. Porto Alegre, 2005.

FREITAS, R. & AZERÊDO, J. O que aprendemos com a pandemia e com as vacinas? In. **Cidades Vacinadas**. p. 216-220, 2021.

FRIJDA, N. H.; SCHERER, K. R. Emotion definitions (psychological perspectives). In: **The Oxford companion to emotion and the affective sciences**, p. 142-144, 2009.

G1. VÍDEO: passageiro entra pela janela e pessoas se empurram para subir em ônibus no Recife. g1, Recife, 9 de fev. de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/paranaguano/noticia/2022/02/09/video-passageiro-entra-pela-janela-e-pessoas-se-empurram-para-subir-em-onibus-no-recife.ghtml>> Acesso em: 25 abr. 2022.

GASTAUD, M. B., C. P., AZEVEDO, C. S., BATTISTI, R. R., PEDRUZZI, B., KREUTZ, C. M. & BARROSO, V. K. Como cuidar da saúde mental das crianças em quarentena?. **Pensamento Contemporâneo Psicanálise e Transdisciplinaridade**, v. 2, n. 1, p. 79-94, 2020.

GEORGE, Francisco; NUNES, Emília. Pandemias no século XXI. **JANUS 2009: Aliança de civilizações: um caminho possível?** 2009.

GIULIANI, Maria Vittoria. Theory of attachment and place attachment. **Psychological theories for environmental issues**, p.137-170, Aldershot: Ashgate, 2003.

GIULIANI, M. V., FERRARA, F. & BARABOTTI, S. One attachment or more? **People, Places, and Sustainability**, p. 111-122. Göttingen, Germany: Hogrefe & Huber, 2003.

GODBAY, G., & BLAZEY, M. Old People in Urban Parks: An Exploratory Investigation. **Journal of Leisure Research**, 15(3), 229–244, 1983. doi:10.1080/00222216.1983.11969558

GOYAL, K., CHAUHAN, P., CHHIKARA, K., GUPTA, P., & SINGH, M. P. Fear of COVID 2019: first suicidal case in India. **Asian Journal of Psychiatry**, 49(101989), 2020. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajp.2020.101989>

GRESSLER, S. C.; GÜNTHER, I. A. Ambientes restauradores: definição, histórico, abordagens e pesquisas. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 18, p. 487-495, 2013.

GUARDA, A. Mesmo sem barraqueiros, banhistas se aglomeraram nas praias de Boa Viagem e do Pina neste domingo (23). **Jornal do Comercio (JC)**. Recife, 23 de mai. de 2021. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/economia/2021/05/12127484-mesmo-sem-barraqueiros-banhistas-se-aglomeraram-nas-praias-de-boia-viagem-e-do-pina-neste-domingo-23.html#:~:text=Quem%20circulou%20pelas%20praias%20de,em%20grupos%2C%20banhistas%20se%20aglomeraram>> Acesso em: 18 jun 2022.

GÜNTHER, H., ELALI, G. A., & PINHEIRO, J. Q. A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: características, definições e implicações. **Série: Textos de Psicologia Ambiental**, Nº 23. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2004.

GUTTMAN, L. Introduction to Facet Design and Analysis. **Proceedings of the fifteenth international congress of psychology**. Amsterdam: North Holland Publishing Company, 130-132, 1959.

HAIG-FERGUSON, A.; COOPER, K.; CARTWRIGHT, E.; LOADES, M.E.; DANIELS, J. Practitioner Review: Health Anxiety in Children and Young People in the Context of the COVID-19 Pandemic. **Behavioural and Cognitive Psychotherapy**, 1–34, 2020. doi:10.1017/S1352465820000636

HALPENNY, E. A. **Environmental behaviour, place attachment and park visitation**: A case study of visitors to Point Pelee National Park. Phd Thesis of Philosophy in Recreation and Leisure Studies. Ontario, Canada, 2006.

HAMMEN, C. Stress and depression. **Annual Review of Clinical Psychology**, 1, 293–319, 2005. Disponível em: <http://www.gruberpeplab.com/teaching/psych3303_spring2019/documents/8.1_Hammen2005.pdf>. Acesso em: 27 out 2021.

HANSELMANN, M., & TANNER, C. Taboos and conflicts in decision making: Sacred values, decision difficulty and emotions. **Judgment and Decision Making**, 3, 51–63, 2008. Disponível em: <<https://www.zora.uzh.ch/id/eprint/5948/2/bb5V.pdf>>. Acesso em: 27 out 2021.

HAWKLEY, L. C., & CAPITANIO, J. P. Perceived social isolation, evolutionary fitness and health outcomes: a lifespan approach. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, 370(1669), 2015. doi:10.1098/rstb.2014.0114

HENNESSY, M. 'Isolated at home with their tormentor': Childline experiences increase in calls since closure of schools. **thejournal.ie**, Dublin, 20 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://www.thejournal.ie/childline-calls-coronavirus-5053104-Mar2020/>> Acesso em: 13 mai. 2022.

HERNÁNDEZ, B.; HIDALGO, M. C.; LAPLACE, M. E. S. e HESS, S. Place attachment and place identity in natives and non-natives. *Journal of environmental psychology*, v. 27, n. 4, p. 310-319, 2007.

HOFF, E., & LARSEN, B. Socioeconomic status and parenting. In Borstein, M. H. **Handbook of parenting Biology and Ecology of Parenting** (pp. 421-447), v.2, 2019. Disponível em: <http://catalogo.up.pt/F/?func=direct&doc_number=000896827&local_base=PC_EUP> Acesso em: 19 mai 2022.

IBGE. **Censo demográfico**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 01 mar 2020.

IMRAN,N.; ZESHAN,M.; PERVAIZ, Z. Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 Pandemic. **Pak J Med Sci**.v. 36, p. 67–72, 2020.

JING, J.; CANTER, D.; HAAS, T. Conceptualizing Public Space Using a Multiple Sorting Task–Exploring the Links between Loneliness and Public Space. **Urban Science**, v. 3, n. 4, p. 107, 2019.

JOHANSEN, I. C.; DO CARMO, R. L. Desigualdade sócio-espacial, urbanização e saúde da população: o caso das epidemias de dengue. **Anais**, p. 1-21, 2016.4

KAPLAN, S. The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework. **Journal of environmental psychology**, v. 15, n. 3, p. 169-182, 1995.

KHAN, M. F., & AFTAB, S. Quality of urban environment: A critical review of approaches and methodologies. **Current Urban Studies**, 3(04), 368,2015.

LA FOLLIA. Laboratório de Pesquisa em Saúde Mental e Terapia Ocupacional da UFSCAR. **Cuidando da sua saúde mental em tempos de Coronavírus**. 2020. Disponível em: < http://www.unifap.br/wp-content/uploads/2020/03/coronavirus_saudemental.pdf >. Acesso em: 25 out 2021.

LYNCH, K. **The image of the city**. MIT press, 1960. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=_phRPWsSpAgC&oi=fnd&pg=PA1&dq=lynch+1960&ots=jHG4ag4Aig&sig=3BM2M97-no9SrBxrNWND-2Dqk8g&redir_esc=y#v=onepage&q=lynch%201960&f=false > Acesso em: 08 fev 2020.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/physis/a/nyq3wrt8qpWFsSNpbgYXLWG/?format=html> >. Acesso em: 25 out 2021.

LIMA, V. e AMORIM, M. C. C. T. A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades. **Revista Formação**, n.13, p. 139 – 165, Presidente Prudente, 2006.

LIU, Y., GAYLE, A. A., WILDER-SMITH, A., & ROCKLÖV, J. The reproductive number of COVID-19 is higher compared to SARS coronavirus. **Journal of travel medicine**, 2020. doi: 10.1093/jtm/taaa021

LOW, S. M.; ALTMAN, I. Place attachment. **Place attachment**. p. 1-12, Springer, Boston, MA, 1992.

MACÊDO, A. F.; MENESES, A. R. S.; MONTEIRO, C. M. G.; CARVALHO, L. M. Capibaribe park: re-weaving a city through green and public spaces. **International making cities livable**, Bristol, 2015. Disponível em: <http://inciti.org/wp-content/uploads/2019/02/Paper_Capibaribe-Park_LIVABLE.pdf> Acesso em: 18 fev 2020.

MACHADO, C. J. S. et al. **Promoção da relação saúde-saneamento-cidade por meio da virologia ambiental**. 2013.

MARTINHO, C. A. et al. Movimento pendular e ocupação na Região Metropolitana de Recife-PE. Espaço e Economia. **Revista brasileira de geografia econômica**, n. 9, 2016.

MARTINHO, C. A. **O perfil ocupacional da população pendular na Região Metropolitana de Recife: um foco no segmento industrial**, 2018.

MAZUCHELLI, L. P. et al. Discursos sobre os idosos, desigualdade social e os efeitos das medidas de distanciamento social em tempos de covid-19. **Saúde e Sociedade**, v. 30, 2021.

MENESES, A. R. S. **Desafios da gestão dos parques urbanos de Recife**. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Urbano/UFPE. Recife, 2018.

MONTEIRO, C. M. G. **The experience of place: the comparative study of a favela, a public housing estate and a middle class neighborhood in Recife – Brazil**. 1989. 343f. Thesis (doctor of philosophy) - University of Oxford, Oxford, 1989.

MONTEIRO, C. M. G.; ROAZZI, A.; GOMES, Y.; MELO, L. **A paisagem dentro de mim: apego e valores sobre o Rio Capibaribe**. Relatório de pesquisa, 2019.

MONTEIRO, E. Z. **Verdes-dentro e verdes-fora: visões prospectivas para espaços abertos urbanos -privados e públicos- em área habitacional de interesse social**. Tese de doutorado em Engenharia civil/Unicamp. Campinas, 2007.

MORAES, C. L. et al. Violência contra idosos durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: contribuições para seu enfrentamento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4177-4184, 2020.

MORENO C.; ZAHEER A.; CHABAUD D.; GALL C.; PRATLONG, F. Introducing the “15-Minute City”: Sustainability, Resilience and Place Identity in Future Post-Pandemic Cities. **Smart Cities**, 2021. doi:10.3390/smartcities4010006

MORONI, G., NICOLETTI, C., TOMINEY, E. Children's Socio-emotional Skills and the Home Environment during the COVID-19 Crisis. **VOX CEPR Policy Portal**, 2020. Disponível em: <<https://voxeu.org/article/children-s-socio-emotional-skills-andhomeenvironment-during-covid-19-crisis>.> Acesso em: 18 mai 2022.

MOTA, S. **Urbanização e meio ambiente**. ABES. Rio de Janeiro, 1999.

MOSER, G. Psicologia ambiental. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n1/a08v03n1.pdf>> Acesso em: 03 jan 2020.

MOSER, G. **Introdução à Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.

NADIA S. & ANGÉLICA A. Desigualdades territoriais e pandemia: Desafios de Arquitetos e urbanistas. In. **Cidades Vacinadas**. p. 34-41, 2021.

NASAR, J. L. The evaluative image of the city. **Journal of the American Planning Association**, v. 56, n. 1, p. 41-53, 1990. Disponível em: <<https://sci-hub.tw/10.1080/01944369008975742>> Acesso em: 09 mar 2020.

NECA, B. R.; RECHIA, S. Ficar em Casa ou Ocupar os Espaços de Lazer ao Ar Livre? Reflexões e Possibilidades para uma Apropriação Segura dos Diferentes Espaços Públicos de Lazer em Tempos de Pandemia. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 4, p. 471-509, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/26703> Acesso em: 16 Fev 2022

ONG, M. H. A.; PUTEH, F. Quantitative data analysis: Choosing between SPSS, PLS, and AMOS in social science research. *International Interdisciplinary Journal of Scientific Research*, v. 3, n. 1, p. 14-25, 2017. Disponível em: <<https://www.ijrsr.org/data/frontImages/gallery/Vol. 3 No. 1/3. 14-25.pdf>> Acesso em: 23 nov 2021.

ONU. **Agenda 2030**. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Nova York, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>>. Acesso em: 03 nov 2019.

ORNELL F, SCHUCH JB, SORDI AO, KESSLER FHP. "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**; v. 42, n. 3, 232-235, 2020. Disponível em: <<https://www.rbppsiatry.org.br/details/943/en-US/-pandemic-fear--and-covid-19--mental-health-burden-and-strategies>> Acesso em: 12 Dez 2021. doi: 10.1590/1516-4446-2020-0008

PBMC. Mudanças Climáticas e Cidades. **Relatório Especial do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas** [Ribeiro, S.K., Santos, A.S. (Eds.)]. PBMC, COPPE – UFRJ. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <
http://www.pbmc.coppe.ufrj.br/documentos/Relatorio_UM_v10-2017-1.pdf>
Acesso em 01 mar 2020.

PEDREIRA JÚNIOR, J. U. et al. **Risco dos bairros de Salvador ao espalhamento do Covid-19 decorrente da circulação de pessoas e condições socioeconômicas**. Salvador: UFBA, 2020.

PEREIRA, M. D., DE OLIVEIRA, L. C., COSTA, C. F. T., DE OLIVEIRA BEZERRA, C. M., PEREIRA, M. D., DOS SANTOS, C. K. A., & DANTAS, E. H. M. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, 9(7), e652974548-e652974548, 2020. DOI:
<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4548>

PFISTER, H.-R., & BÖHM, G. The multiplicity of emotions: A framework of emotional functions in decision making. **Judgment and Decision Making**, 3, 5–17, 2008. Disponível em: <
<http://finzi.psych.upenn.edu/journal/bb1.pdf> >
Acesso em: 26 out 2021.

PINHEIRO, J.; ELALI, G. A.; & FERNANDES, O. Observando a interação pessoa-ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**, p.75-104, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

PINHEIRO, A. P., & PINHEIRO, F. O Uso Do Celular Em Tempos De Pandemia-Uma Análise Da Nomofobia Entre Os Jovens. **Revista Tecnologias Educacionais em Rede (ReTER)**, 2(3), 9-01, 2021.

PIVETTA, K. F. L. e FILHO, D. F. S. Arborização Urbana. **Boletim Acadêmico** (Série Arborização Urbana). UNESP/FCAV/FUNEP. Jaboticabal-SP, 2002. Disponível em: <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/90233/mod_resource/content/1/arboriza_urbana-unespjaboticabal-111215112201-phpapp01.pdf> Acesso em: 21 out 2019.

PREFEITURA DO RECIFE. **Parque Capibaribe**: a reinvenção do recife cidade-parque. Recife, 2018.

PREFEITURA DO RECIFE. LEI Nº 17.511/2008. **Promove a revisão do plano diretor do município do Recife**. Recife, 2008. Disponível em:<
<https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-recife-pe>>. Acesso em: 07 jul 2020.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2015: Rio Resiliente. Diagnóstico e áreas de foco. Disponível em: <

<https://drive.google.com/file/d/0Bw6co0uZu4wIREtDMW1uQ2pac3c/view>>. Acesso em: 23 fev 2020.

PROSHANSKY, H. M. The city and self-identity. **Environment and behavior**, v. 10, n. 2, p. 147-169, 1978.

PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place-identity: Physical world socialization of the self. **Journal of environmental psychology**, 1983. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=b9WWAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA77&dq=Place-identity:+Physical+world+socialization+of+the+self.&ots=KV1zCFisCb&sig=s584wKG3n089-FPKeFLI4jismRU&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true> Acesso em: 23 jan 2020.

QIU J, SHEN B, ZHAO M, WANG Z, XIE B, XU Y. A nationwide survey of psychological distress among Chinese people in the COVID-19 epidemic: implications and policy recommendations. **Gen Psychiatry**. 33: e100233, 2020.

QUINZANI, M. A. D. O avanço da pobreza e da desigualdade social como efeitos da crise da COVID-19 e o estado de bem-estar social. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 6, p. 43-47, 2020.

RAIMUNDO S. & PACHECO R. T. B. Parques Urbanos na Pós Pandemia: sua importância para uma vida com qualidade nas cidades. In: **Cidades Vacinadas: ensaios urbanos e ambientais para um Brasil pós-pandemia**. p. 150 - 156

RAPOPORT, A. **Human aspects of urban form**: towards a man—environment approach to urban form and design. Elsevier, 1977. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=QOI3DAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Rapoport,+A.+\(1977\).+Human+aspects+of+urban+form.+Oxford:+Pergamon+Press.&ots=WtLv5UmahL&sig=pbLyBAPmu4eX0NG3YiBqqCyK8l&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=QOI3DAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Rapoport,+A.+(1977).+Human+aspects+of+urban+form.+Oxford:+Pergamon+Press.&ots=WtLv5UmahL&sig=pbLyBAPmu4eX0NG3YiBqqCyK8l&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)> Acesso em: 09 mar 2020.

RECHIA, S. Atividade físicas e esportivas e as cidades. **Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil**. PNUD, 2017. Disponível em: <<http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-F%C3%ADsicas-e-Esportivas-e-Cidades.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2020

REID, C. Anne Hidalgo to Make Good on Pledge to Remove Half of City's Car Parking Spaces. *Forbes*, 20 de out. de 2020. Disponível <<https://www.forbes.com/sites/carltonreid/2020/10/20/paris-mayor-anne-hidalgo-to-make-good-on-pledge-to-remove-half-of-citys-car-parking-spaces/?sh=4b060b7f16ec>>. Acesso em: 05 mai 2022.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

RIBEIRO, L. C. Q. COVID-19, a cidade e o futuro. **Cidades Vacinadas**. Rio de Janeiro, p. 56-59, 2021.

RIBEIRO, W. C. Impactos das mudanças climáticas em cidades no Brasil. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). **Parcerias Estratégicas**, v. 13, n 27. Brasília, 2008. Disponível em: <http://200.130.27.16/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/335/329> Acesso em: 03 mar 2020.

RITCHIE H., MATHIEU E., RODÉS-GUIRAO L., APPEL C., GIATTINO C., ORTIZ-OSPINA E., HASELL J., MACDONALD B., BELTEKIAN D. & ROSER M. - "Coronavirus Pandemic (COVID-19)". Published online at OurWorldInData.org, 2020. Disponível em: <https://ourworldindata.org/covid-vaccinations?country=OWID_WRL> Acesso em: 22 abr. 2022

ROAZZI, A. Categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo. **Cadernos de psicologia**, v. 1, n. 1, p. 1-27, 1995. Disponível em:<<http://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/63/52>> Acesso em: 9 mar 2020.

ROAZZI, A., DIAS, M. G. B. B., SILVIA, J. O., SANTOS, L. B. & ROAZZI, M. M. O que é Emoção? Em Busca da Organização Estrutural do Conceito de Emoção em Crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 24(1), 51-61, 2011. DOI: 10.1590/S0102-79722011000100007

ROAZZI, A.; MONTEIRO, C. M. G.; RULLO, G. Residencial satisfaction and place attachment: A cross-cultural investigation. **Facet Theory and Scaling**: In search of structure in behavioral and social sciences. Israel: Rubin R. I. D, 2009.

ROBSON, D. How Covid-19 is changing the world's children. **BBC**, Londres, 4 de Jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/future/article/20200603-how-covid-19-is-changing-theworlds-children>> Acesso em: 18 mai 2022.

ROSA, D. C. C. B. **Teorias sobre a floresta e funções de apego**: um estudo sobre a comparação das pessoas com a Amazônia. Dissertação de doutorado. Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10934/1/TESE%20Daniele%20da%20Costa%20Cunha%20Borges%20Rosa.pdf>> Acesso em: 13 abr 2020.

ROSENZWEIG C.; SOLECKI, W.; ROMERO-LANKAO, P.; MEHROTRA, S.; DHAKAL, S.; & IBRAHIM, A. **ARC3.2 Summary for City Leaders**. Urban Climate Change Research Network. Columbia University. New York, 2015.

ROSO, A. et al. "FIQUE EM CASA". **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, p. c21581-c21581, 2020.

SANDERS, R. ESS Outline: Covid-19, social isolation and loneliness. **Special Report Iriss**, 2020. Disponível em: <<https://www.iriss.org.uk/resources/esss-outlines/covid-19-social-isolation-and-loneliness>> Acesso em: 19 mai 2022)

SANHUEZA-SANZANA, C. et al. Desigualdades sociales asociadas con la letalidad por COVID-19 en la ciudad de Fortaleza, estado de Ceará, Brasil, 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, 2021.

SARMENTO, E. **A imagem do lugar**: Da veiculação à experimentação dos fronts turísticos da cidade de Maceió-Al. Diss. Tese de Doutorado. UFPE, 2002.

SÁ CARNEIRO, A. R. O projeto, as funções e o uso dos parques urbanos do Recife. **Paisagem e Ambiente**, v. 10, p. 167-187, São Paulo, 1997.

SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A., NEIVA-SILVA, L., & DEMENECH, L. M. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng/?lang=pt> > Acesso em: 25 out 2021.

SCOPELLITI, M., & GIULIANI, M. V. Choosing restorative environments across the lifespan: A matter of place experience. **Journal of Environmental Psychology**, 24(4), 423-437, 2004. doi: 10.1016/j.jenvp.2004.11.002

SCHERER, K. R. Measuring the meaning of emotion words: A domain-specific componential approach. In: **Components of Emotional Meaning: A sourcebook**, p. 7 – 30, 2013.

SHULTZ, J. M., COOPER, J. L., BAINGANA, F., OQUENDO, M. A., ESPINEL, Z., ALTHOUSE, B. M. & MAZURIK, L. The role of fear-related behaviors in the Ebola virus disease outbreak. **Current psychiatry reports**, 18(11), 104, 2016. doi:10.1007/s11920-016-0741-y

SEAMON, D.; LUNDBERG, A. Humanistic geography. **International Encyclopedia of Geography: People, the Earth, Environment and Technology**, p. 1-11, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/337050585_Humanistic_geography> Acesso em: 30 jun 2020.

SILVA JUNIOR, M. A. B.; SILVA, S. R. Impactos da urbanização e das alterações climáticas no sistema de drenagem do Recife/PE. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 9, n. 06, p. 2034-2053, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbqfe/article/viewFile/233734/27292>> Acesso em: 28 fev 2020.

SILVA, E. S. & MARINHO, Dalcio. Nas favelas, até a pandemia de coronavírus é invisível. **EL PAÍS**. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-05-14/nas-favelas-ate-a-pandemia-de-coronavirus-e-invisivel.html>> Acesso em: 17 Set 2020.

SINGHAL, T. A Review of Coronavirus Disease-2019 (COVID-19). In **Indian J Pediatr.**, 87(4), 281–286, 2020. doi: <https://doi.org/10.1007/s12098-020-03263-6>

SOMEKH, N & ALVIM, A. Desigualdades territoriais e pandemia: desafios para arquitetos e urbanistas. **Cidades Vacinadas**. Rio de Janeiro, p. 34-41, 2021.

SOUZA, M. C. C. e AMORIM, M. C. C. T. A problemática ambiental e o verde urbano. **Periódico Técnico e Científico: Cidades Verdes**. v. 01, n. 01, p. 29-43, abr. 2013.

STEG, L., VAN DEN BERG, A. E., & DE GROOT, J. I. M. Environmental psychology: History, scope and methods. In: STEG, L., VAN DEN BERG, A. E., & DE GROOT, J. I. M. **Environmental Psychology: An Introduction**. Sussex: BPS Blackwell, 2013.

SUDRÉ, L. Condições precárias de moradia dificultam isolamento vertical nas periferias. **Brasil de Fato**, São Paulo, 2020. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/05/condicoes-precarias-de-moradia-dificultam-isolamento-vertical-nas-periferias>>. Acesso em: 20 Jun 2020.

TCWNN (The City We Need Now). **THE CITY WE NEED 3.0**, 2022.

TOGNOLI, Jerome. Residential environments. **Handbook of environmental psychology**, v. 1, p. 655-690, 1987.

ULRICH, R. S. Aesthetic and affective response to natural environment. In. I. ALTMAN & J. F. WOHLWILL (Orgs.), **Behavior and the Natural Environment**, Nova Iorque: Plenum, Vol. 06, pp. 85-120, 1983.

ULRICH, R. View through a window may influence recovery from surgery. **Science**, 224(4647), 420–421, 1984. doi:10.1126/science.6143402

ULRICH, R. S., SIMONS, R. F., LOSITO, B. D., FIORITO, E., MILES, M. A., & ZELSON, M. Stress recovery during exposure to natural and urban environments. **Journal of Environmental Psychology**, 11(3), 201-230, 1991.

UZZELL, D.; MOSER, G. Introduction: Environmental psychology on the move. **Journal of Environmental Psychology**, v. 29, n. 3, p. 307-308, 2009.

VOGEL, D. A defesa do urbanismo transescalar: por novos arranjos urbanos independentes da pandemia. **Cidades Vacinadas**. Rio de Janeiro, p, 26-30, 2021.

WANG, C., PAN, R., WAN, X., TAN, Y., XU, L., HO, C. S., & HO, R. C. Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in china. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 17(5), 1729, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17051729>

WEIDEMANN, Sue; ANDERSON, James R. A conceptual framework for residential satisfaction. **Home environments: human behavior and environment**. v. 8, p. 153-182, Springer, Boston, MA, 1985.

WHITFIELD, S. C., ROSA, E. A., DAN, A., & DIETZ, T. The future of nuclear power: Value orientations and risk perception. **Risk Analysis**, 29, 425–437, 2009. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1539-6924.2008.01155.x> >. Acesso em: 27 out 2021.

WHO, World Health Organization. **Mental health: strengthening our response**. 2018a. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>. Acesso em: 07 fev 2022.

WHO, World Health Organization. **More than 90% of the world's children breathe toxic air every day**. 2018b. Disponível em: <<https://www.who.int/news/item/29-10-2018-more-than-90-of-the-worlds-children-breathe-toxic-air-every-day#:~:text=Every%20day%20around%2093%25%20of,and%20development%20at%20serious%20risk.>> Acesso em: 17 jul. 2022.

WHYTE, William. **The social life of small urban spaces**. 1980.

XIMENES, D. S. S., et al. Pesquisa Emoções Momentâneas: Comportamentos e Hábitos Cotidianos Pós-Pandemia. Centro de Síntese USP Cidades Globais do IEA, 2020. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-institucionais/usp-cidades-globais/emocoes-momentaneas-comportamentos-e-habitos-cotidianos-pos-pandemia#:~:text=ansiedade%2C%20preocupa%C3%A7%C3%A3o%2C%20a%20preens%C3%A3o%2C%20inseguran%C3%A7a,em%20diver%20is%20e%20econ%C3%B4micos.>> Acesso em: 29 mar 2022.

XIMENES, D. S. S. et al. A importância dos espaços públicos e áreas verdes pós-pandemia na cidade de São Paulo (SP). **Revista LABVERDE**, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/172291> > Acesso em: 09 Fev 2022.

ZANDIFAR, A., & BADRFAM, R. Iranian mental health during the COVID-19 epidemic. **Asian Journal of Psychiatry**, 51, 101990, 2020.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.ajp.2020.101990>

ZHANG, J., WU, W., ZHAO, X., & ZHANG, W. Recommended psychological crisis intervention response to the 2019 novel coronavirus pneumonia outbreak in China: a model of West China Hospital. **Precision Clinical Medicine**, 3(1), 3-8, 2020. <http://dx.doi.org/10.1093/pcmedi/pbaa006>

ZEISEL, John. **Inquiry by design**: Tools for environment-behaviour research. CUP archive, 1984.

ANEXO I

Espaços abertos e a regulação de emoções

Apresentação

Q1.1 Olá, este é um convite para você responder um questionário para conhecer suas experiências no período da pandemia, principalmente as emoções que você sentiu neste momento de isolamento social e mudanças nos hábitos de vida.

Gostaria de saber quais as emoções foram sentidas estando tanto em casa como em espaços públicos abertos, principalmente parques urbanos.

O questionário apresenta diversas situações e um conjunto de emoções para você marcar as intensidades em que foram sentidas. Não existem respostas certas ou erradas; o que interessa é sua opinião e experiência.

Esta pesquisa é não identificada; sua identidade permanecerá anônima. Porém, ao finalizar as respostas, gostaria de ter mais informações sobre seu contexto; ressaltando que o resultado será utilizado somente para fins acadêmicos e visando trazer conhecimentos para a melhoria da qualidade de vida das pessoas nas cidades. Esta pesquisa tem o tempo médio de resposta de 8 minutos.

Os resultados desta pesquisa farão parte da dissertação de mestrado desenvolvida por Thamires Chaves, orientada pela professora Dra. Circe Monteiro, vinculadas ao programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (MDU - UFPE). Para informações adicionais ou possíveis dúvidas, estou a disposição através do e-mail: thamires_chaves@hotmail.com

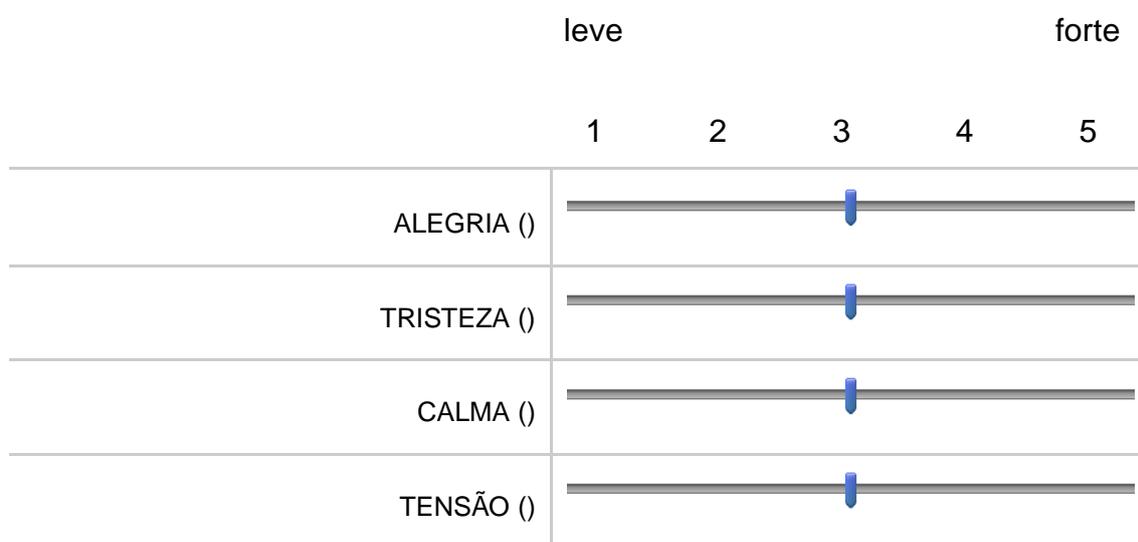
Emoções sentidas no ambiente da casa

Q2.1 Você pode ter sentido diferentes emoções, algumas até conflitantes ao vivenciar situações em sua casa ou apartamento durante todo o período de distanciamento social (março de 2020 até o momento atual).

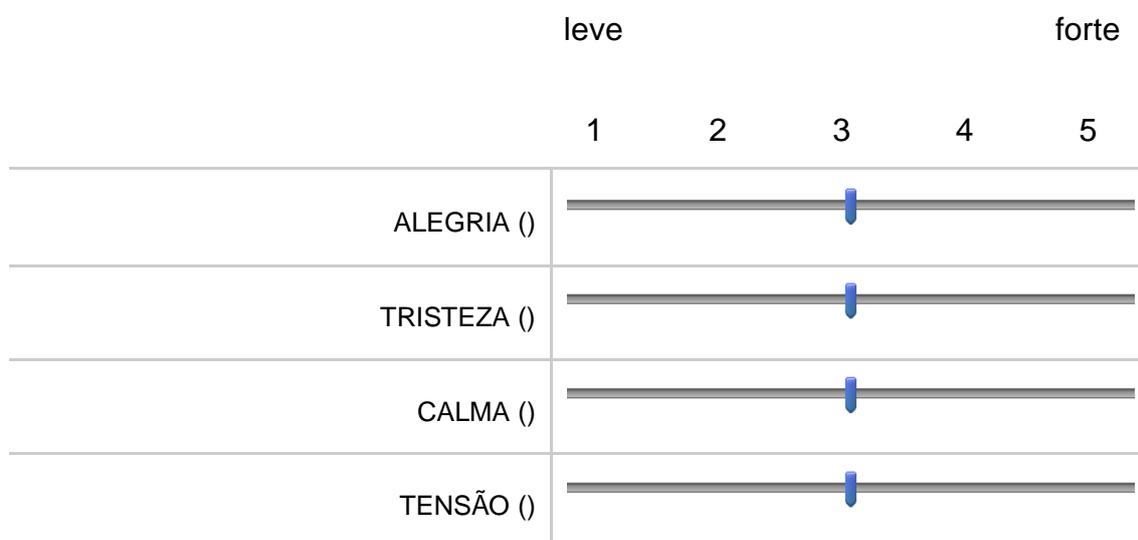
Assim, gostaria de saber com qual intensidade você sentiu estas emoções em cada uma destas situações:

Nota: Tenha certeza de clicar na barra indicando a intensidade de cada emoção, ao menos uma vez, antes de passar para a próxima questão, especialmente se for escolher o ponto de médio localizado no 3.

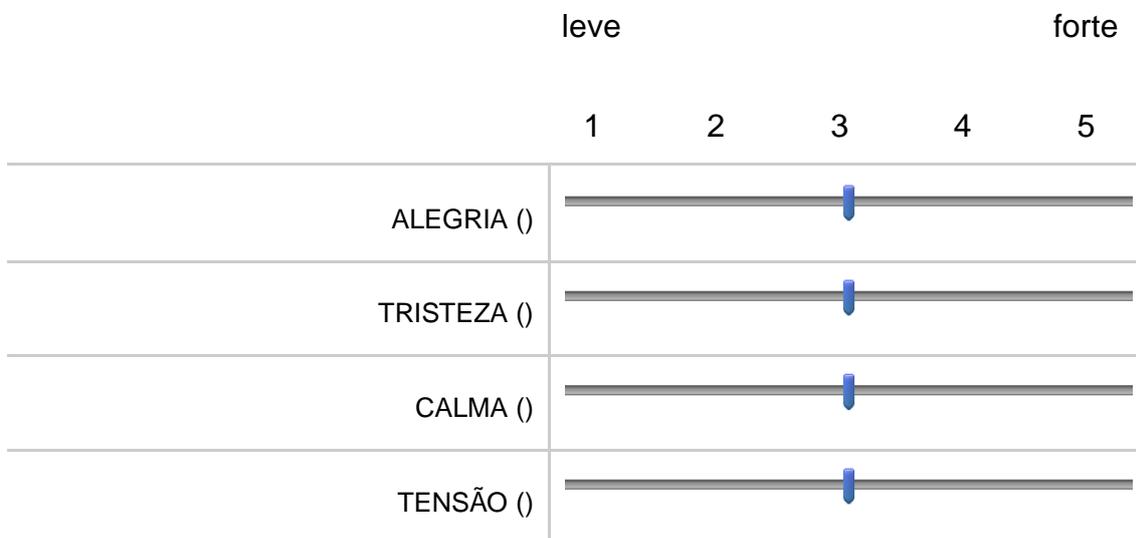
Q2.2 Qual a intensidade das emoções sentidas: ao receber visitas de familiares e/ou amigos em casa



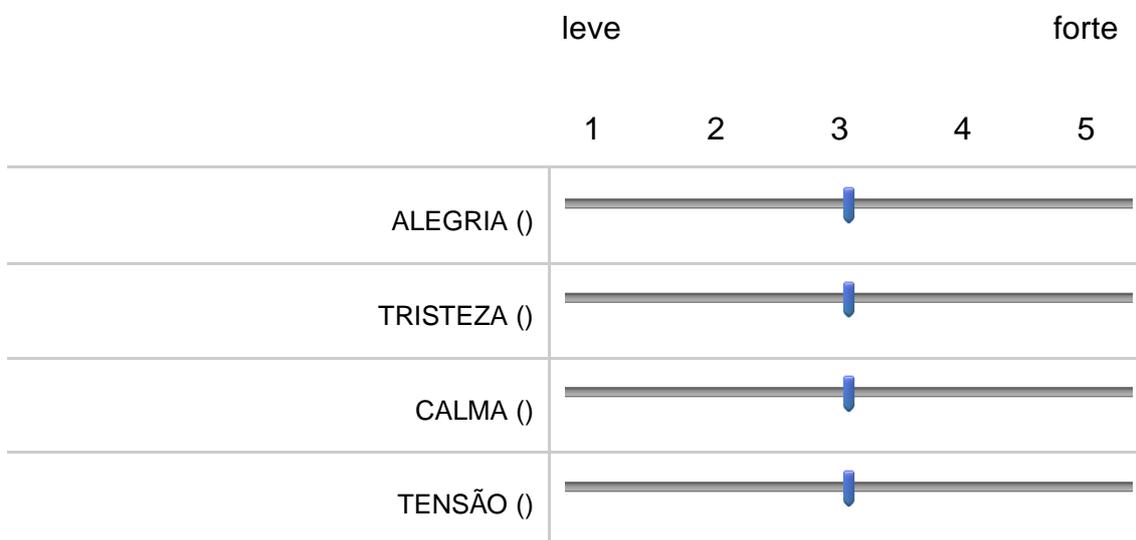
Q2.3 Ao trabalhar ou estudar isolado em casa



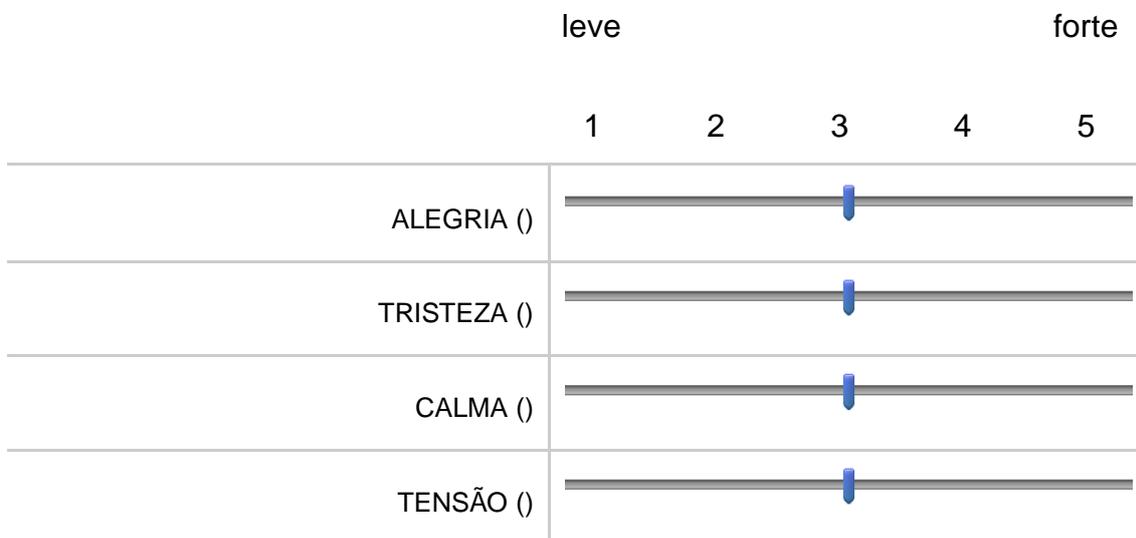
Q2.4 Trabalhar e/ou estudar em casa com outras pessoas ao lado



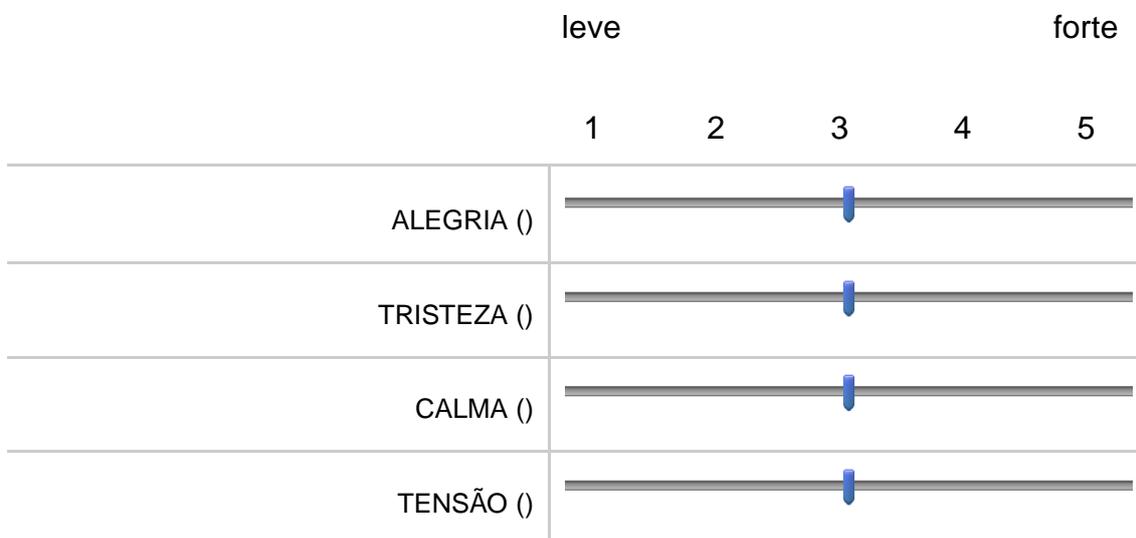
Q2.5 Ao tratar com pessoas estranhas como entregadores trazendo produtos ou compras em casa



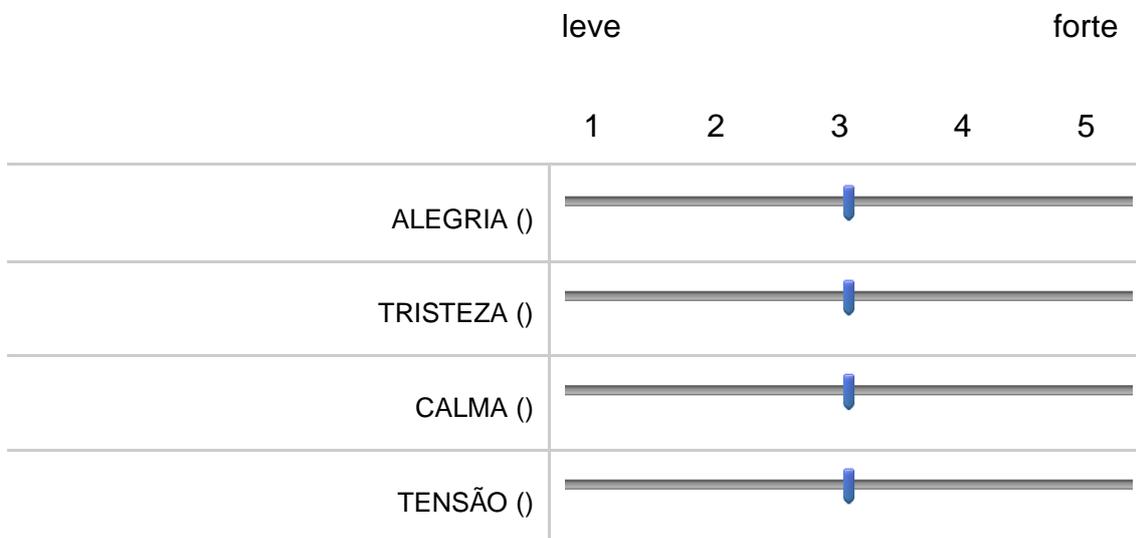
Q2.6 Fazer exercícios físicos sozinho em casa



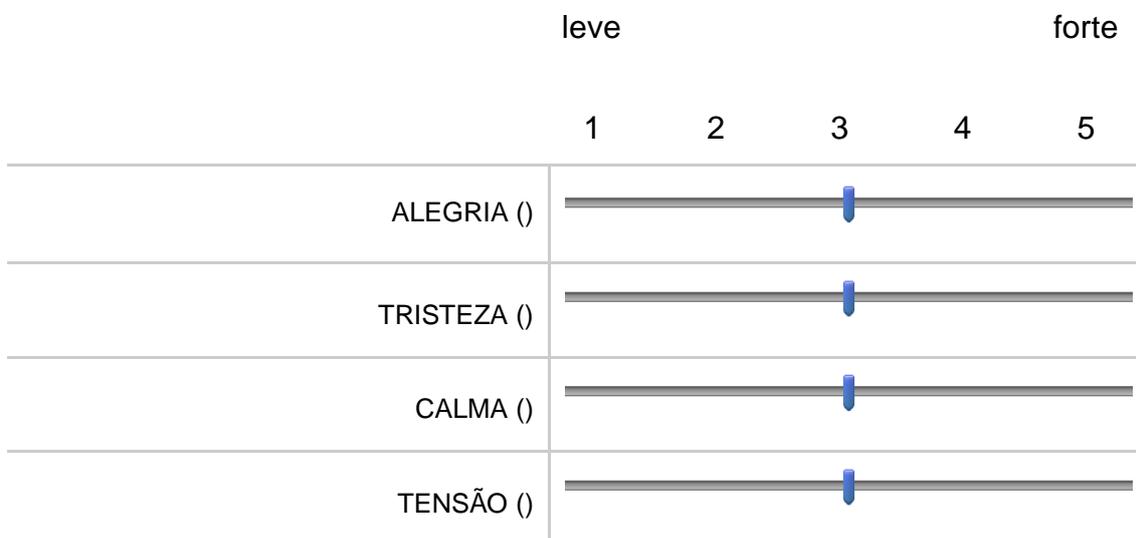
Q2.7 Trabalhar e/ou estudar por vídeo chamada



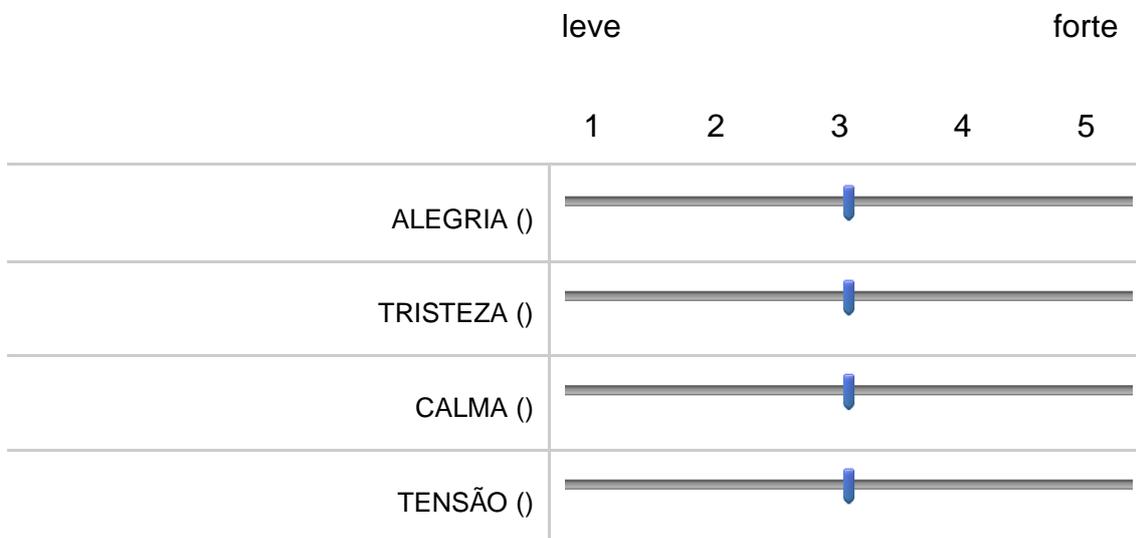
Q2.8 Olhar a cidade e a natureza lá fora só pela janela



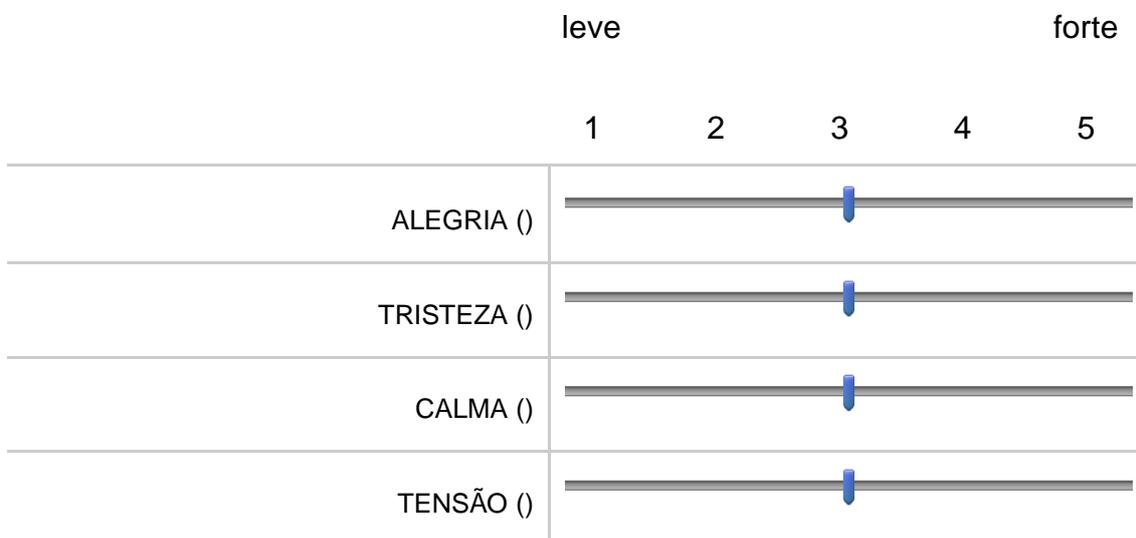
Q2.9 Ao ficar sozinho em casa

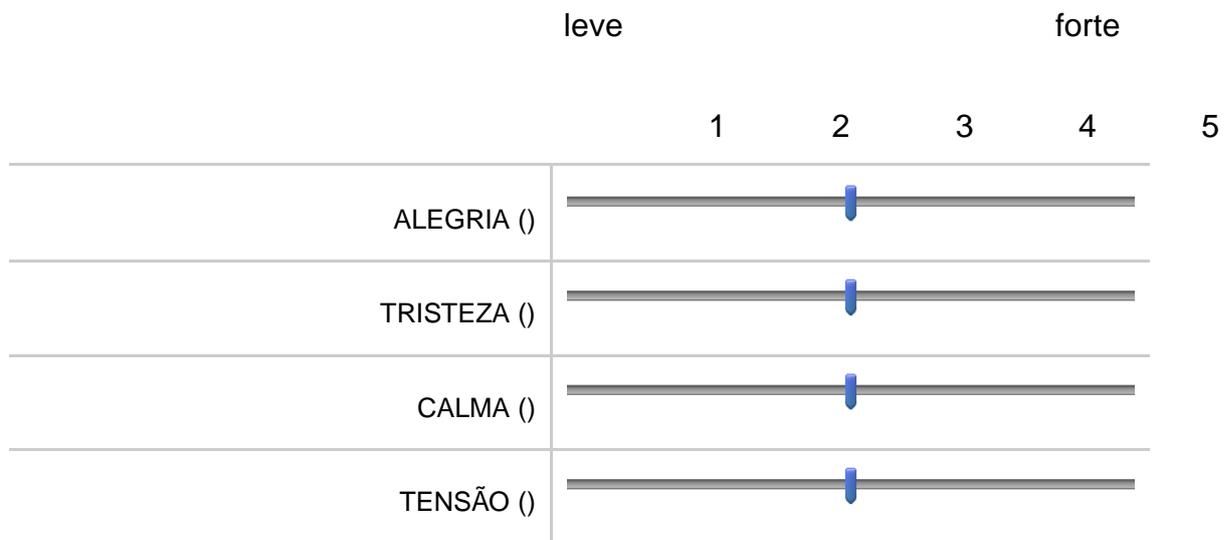
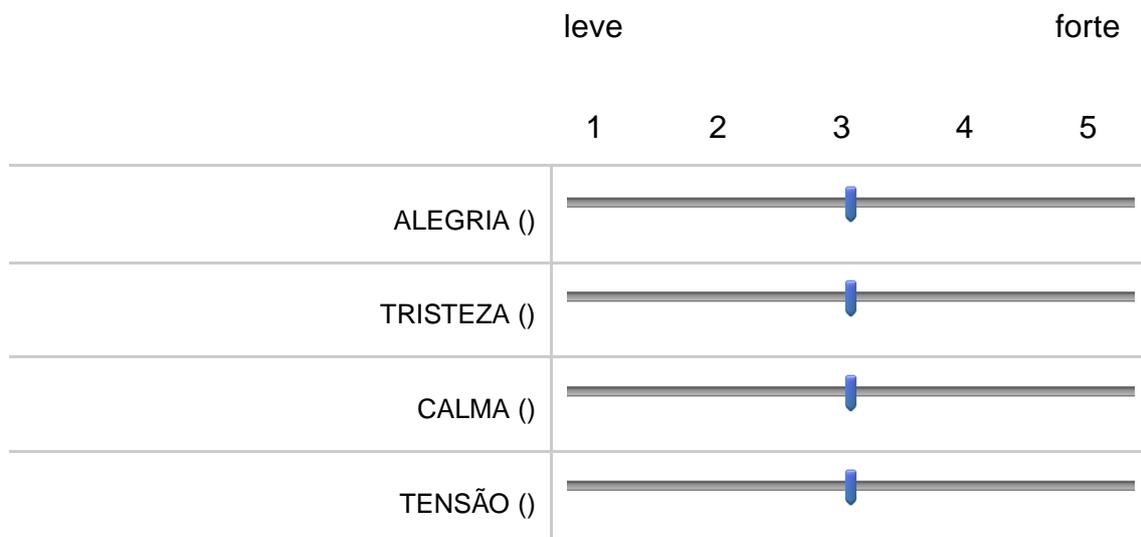


Q2.10 Ao conversar com amigos e/ou familiares por vídeo chamada



Q2.11 Ao ter que fazer tarefas como limpar a casa, lavar roupa ou cozinhar



Q2.12 Ao ter que ficar sem sair de casa**Q2.13** Ao tentar me concentrar em um trabalho com outras pessoas em casaFrequência das situações ocorridas na casa

Q3.1 Durante o período de pandemia do COVID-19 iniciada no último ano até o momento atual, com que frequência você esteve nas seguintes situações:

Q3.2 Com qual a frequência você costumou receber visitas de familiares e/ou amigos em casa

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muito frequentemente (5)

Q3.3 Qual a frequência você trabalhou ou estudou isolado em casa

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemnte (4)
- muito frequentemente (5)

Q3.4 Qual a frequência você trabalhou e/ou estudou em casa com outras pessoas ao lado

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muito frequentemente (5)

Q3.5 Com qual frequência você teve que tratar com pessoas estranhas como entregadores trazendo produtos ou compras em casa

- nunca (1)
- raramente (2)

as vezes (3)

bastante (4)

muito (5)

Q3.6 Com qual frequência você fez exercícios físicos sozinho em casa

nunca (1)

raramente (2)

as vezes (3)

bastante (4)

muito (5)

Q3.7 Com qual frequência você trabalhou e/ou estudou por vídeo chamada

nunca (1)

raramente (2)

as vezes (3)

bastante (4)

muito (5)

Q3.8 Com qual frequência você parou para olhar a cidade e a natureza lá fora só pela janela

nunca (1)

raramente (2)

as vezes (3)

bastante (4)

muito (5)

Q3.9 Com qual frequência você ficou sozinho em casa

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- bastante (4)
- muito (5)

Q3.10 Qual a frequência de você conversar com amigos e/ou familiares por vídeo chamada

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- bastante (4)
- muito (5)

Q3.11 Qual a frequência de você fazer tarefas como limpar a casa, lavar roupa ou cozinhar

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- bastante (4)
- muito (5)

Q3.12 Qual a frequência em que você ficou sem sair de casa

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)

bastante (4)

muito (5)

Q3.13 Com qual frequência você teve que se concentrar em um trabalho com outras pessoas em casa

nunca (1)

raramente (2)

as vezes (3)

bastante (4)

muito (5)

Emoções sentidas em áreas abertas

Q4.1 Agora pensando em sua experiência durante a pandemia no ambiente aberto público, como parques e praças, você poderia me dizer com qual intensidade experimentou as emoções nas seguintes situações:

Nota: Lembre-se de clicar a barra indicando a intensidade de cada emoção, ao menos uma vez, antes de passar para a próxima questão; especialmente se for escolher o ponto médio, 3.

Q4.2 Qual a intensidade das emoções sentidas: Ao estar em ambiente aberto perto de árvores e da natureza

	leve				forte
	1	2	3	4	5
ALEGRIA ()					
TRISTEZA ()					
CALMA ()					

TENSÃO ()



Q4.3 Ao ir sozinho correr ou caminhar em pista de caminhada de parque ou praça

leve

forte

1

2

3

4

5

ALEGRIA ()



TRISTEZA ()



CALMA ()



TENSÃO ()



Q4.4 Ao fazer atividades esportivas com outras pessoas conhecidas em um espaço público aberto

leve

forte

1

2

3

4

5

ALEGRIA ()



TRISTEZA ()



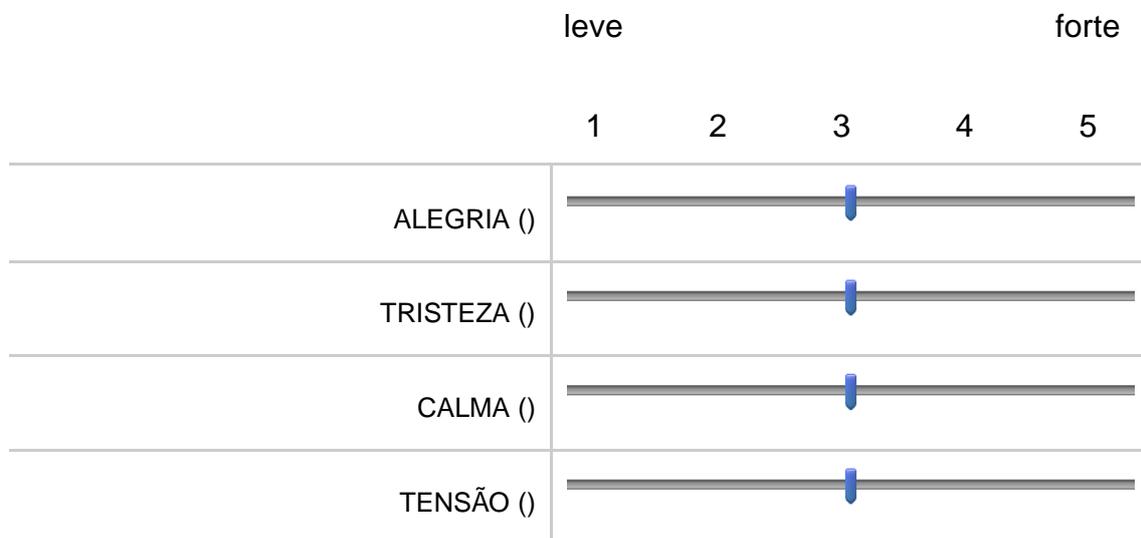
CALMA ()



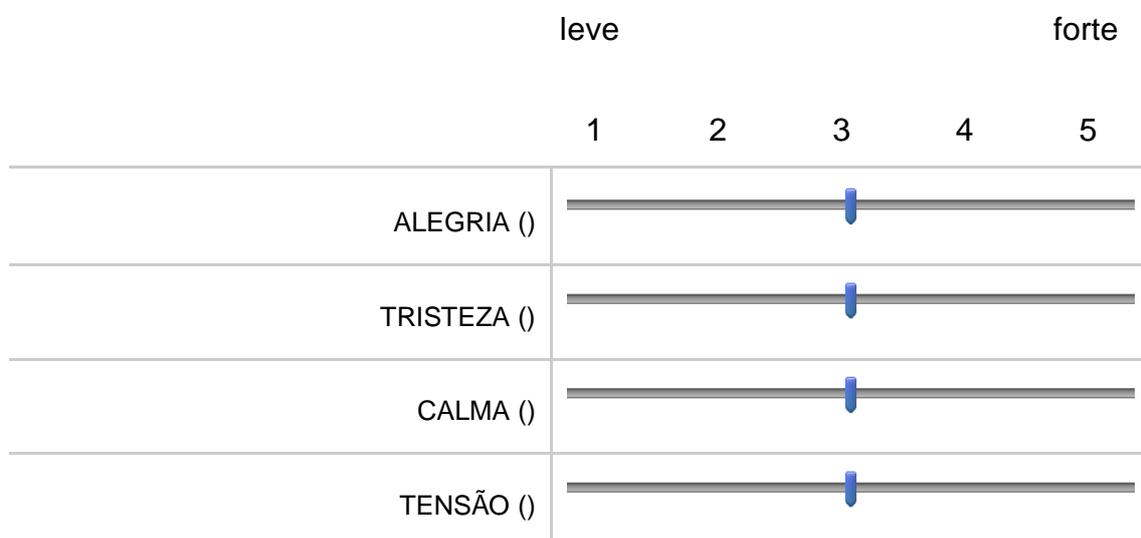
TENSÃO ()



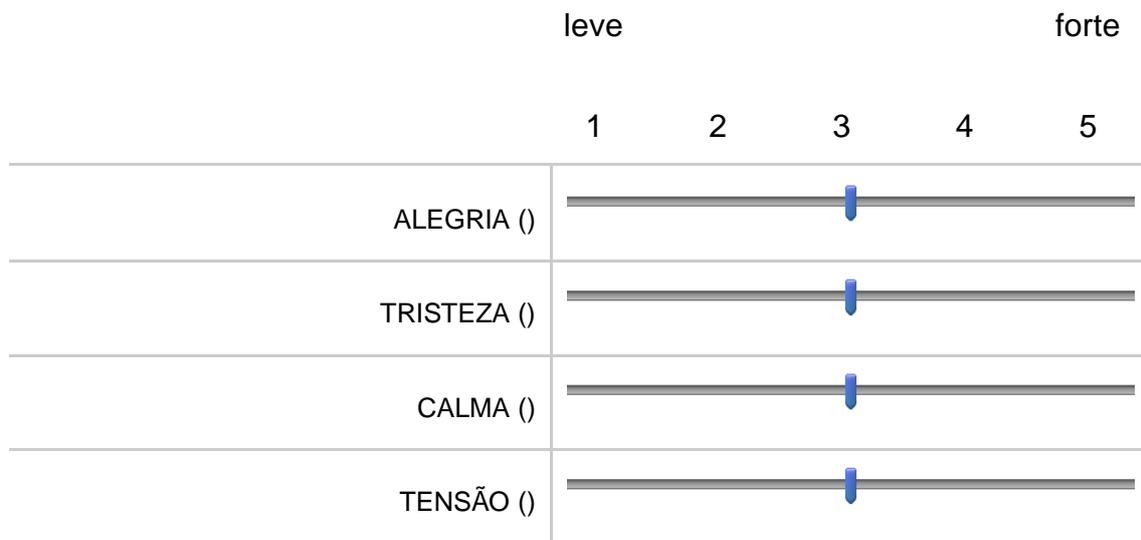
Q4.5 Ao ir a um parque e fazer atividades com outras pessoas desconhecidas



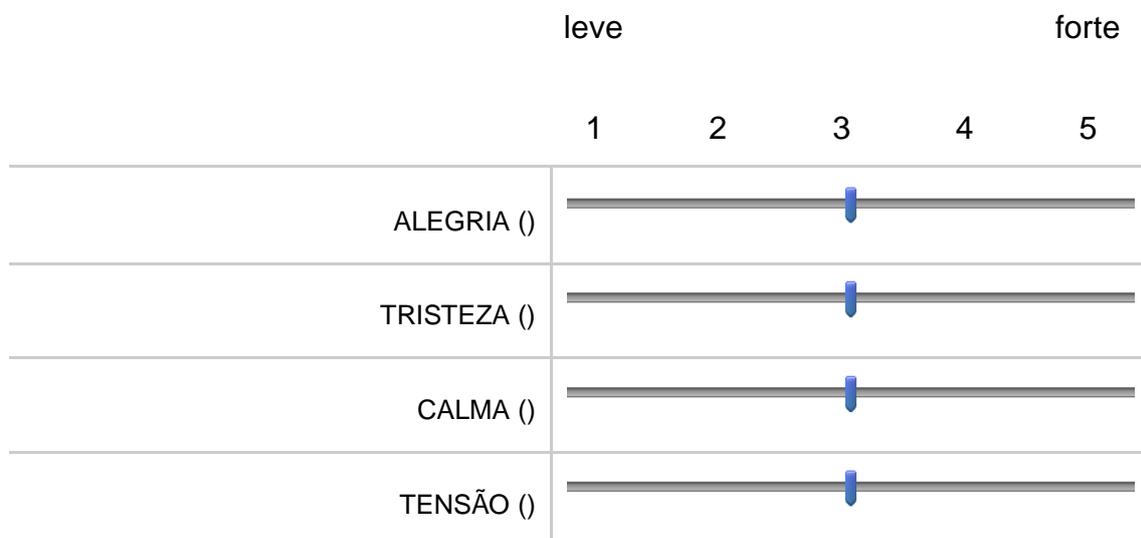
Q4.6 Ao estar em um lugar gramado para tomar sol e sentir sons da natureza



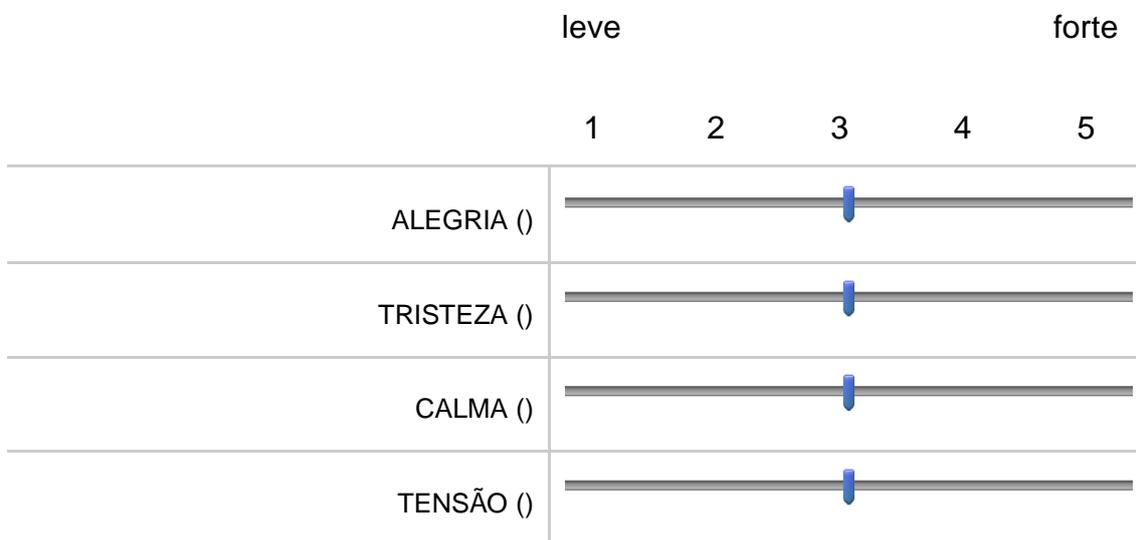
Q4.7 Ao passear no parque com amigos e/ou familiares



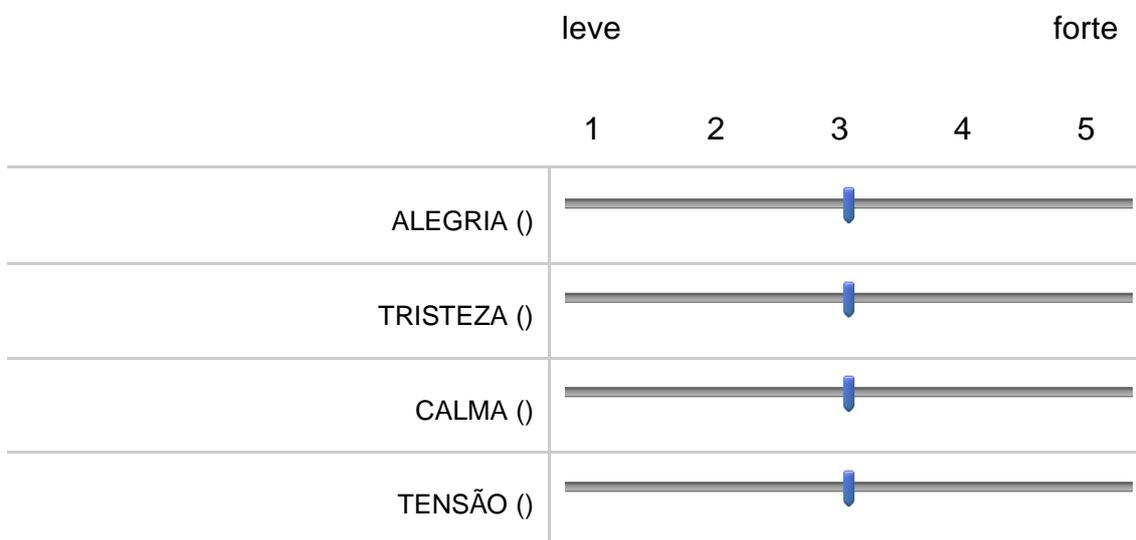
Q4.8 Ao caminhar ou andar de bicicleta, patins ou skate em parques públicos



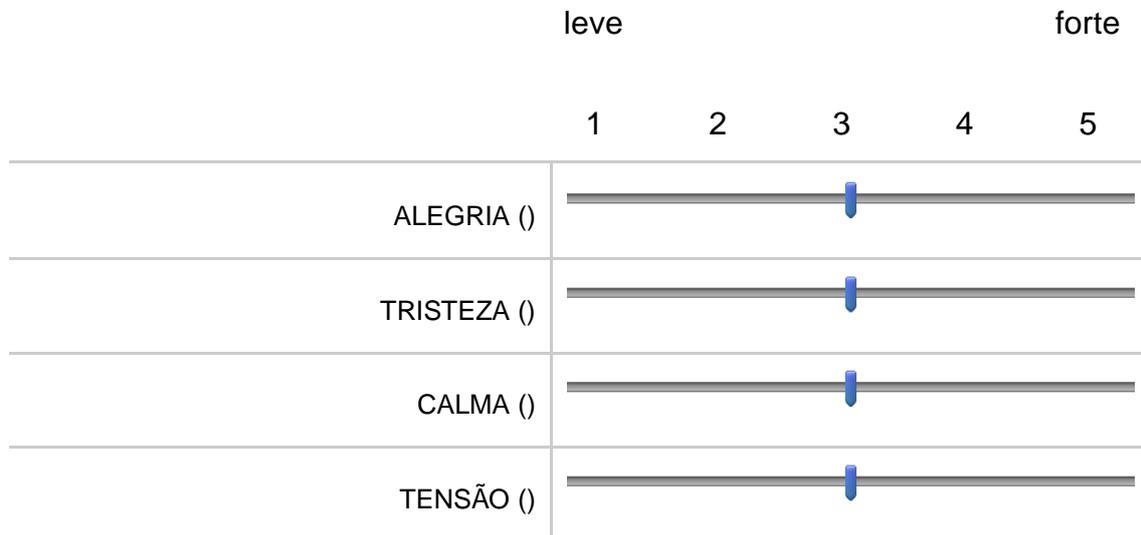
Q4.9 Ao contemplar a natureza, tanto o verde das plantas como também o rio ou mar



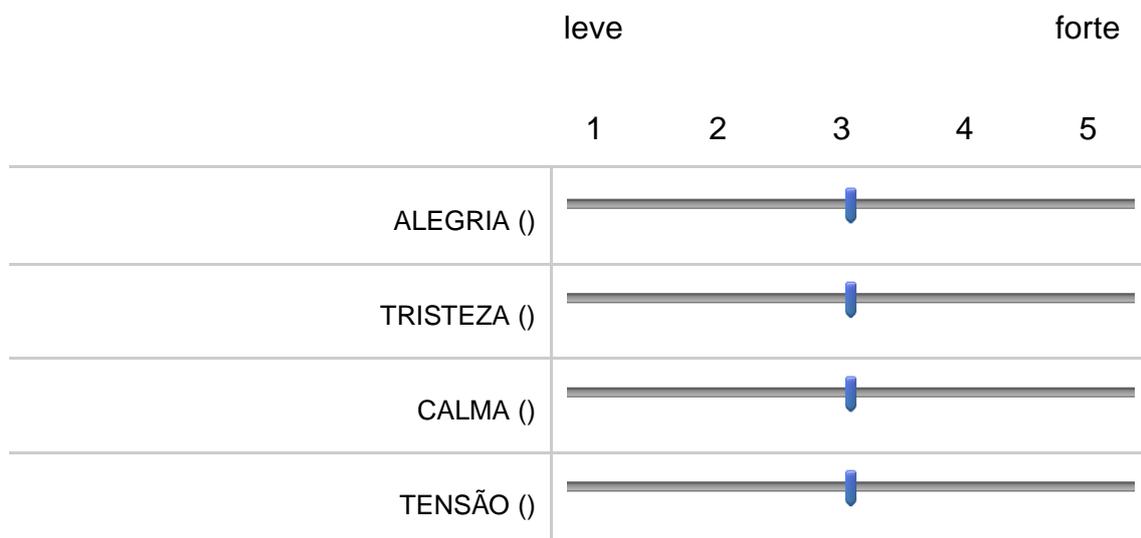
Q4.10 Ao ir a feira de rua para comprar alimentos



Q4.11 Ao caminhar na rua ou levar o cachorro para passear



Q4.12 Ao comemorar datas especiais com amigos e/ou familiares em ambiente aberto



Frequência das situações ocorridas em áreas abertas

Q5.1 Durante o período de pandemia do COVID-19 iniciada no último ano até o momento atual, com que frequência você esteve nas seguintes situações:

Q5.2 Com que frequência você foi sozinho correr ou caminhar em pista de caminhada de parque ou praça

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muita (5)

Q5.3 Com que frequência você fez atividades esportivas com outras pessoas em um espaço público aberto

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muita (5)

Q5.4 Com que frequência você foi a um parque e fez atividades com a presença de outras pessoas desconhecidas

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muita (5)

Q5.5 Com que frequência você esteve em um lugar gramado para tomar sol e sentir sons da natureza

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muita (5)

Q5.6 Com que frequência você foi passear no parque com amigos e/ou familiares

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muita (5)

Q5.7 Com que frequência você foi caminhar ou andar de bicicleta, patins ou skate em parques públicos

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muita (5)

Q5.8 Com que frequência você esteve contemplando a natureza, tanto árvores, matas, rio ou mar

- nunca (1)

- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muita (5)

Q5.9 Com que frequência você foi a feira de rua para comprar alimentos

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muita (5)

Q5.10 Com que frequência você foi caminhar na rua ou levar o cachorro para passear

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)
- muita (5)

Q5.11 Com que frequência você comemorou datas especiais com amigos e/ou familiares em ambiente aberto

- nunca (1)
- raramente (2)
- as vezes (3)
- frequentemente (4)

muita (5)

Informações pessoais

Q6.1 Agora eu preciso de algumas informações sobre você para que a análise do meu trabalho fique mais completa. Como dito anteriormente, as informações coletadas neste questionário serão utilizadas somente para fins acadêmicos visando conhecer como você se sentiu neste momento de isolamento social e mudanças de hábitos de vida.

Q6.2 Qual a sua faixa etária?

menos de 20 anos (1)

21 a 30 anos (2)

31 a 40 anos (3)

41 a 60 (4)

mais de 60 (5)

Q6.3 Qual a sua escolaridade?

Sem escolaridade (1)

Ensino Fundamental (2)

Ensino Médio (3)

Curso técnico ou superior (4)

Pós-Graduação (5)

Q6.4 Como você define seu gênero?

Masculino (1)

Feminino (2)

Outro (3)

Q6.5 Qual sua renda familiar?

- Sem rendimento (1)
- Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.100,00) (2)
- Entre 1 e 3 salários mínimos (até R\$ 3.300,00) (3)
- Entre 3 e 5 salários mínimos (até R\$5.500,00) (4)
- Entre 5 e 10 salários mínimos (até R\$11.000,00) (5)
- Entre 10 e 15 salários mínimos (até - R\$16.500,00) (6)
- Entre 15 e 20 salários mínimos (até - R\$22.000,00) (7)
- Acima de 20 salários mínimos (mais que R\$22.000,01) (8)

Q6.6 Quantas pessoas moram na mesma casa que você?

- 1 (1)
- 2 a 3 (2)
- 4 a 5 (3)
- 6 a 7 (4)
- mais de 7 (5)

Q6.7 Quantos computadores e tablets estão disponíveis na sua casa?

- 0 (1)
- 2 (2)
- 3 (3)
- 4 (4)
- 5+ (5)

Q6.8 Neste último ano, quanto tempo você costumou estar online por dia (em horas)?

- 1 (1)
- 2-3 (2)
- 4-5 (3)
- 6 -7 (4)
- mais de 7 (5)

Q6.9 Em qual bairro você mora?

Q6.10 Existe algum parque ou espaço público aberto perto de sua casa, que vc possa ir caminhando em 15 minutos? Se sim, diga qual o nome do que se encontra mais perto.

- Sim (1) _____
- Não (2)

Q6.11 Qual o parque ou lugar público aberto que você costuma ir?

Q6.12 No último ano, em geral quantas vezes você visitou um parque por semana?

- Menos de 1 vez (1)
- 1 vez (2)
- Entre 2 e 3 vezes (3)
- Entre 4 e 5 vezes (4)
- Mais de 5 vezes (5)